

# Avante!

Exigência justa expressa nas ruas

## Vida melhor para quem trabalha

Depois da «semana de acção» da CGTP, que ficou assinalada com manifestações em Lisboa, Braga, Viseu, Porto e outras cidades, milhares de



trabalhadores da Administração Pública desfilaram terça-feira na capital, contestando a velha política de contenção dos salários.

Pág. 5

Comité Central aprovou Proposta Resolução Política ao XVI Congresso

## Uma elevada consciência política, ideológica e de classe do colectivo partidário

O Comité Central do PCP, reunido no passado domingo, procedeu ao balanço da terceira fase preparatória do XVI Congresso e aprovou a Proposta de Resolução Política. Encerrada esta fase, também o *Avante!* conclui neste número a publicação de textos enviados à *Tribuna do Congresso*.



Págs.  
13  
a 28



António Abreu

### O primeiro candidato

António Abreu foi o primeiro a formalizar a sua candidatura às eleições presidenciais, procedendo à entrega, no Tribunal Constitucional, das assinaturas necessárias.

Pág. 9

### Estudantes em Luta

### Manifestação no Porto

Cerca de dez mil estudantes de 25 escolas secundárias protestaram anteontem, no Porto, exigindo a suspensão da reunião curricular e foram agredidos à bastonada pela PSP. Contabilizaram-se dez feridos.

Pág. 40

### Congresso Internacional

### Cidades Educadoras

Lisboa acolheu este ano o VI Congresso Internacional das Cidades Educadoras. Uma iniciativa que contou com a participação de António Abreu, na sua qualidade de vereador da Educação da Câmara Municipal.

Pág. 11

**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNIAOS!

PROPRIEDADE  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.ª A, - 1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matrícula: 47058.  
NIF - 500 090 440

DIRECÇÃO E REDACÇÃO  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

Director  
José Casanova

Chefe de Redacção  
Leandro Martins

Chefe Adjunto  
Anabela Fino

Redactores  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lígia Calapez  
Margarida Folque

Grafismo  
José Araújo

Fotografia  
Jorge Caria  
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO  
DISTRIBUIÇÃO ADE's  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL  
DELTAPRESS  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linha - 2710 Sintra  
Tel. 21 924 04 47  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS\*  
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL  
(Contínente e Regiões  
Autónomas)

50 números: 8 100\$00

25 números: 4 200\$00

EUROPA

50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,  
S. TOMÉ E PRÍNCIPE  
e MACAU

50 números: 23 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

Composição e impressão  
Heska Portuguesa, SA

Campo Raso

2710 - 139 Sintra

Depósito legal n.º 205/85



s da Administração Local  
nicipio de Odiveelas

Trabalhadores exigem melhores condições de vida

## Resumo

### 22 Quarta-feira

António Abreu, em convívio com apoiantes na Amadora, afirma que a sua candidatura «é para levar até ao fim» • Professores desempregados entregam uma moção ao Governo Civil de Viseu e à Coordenação da Área Educativa onde exigem a vinculação aos quadros após dois anos de serviço • Em Espanha, o ministro da Agricultura, Miguel Arias Cañete, comunica a descoberta de dois casos de BSE • O jornalista Carlos Cardoso, editor do jornal fax Metical de Moçambique, é assassinado • Uma emboscada do exército israelita, em Gaza, mata quatro palestinianos e fere dois.

### 23 Quinta-feira

A CGTP promove uma manifestação em Lisboa, no quadro de uma semana de luta • A alteração pelo Governo do modelo de alienação da Portugal Telecom, impede o BES o maior accionista a seguir ao Estado de adquirir mais dois por cento do grupo • A taxa de desemprego sobe para 4 por cento no terceiro trimestre deste ano • Espanha decide abater todos os animais contaminados com BSE • O presidente palestiniano, Yasser Arafat, denuncia a escalada militar dos israelitas • A base aérea de Bissalanca, bastião do general Ansumane Mané, é tomada pelas forças leais ao presidente da Guiné-Bissau, Kumba Ialá.

### 24 Sexta-feira

O ministro do Equipamento Social, Jorge Coelho, anuncia que a remodelação do Aeroporto Francisco Sá Carneiro sofre um acréscimo de sete milhões ao inicialmente previsto • O primeiro bovino com BSE detectado nos Açores provém da Alemanha • Yasser Arafat reúne-se com o presidente russo Vladimir Putin mantendo simultaneamente contacto telefónico com o primeiro ministro Ehud Barak, para discutirem a forma de pôr termo aos conflitos • O bispo de Bissau e o representante especial do secretário-geral da ONU garantem à agência Lusa que Ansumane Mané não foi preso.

### 25 Sábado

A adesão à greve por parte do pessoal de cabina foi de cem por cento de acordo com os sindicatos da TAP • No III Congresso dos Empresários do Centro em Viseu, o ministro Pina Moura anuncia baixa do IRS em 2001, de 30 para 28 por cento • O director-geral da UNESCO, Koichiro Matsuura, condena o

assassinio do jornalista moçambicano Carlos Cardoso • A Força Multinacional de Manutenção da Paz da NATO no Kosovo entrega às autoridades jugoslavas os corpos de três polícias desaparecidos na sequência de combates entre a polícia sérvia e um grupo de albaneses independentistas.

### 26 Domingo

António Abreu almoça em Beja com apoiantes • O tribunal de Lisboa dá razão à Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo na acção que interpôs contra a TAP, impedindo-a de baixar as comissões sobre os bilhetes • A secretária de Estado Katherine Harris anuncia a vitória de Bush no estado da Florida • O Alto-Comissariado da ONU para os refugiados (ACNUR) revela que mais de mil albaneses fugiram do sudeste da Sérvia para o Kosovo.

### 27 Segunda-feira

Com a entrega de mais três mil assinaturas do que o mínimo exigido, António Abreu é o primeiro candidato a registar-se no Tribunal Constitucional • Os comerciantes de carne da cidade do Porto manifestam-se e exigem do Governo e entidades competentes que assumam uma posição «transparente» e clara sobre a questão das vacas loucas • No primeiro dia de reunião dos chefes da diplomacia da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, o presidente jugoslavo, Vojislav Kostunica, assina os textos de adesão à OSCE • A alta-comissária da ONU para os Direitos Humanos, Mary Robinson, denuncia a «situação intolerável» das populações civis palestinianas submetidas a «um uso excessivo da força».

### 28 Terça-feira

Trabalhadores da Administração Pública manifestam-se em Lisboa para exigir melhores salários • A manifestação no Porto dos alunos do secundário acaba com a intervenção da polícia e duas alunas no hospital • O presidente da Associação Nacional das Farmácias diz que a dívida do Ministério às farmácias se agravou em 11 milhões de contos entre Outubro e Novembro • Ehud Barak anuncia a redução das pressões económicas contra os palestinianos • A Holanda aprova uma lei sobre eutanásia e suicídio assistido • O governo guineense demite Isidoro Afonso Rodrigues, director da emissora oficial e principal voz radiofónica da Junta Militar durante o levantamento de 1998 e 1999.

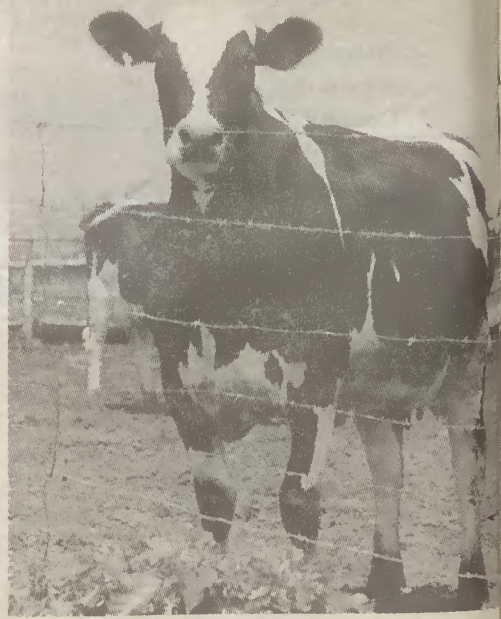
## Aconteceu

### Vaca alemã com BSE detectada nos Açores

Foi notícia esta semana a detecção de uma vaca com BSE na ilha de S. Miguel, nos Açores, já abatida em Outubro último, tendo a carcaça sido destruída e enviada para análise ao Laboratório Nacional de Investigação Veterinária. O animal fora importado em 1998 da Alemanha já infectado, constituindo assim o primeiro caso de BSE detectado neste país, tendo as autoridades alemãs já isolado em cordão sanitário a vacaria de origem deste animal, mandando analisar todos os efectivos. Entretanto, as autoridades portuguesas decidi-

ram de imediato abater os 2642 animais importados do estrangeiro para os Açores, procurando assim cortar, de raiz, qualquer hipótese de proliferação da doença neste território, até aqui isento da chamada «doença das vacas loucas». Esta operação será eficaz, ao que garante o secretário regional da Agricultura do executivo açoreano, Ricardo Rodrigues, pois as autoridades regionais dispõem de um registo completo de todos os animais importados. O abate de todos estes animais vai custar a erário público cerca de um milhão de contos. Em Espanha e

na Dinamarca foram também detectados recentemente, e pela primeira vez, animais nacionais portadores da BSE, juntando-se assim, com a Alemanha, ao rol de países comunitários onde a vigilância e prevenção desta doença se mostrou ineficaz.



### Detenções em Bissau e Ansumane em fuga

A tentativa de golpe de Estado desencadeada a semana passada na Guiné-Bissau pelo brigadeiro Ansumane Mané contra o regime presidido por Kumba Ialá abortou dois dias depois com a contra-ofensiva de militares leais ao presidente, que se renderam sem grande resistência após curtos combates cujas baixas não foram ainda apuradas nem divulgadas, tendo Ansumane Mané fugido com um reduzido número de homens para o interior do país, continuando sem se saber o seu paradeiro. Na sequência da neutralização do golpe, o regime tutelado por Kumba Ialá desencadeou uma vaga de prisões e detenções domiciliárias dos seus presumíveis opositores civis

e militares sem, entretanto, formalizar até agora qualquer acusação ou, mesmo, admitir oficialmente muitas dessas prisões e detenções. Entre os presos está Francisco Benante, presidente do PAIGC, a par de vários dirigentes de outros partidos mais pequenos da oposição, dando os jornais portugueses nota de que a lista de detidos coincide, genericamente, com a lista de todos os que, de alguma forma, criticaram ou se opuseram à governação actual do país. O primeiro-ministro, Caetano Ntchama, declarou entretanto à AFP que «enquanto não tivermos encontrado o general Ansumane Mané, consideramos que estamos em estado de guerra».

### Violência neonazi na Alemanha preocupa Sindicato da Polícia

Segundo o Diário de Notícias, o presidente do Sindicato da Polícia alemã,

Konrad Freiberg, considera que a situação das actividades e da violência da extrema-direita no país «é bem pior do que a indicada pelas estatísticas oficiais de criminalidade», pelo que pediu ao Governo que elaborasse um relatório anual sobre as actividades dos neonazis para ser discutido no Parlamento. E Freiberg especifica, numa entrevista ao Osnabrücker Zeitung: «A violência de extrema-direita não é conotada nos crimes de

roubo, vandalismo e ofensas corporais porque os culpados se negam a prestar declarações e as vítimas e eventuais testemunhas têm medo de represálias», defendendo que devem ser criadas condições para que as pessoas possam testemunhar em segurança. Estas declarações vêm a lume na altura em que se descobriu que uma criança de seis anos, germano-iraquiana, foi assassinada há três anos por três indivíduos entre os 20 e os 25 anos.

### O IP-4 volta a matar oito pessoas num só dia

Num só dia, morreram oito pessoas em dois violentos acidentes de viação ocorridos no fatídico Itinerário Principal n.º 4 - mais conhecido por IP-4 -, a via de construção recente que liga o Porto a Bragança. No primeiro acidente, um Mercedes transportando quatro mulheres (três delas entre os 18 e os 28 anos) despistou-se e embateu frontalmente num Lancia que circulava em sentido contrário e era ocupado por um tio e um sobrinho de 10 anos. Tiveram todos morte quase imediata. Uma outra viatura, ocupada por quatro jovens com idades entre os 16 e os 20 anos, também se acidentou no IP-4 matando os dois jovens que viajavam no banco traseiro e ferindo gravemente os da frente. Supõe-se que a chuva e o excesso de velocidade estarão na origem destes dois trágicos acidentes, que desencadearam de imediato antigos protestos e reclamações dos numerosos utentes desta via, apontando, nomeadamente, a nunca cumprida rectificação do seu traçado - desde sempre considerado mal construído - e a falta de vigilância policial, apesar do IP-4 estar há mais de um ano sob o regime de «Tolerância Zero».

### SIDA e droga aumentam nas prisões portuguesas

Segundo o último relatório dos serviços prisionais, «a infecção pelo HIV é a primeira causa de morte da população prisional» no nosso país, atingindo o ano passado os 43% dos 109 óbitos ocorridos no sistema prisional, com a agravante de cerca de 90% destas vítimas da SIDA serem também toxicodependentes, havendo uma relação directa entre o consumo de drogas injectáveis e a transmissão do

vírus da SIDA (e de outras doenças mortais como a Hepatite B) por essa via. Por outro lado, o consumo de droga - nomeadamente a injectável - não pára também de subir nas prisões, o que colocou na ordem do dia a troca de seringas nas prisões proporcionada pelos próprios serviços prisionais, à semelhança do que já se faz noutros países da União Europeia, nomeadamente em Espanha.

## Crónica Internacional

• Ângelo Alves

# Desigualdades inaceitáveis!

«Se você fosse um operário da General Electric ganharia cerca de 25000 dólares por ano. Fique sabendo que, nesse caso, teria que trabalhar 3663 anos para igualar aquilo que o director executivo da General Electric, Jack Welch, recebeu no ano passado, incluindo as opções de acções (stock options).»

A afirmação é da revista «The economist» de 23 de Setembro referindo-se a um estudo publicado num web-site da responsabilidade da AFL/CIO que compara os rendimentos dos patrões e directores executivos das grandes corporações norte-americanas com o salário dos trabalhadores dessas mesmas empresas.

Visitando o site (www.paywatch.org) ficamos a saber que um director executivo de uma grande empresa norte-americana ganhou em 1999, em média, 12,4 milhões de dólares, ou seja, ganhou seis vezes mais do que recebia um director executivo em 1990, mais 17% do que ganhou em 1998, e 475 vezes mais do que um operário médio dessa mesma empresa!

Este é um exemplo da profunda exploração e injustiça social que reina na maior potência capitalista do mundo. De facto, no país em que se gastou 600 milhões de contos em campanhas eleitorais para as presidenciais, as injustiças são chocantes. Segundo Morris Berman

(professor da universidade Johns Hopkins, escritor, antropólogo e historiador) em entrevista ao «Público» de 7 de Set. de 2000, 1% da população dos EUA detém 47% da riqueza. Segundo o último relatório da UNICEF «The progress of nations 2000» os EUA são o segundo país da OCDE em que a per-

centagem de crianças pobres é maior – 22,4% das crianças dos EUA vivem na pobreza, afirma o relatório.

É esta a realidade de um país que desde 1973 viu subir a sua produtividade 30% mas cujos trabalhadores viram diminuir 9% os seus salários reais.

Mas se esta é a dura realidade vivida por milhões de norte-americanos, no plano mundial o quadro é mais negro. São vários os relatórios que põem a nu as contradições capitalistas mais gritantes dos nossos dias.

Segundo um relatório da FAO (organismo da ONU para a alimentação e agricultura) de Setembro deste ano «são 800 milhões as pessoas que reclamam uma ajuda (...) que lhes permita escapar ao flagelo da fome que mata», no entanto, «a produção mundial é hoje mais que suficiente para alimentar convenientemente os 6 mil milhões de pessoas» que povoam o nosso globo.

O relatório sobre o desenvolvimento mundial 2000/2001 do Banco Mundial é claro: «2,8 mil milhões de pessoas (quase metade da população do globo) vivem com menos de 2 dólares por dia e 1,2 mil milhões (um quinto) com menos de 1 dólar (aproximadamente 200\$00) por dia».

Mas se em algumas zonas do globo as situações de pobreza existem há décadas, outras há que em 10 anos assistiram a aumentos exponenciais da pobreza e a autênticas hecatombes sociais. Segundo o relatório do PNUD (Programa da ONU para o Desenvolvimento) de 1999 - Transição, relatório do desenvolvimento humano para a Europa Central e de Leste e Comunidade de Estados Independentes (ex-URSS) - «A pobreza na Europa de Leste e CEI aumentou de 4% da população em 1988 para 32% em 1994, ou seja, de 13,6 milhões para 119,2 milhões de pessoas».

Entretanto do outro lado da barreira de classe «as 200 pessoas mais ricas do mundo mais do que dobraram a sua riqueza entre 1994 e 1998» (relatório do desenvolvimento humano 1999 - PNUD) e em 2000 «a sua riqueza combinada atingiu 1 bilião de dólares! (1012 dólares). Isto ao mesmo tempo que os rendimentos combinados dos 582 milhões de pessoas que vivem nos 43 países menos desenvolvidos do mundo é de 146 mil milhões de dólares» (relatório do desenvolvimento humano 2000 - PNUD), ao mesmo tempo que «mais de mil milhões de pessoas não têm acesso a água potável», que «2,5 mil milhões de pessoas não têm acesso a dispositivos sanitários» (The progress of nations 2000 - UNICEF), que «30000 crianças morrem por dia de causas ou doenças evitáveis» (Rel. Desenvolvimento Humano 2000 - PNUD).

Efectivamente a luta de classes está aí, mais profunda que nunca. O capitalismo demonstra, em cada ano que passa, a incapacidade sistémica para satisfazer as necessidades de uma imensa maioria da população. São de facto desigualdades inaceitáveis! Cabe-nos a nós, comunistas, e a muitos outros milhões no mundo lutar contra elas. Lutar pela alternativa, possível e cada vez mais necessária: a superação revolucionária deste sistema desumano. A vida mostrou que este processo é complicado e moroso. No entanto, ela também demonstra claramente que o futuro dos povos está na sua capacidade de luta por uma sociedade mais justa: o Socialismo!

## Editorial

# O SIGNIFICADO DO DEBATE

N a sequência de um debate amplo e participado e que envolveu muitos milhares de militantes do Partido, o Comité Central do PCP procedeu, na sua reunião do passado dia 26, à consideração das propostas emanadas desse debate e aprovou o Projecto de Resolução Política a ser submetido ao XVI Congresso.

Importa sublinhar o significado deste debate que confirma iniludivelmente a singularidade do PCP no quadro partidário nacional: quer em relação ao seu conteúdo democrático e participativo, quer no que respeita à amplitude e profundidade das questões debatidas, quer no que se refere ao nível de consciência política, ideológica e de classe dos participantes no debate.

Como sublinha o Comunicado do Comité Central, a intervenção activa - individual e colectiva - dos militantes comunistas na elaboração da linha política e das orientações do Partido confirma o Congresso do PCP como um congresso do Partido, construído pela vontade e pela acção do colectivo partidário e cujas conclusões não traduzirão apenas as opiniões dos delegados, antes reflectindo o pensamento de um responsável e amplo colectivo.

## “O Partido não fechou para Congresso: a realidade confirma amplamente essa afirmação”

Tal análise não significa, no entanto – e é importante sublinhá-lo – que nos sintamos totalmente satisfeitos com o resultado do debate, nomeadamente no que respeita à sua componente participativa. Sendo certo que, no quadro actual, o facto de muitos milhares de militantes terem participado no debate é um dado inegavelmente positivo, também é verdade que desejaríamos que o número de participantes fosse muito maior, tanto mais que como a realidade mostrou existem potencialidades bastantes para que assim aconteça no futuro.

Um outro dado importa sublinhar das conclusões do Comité Central: «o debate vivo e determinado na generalidade do colectivo partidário fez gorar as fortes e persistentes ofensivas que se verificaram sobre o Partido nomeadamente por parte de alguma comunicação social que, utilizando atitudes no plano interno e externo e tomadas de posição assumidas por alguns membros do Partido à margem e em afrontamento das normas de funcionamento do Partido, tudo fez para perturbar e empobrecer o debate colectivo, para o deslocar do espaço aberto e livre das organizações – onde cada militante tem o direito e o dever de expressar as suas opiniões – para os meios da comunicação social dominante, uma opção que se revelou mais

uma vez contrária à afirmação e aos interesses do Partido».

Obviamente, a comunicação social dominante, ao intervir procurando fragilizar, enfraquecer e liquidar o PCP, cumpre integralmente a tarefa que lhe está atribuída enquanto instrumento que é propriedade de grandes grupos económicos. Obviamente que tal constatação não pode limitar-nos, bem pelo contrário, na denúncia desse facto concreto e objectivo. Assim fizemos sempre e assim continuaremos a fazer.

Como várias vezes afirmámos, o Partido não fechou para Congresso. E a realidade confirma amplamente essa afirmação. De facto, em simultâneo com o intenso debate em torno do Projecto de Resolução Política, o PCP desenvolveu um vasto conjunto de acções e iniciativas ligadas à luta dos trabalhadores; defendeu medidas e apresentou propostas na Assembleia da República visando a defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo e do país; desenvolveu com os seus aliados as campanhas eleitorais nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira que se traduziram num importante êxito da CDU – para além de ter levado à prática, em todo o País, um vasto conjunto de iniciativas ligadas à apresentação, apoio e afirmação da candidatura do camarada António Abreu às eleições presidenciais – enfim, esteve onde devia estar, ocupando um espaço que é o seu e que não é ocupável por qualquer outra força política nacional: ao lado dos trabalhadores e do povo, na luta contra a política de direita e por uma alternativa de esquerda.

E tudo isto evidencia de forma incontestável não só as capacidades e potencialidades de que dispomos – e que as conclusões do XVI Congresso decerto irão contribuir decisivamente para aumentar, bem como para superar deficiências e insuficiências muitas existentes – mas também o importante o insubstituível papel desempenhado pelo PCP na vida nacional.

O Comité Central do PCP valorizou, ainda, o papel desempenhado pela «Tribuna do Congresso», no «Avante!», enquanto espaço complementar do debate travado nas organizações partidárias. Com efeito, os cerca de duzentos textos publicados na Tribuna – que, nesta edição do nosso Jornal, encerra a sua prestação – confirmam a justeza da sua criação. Para além disso, esta experiência comporta ensinamentos e lições que em situações futuras há que ter em conta.

Infelizmente não nos foi possível publicar todas as cartas que nos foram enviadas. Com efeito, apesar de termos aumentado o espaço da «Tribuna» até ao limite máximo das possibilidades do Jornal, ficaram por publicar cerca de duas dezenas de cartas, facto que lamentamos e de que pedimos desculpa aos camaradas que as escreveram.

Alguns órgãos de comunicação social, referindo-se à «Tribuna do Congresso», usaram da calúnia e da mentira e difundiram um cenário só existente nos seus antidemocráticos critérios de «informação». Vindas donde vêm, a calúnia e a mentira não só não nos surpreendem como até nos causam algum orgulho... De qualquer modo, é evidente que as acusações que esses órgãos de comunicação social nos fazem se aplicam integralmente às suas práticas em matéria de ligação aos leitores.

## Actual Os vendidos da vida

• José Casanova

Contar a «história minuciosa das acções armadas» é, segundo Raimundo Narciso, o objectivo do livro que escreveu.

Coisa estranha esta de descer à «minúcia» pública em matéria tão sensível! É certo que o autor, hoje instalado do outro lado da luta – armada ou não armada – não tem que rezear quaisquer consequências de tão «minuciosa» revelação. O mais provável é que tais denúncias públicas lhe proporcionem avultados proventos. Mas não sei se se poderá dizer o mesmo – e estou em crer que não, absolutamente não – no que respeita às pessoas «minuciosamente» reveladas.

De qualquer forma, e por tudo isso, o autor ganhou o espaço que quis na comunicação social dominante e a sua fala está a ser amplamente difundida. É sempre assim com qualquer membro da família dos ex – família de garimpeiros de novo tipo que, como é sabido, engloba todos os trãsflugas, vira-casacas, arrependidos, rachados,

vendidos; família em que cada um dos seus membros vale pelo que foi e não pelo que é.

Narciso, que abandonou um passado digno e optou por um presente de sentido oposto, que passou para o outro lado da barricada passando a combater – não com «acções armadas», é certo – o que antes defendia e a defender o que antes combatia, não hesita em procurar tornar financeiramente rentável esse passado – passado.

Com isto confirma duas coisas essenciais: de nada vale um passado honroso quando o presente não o é; vender o passado uma vez é um suicídio ético: vendê-lo uma segunda vez, em livro, significa exibir a condição de cadáver adiado que procria. A verdade é que, se Narciso precisa de um livro para contar dois anos do seu passado, os 11 anos do seu presente são-nos relatados, pelo DN, em duas dúzias de palavras: «Em 1989



afasta-se do Partido Comunista e é um dos fundadores da Plataforma de Esquerda, em 1990. É eleito deputado do PS em 1995. Hoje é gestor de empresas.» Palavras para quê? É o percurso normal de um ex.

No decorrer da publicitação da sua «obra», Narciso não resiste a exibir o seu anticomunismo primário, pateta e boçal. Diz ele a dado momento, numa entrevista, referindo-se ao PCP: «Parece que ainda aí andam a discutir o centralismo democrático numa versão que nem os soviéticos usavam há cem anos.» O disparate é monumental: o homem ou é ignorante, ou está senil, ou acumula.

A generosa «Geração de 70» (Eça, Ramalho, Junqueiro...) ficou conhecido pelos «vencidos da vida». À degradada geração dos ex haverá que chamar a dos «vendidos da vida».

## Tentações totalitárias

• Jorge Cordeiro

Do alto da sua cátedra uns, outros debaixo da veste parlamentar que qualquer das personagens de Eça não desdenharia, é vê-los entusiasmados com a ideia de virem a impor por lei regras e métodos de funcionamento ao PCP. Uns e outros de alma e coração numa operação que mal disfarça a perigosa concepção totalitária que encerra. Pelo que constitui de falta de escrúpulos no uso discricionário do poder para o exercer contra adversários e pela manifesta tentação em persistir na elaboração de legislação feita à medida para atingir alvos em concreto. E neste caso presente, pela irreprimível intenção de jogar de fora argumentos numa intolerável tentativa de intromissão no debate que só ao Partido e aos seus militantes diz respeito.

Não é a primeira vez que sob a capa da elaboração de leis gerais e abstractas ou sob o recurso a leituras ínvias de legislação em vigor se produzem acções selectivamente orientadas para atingir o PCP. É forçoso recordar a legislação sobre coligações eleitorais elaborada com o único objectivo de impedir que a Coligação Democrática Unitária pudesse apresentar-se com a sigla, a designação e o símbolo que era sua vontade assumir. Ou a acção que alguns partidos tentaram, precisamente os que agora tomaram em mão esta peregrina ideia, para impugnar em 1985 as listas da APU e assim impedi-la de concorrer às eleições para as autarquias em todo o país.

A ideia, ainda que de tão estúpida, não deixa de ser perigosa. A tentação anticomunista é um dos pecados que corrói particularmente os que convivem mal com a sua consciência. Pelo que há que estar atento e dar-lhe o combate devido.

Mas já que, admitamo-lo em teoria, alguns querem imiscuir-se na definição das regras que apenas dizem respeito aos que optam por as aceitar quando aderem ao respectivo partido ou organização, por que não sugerir-lhes que em vez de se perderem pelo nível da formalidade vão antes à substância?

E, assim, sugerir aos que foram imbuídos por tão súbita e genuína devoção aos princípios democráticos e constitucionais que considerem, por exemplo, que os estatutos partidários obriguem àquele estafante exercício do debate de ideias em vez do mero acto de aliciamento de apoio aos chefes em presença; ou à indispensável mobilização do colectivo partidário para a participação e contribuição para a construção da orientação política em vez da mera disputa entre potenciais candidatos a líderes e de arregimentação das «tribos» apoiantes; ou ainda que aconselhasse os delegados aos congressos a fazerem o exigente esforço de tentarem alinhar duas ideias seguidas para uso da palavra em vez do deplorável espectáculo da torrente de inscrições para cedência do seu mitigado tempo ao respectivo chefe.

Ainda que isso vos fatigue, por favor, pensem no assunto.

## O essencial e o acessório

• Anabela Fino

«Os media proclamam-se como um contra-poder. Mas a imprensa escrita e audiovisual é dominada por um jornalismo reverente, por grupos industriais e financeiros, por um pensamento de mercado, por redes de convivência. Um pequeno grupo de jornalistas, omnipresentes, impõe a sua definição de informação-mercadoria a uma profissão cada vez mais fragilizada pelo medo do desemprego. Eles servem os interesses dos donos do mundo. São os novos cães de fila.»

A citação é do livro *Les Nouveaux Chiens de Garde* (Os Novos Cães de Fila), de Serge Halimi, que fez furor em França. A dureza da análise pode chocar os ingénios que ainda acreditam na independência dos media, mas um breve olhar para o panorama da informação nacional basta para revelar que a crítica não se aplica apenas à realidade francesa.

A forma como tem sido tratada a situação interna do PCP - com algu-

mas honrosas excepções - é quase paradigmática deste modo de fazer «informação». Desde opor declarações de anónimos a afirmações de dirigentes partidários que aceitaram ser entrevistados e desde logo assumir a responsabilidade do que afirmam (caso do último número da Focus), a sondagens sobre qual deve ser o modelo de votação no PCP (caso do DN de segunda-feira), vale tudo. Nos últimos tempos, órgãos que sempre se mostraram avessos a encontrar espaço nas suas edições para dar a conhecer as posições dos comunistas sobre os mais diversos e importantes problemas nacionais, mostram-se agora de uma generosidade sem limites para acolher tudo o que, de perto ou de longe, possa servir para atacar o partido que mais gostam de ostracizar. Mais, poucos são os que

resistem à tentação de interpretar a seu prazer uma realidade que desconhecem e que nem sequer estão interessados em conhecer, porque a única «realidade» que lhes importa é a que se fabrica à vontade dos «donos». A parte vale mais do que o todo, a árvore serve cada vez mais para esconder a floresta.

Se uma demissão é notícia, uma dúzia é um festim. Daí à conclusão de que o morto e enterrado tantas vezes nas últimas sete décadas está a dar as últimas vai um sopro.

Quando se aceita que o que importa não é que a notícia seja verdadeira, mas que seja «interessante», alguma coisa se perdeu do essencial. Os cangalheiros de serviço nem se apercebem que estão a ajudar a enterrar a própria credibilidade, a única riqueza que de facto um jornalista

pode ter.



## Frases

“O eng.º [Ferreira do] Amaral (...) inventou o slogan mais profundamente estúpido da história humana: «O candidato dos não socialistas.»”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 25.11.00)

“Não sendo o candidato oficial do PS, nem do CDS, nem do PC, nem do MRPP, nem do BE, o sr. Eng.º reclama assim com subtilidade – e a ajuda de um técnico brasileiro – o voto das pessoas que não se importarem de votar nele.”

(idem, *ibidem*)

“Cavaco Silva propiciou o regresso ao País das grandes fortunas que o haviam abandonado nos anos 70. E fê-lo de forma a que os antigos proprietários recuperassem, por via das privatizações, as empresas de que haviam sido desapossados. O primeiro Governo de António Guterres prosseguiu a mesma política, só havendo algumas mudanças nos nomes das famílias envolvidas.”

(Gouveia de Albuquerque, *Diário de Notícias*, 27.11.00)

“Regressámos ao embrutecimento cultural de séculos, e nus, vazios de ideias, sem projecto nem rumo acabámos por embarcar na nau que estava mais à mão, a UE, mas já sem Índia nem Brasil no horizonte.”

(Francisco Moita Flores, *idem*)

“O «Big Brother» é «apenas» o triunfo do sistema ideológico da SIC, desta vez dentro da TVI.”

(João Lopes, *idem*)

“A questão que importa é perceber por que, com tantos dinheiros europeus, tanto endividamento do Estado, tantas condições de paz civil e laboral, tanto BMW e Mercedes nas ruas, nós não crescemos cinco, seis ou sete por cento, como seria normal e indispensável.”

(Miguel Sousa Tavares, *Público*, 24.11.00)

“O PS está a tentar fazer uma OPA sobre o PCP.”

(Durão Barroso, *Expresso*, 25.11.00)

“Os comunistas e os que se assumem como verdadeiramente comunistas não estão à venda.”

(Carlos Carvalhas, *Público*, 27.11.00)

“Em menos de um ano [o Governo de António Guterres], secou a fonte de inspiração, esgotou as suas energias e mostrou ser provavelmente o pior governo que conhecemos desde o início do período constitucional.”

(António Barreto, *Público*, 26.11.00)

“O PS que cresceu com António Guterres mal se distingue do PSD que murchou com Cavaco Silva.”

(Raul Vaz, *Diário Económico*, 24.11.00)

“António Guterres foi ao baú do cavaquismo buscar um «Deixem-me trabalhar» para contrapor ao pessimismo das previsões económicas.”

(Luís Marques, *Expresso*, 25.11.00)

## Exigência justa expressa nas ruas

# Vida melhor para quem trabalha

A CGTP levou a cabo uma «semana de acção», com manifestações em Lisboa, Braga, Viseu, Porto, Santarém, Guarda e outras cidades, e plenários em empresas e serviços, contestando a repetida encenação da crise e reclamando aumentos salariais justos.

«O melhor contributo que podemos dar para o desenvolvimento do País é lutar pelas nossas reivindicações e não nos acomodar a baixos salários», afirmou Carvalho da Silva, no final da concentração de trabalhadores dos distritos de Lisboa e Setúbal, que desfilaram no dia 23 desde a Praça do Município até à residência oficial do primeiro-ministro.

O secretário-geral da CGTP interveio também nas manifestações realizadas no Porto, dia 22, e em Braga, dia 23. Carvalho da Silva e outros dirigentes participaram ainda em concentrações e desfiles realizados noutras localidades, bem como em muitos plenários de trabalhadores.

A «semana de acção» teve por palavra de ordem a exigência de «mais salários

e impostos justos». Foi severamente condenado o mau exemplo do Governo, que tenta aplicar na Administração Pública aumentos salariais muito baixos e não concretiza medidas a que já deu acordo e compromisso. A CGTP preveniu que, se a política de baixos salários persistir, a agitação social vai crescer, imputando desde já a responsabilidade ao executivo do PS e de Guterres. A resolução aprovada em Lisboa salienta, face à atitude do patronato e do Governo na negociação da contratação colectiva nos sectores, «a necessidade de continuar a dinâmica entrega do maior número de cadernos e propostas reivindicativos concretos no maior número de empresas», estimulando o envolvimento e a luta dos trabalhadores «até



Os trabalhadores respondem com a luta à política do Governo, que favorece constantemente o patronato e até lhe dá agora o exemplo de imposição de salários baixos na Administração Pública

que os objectivos sejam concretizados».

A Intersindical Nacional exige uma melhoria significativa dos salários, a promoção de emprego com qualidade, a redução da semana de trabalho para 35 horas e a concretização de uma reforma fiscal que garanta «uma tributação mais justa e equilibrada».

Em Braga, Carvalho da Silva apontou como «um escândalo» o facto de as empresas pagarem muito pouco de IRC, num distrito que «vai à frente em termos de volume de negócios e de dinamismo económico no País», mas que, «no paga-

mento de impostos pelos patrões, situa-se ao nível dos distritos mais pobres».

No Porto, o secretário-geral da Inter acusou o ministro das Finanças de praticar uma «vigarice», quando adiciona eventuais reduções no IRS aos aumentos salariais que o Governo propõe para 2001.

«Há aqui vigarice clara. Não aceitamos impactos de medidas fiscais como aumentos salariais», frisou Carvalho da Silva, num plenário regional de dirigentes sindicais, onde um dirigente da Fun-

ção Pública do Norte sublinhou que Pina Moura «mente deliberadamente», ao afirmar que os trabalhadores vão ser beneficiados em dois por cento no IRS, quando as medidas que propôs significam mensalmente «entre 0,5 e 0,6 por cento».

**Há condições económicas para satisfazer as reivindicações da CGTP**

**Números manipulados**

Carvalho da Silva acusou o Governo de estar a manipular os números na negociação salarial da Administração Pública. Mesmo sem contar com «o célebre compromisso de aproximação à União Europeia», os trabalhadores teriam todo o direi-

to a reclamar 6,2 por cento de actualização salarial em 2001, contabilizando as previsões de inflação (três por cento), o aumento de produtividade (2,4 por cento) e a correcção relativamente a 2000 (0,8 por cento).

Para a CGTP, o Governo está a fazer mal as contas também na produtividade, porque os valores da riqueza e do emprego estão a ser adulterados. «Parte grande da riqueza não é declarada e no emprego fazem ao contrário: tudo o que é ocupação é contado», denunciou Carvalho da Silva, ainda citado pela Agência Lusa, defendendo que os trabalhadores não têm de dividir os ganhos de produtividade com o capital, já de si beneficiado.

## Protestos ficam à porta

O representante do «Governo do diálogo» em Viseu «desconsidera os trabalhadores do distrito», acusa a USV/CGTP. Em nota à comunicação social, a União dos Sindicatos de Viseu denunciou a «atitude inqualificável» do Governo Civil, que no dia 22 mandou a Polícia barrar a entrada a uma delegação do plenário de sindicatos, realizado no Rossio, no âmbito da semana de luta da CGTP-IN. Os sindicalistas pretendiam entregar uma moção contendo as principais reivindicações dos trabalhadores. O governador civil estava fora, a secretária recusou-se a receber uma delegação e mandou até dizer que entregassem o documento ao porteiro. Perante a insistência dos sindicalistas – que mantiveram a concentração sob forte temporal – a secretária do Governo Civil lá recebeu um grupo de representantes sindicais.

Na Figueira da Foz, Carvalho da Silva e uma delegação de trabalhadores dos Estaleiros Navais do Mondego – indignados com a decisão da Soflusa de adjudicar a construção de oito catamarãs a uma empresa australiana – deveriam ser recebidos pela vereadora Rosário Águas. Os representantes dos trabalhadores não cabiam todos no gabinete, a vereadora recusou encontrar-se com eles no exterior e a resolução acabou por ser entregue por um funcionário sindical.



## Administração Pública insiste na luta

Alguns milhares de trabalhadores dos vários sectores da Administração Pública desfilaram anteontem à tarde, do alto do Parque Eduardo VII para o Palácio das Laranjeiras, para manifestarem no Ministério da tutela a sua indignação contra os aumentos salariais propostos pelo Governo. Vindos de todo o País, os manifestantes aprovaram por unanimidade uma resolução, onde reafirmam a determinação de continuar a luta por salários e pensões dignas, carreiras valorizadas e emprego com direitos. A Frente Comum de Sindicatos reivindica uma actualização de 5,8 por cento em 2001 e a reposição de 1,6 por cento nos salários de 2000.

## Vitória em França

Na Caixa Geral de Depósitos foi assinado com a secção sindical CGT um acordo em que, sem diminuição dos salários, se prevê uma redução do tempo de trabalho de 1,5 hora por semana, bem como a redução de mais 19 dias durante o ano, a juntar às cinco semanas de férias. O acordo prevê ainda um aumento dos efectivos em cinco por cento, num período de dois anos. Posteriormente, os sindicatos CGT e CFDT da Banque Franco-Portugaise (do Grupo CGD) assinaram idêntico acordo. Este é, segundo a CGT, um dos melhores acordos sobre redução de tempo de trabalho no conjunto da banca, em França.

## Cursos para imigrantes

A Universidade Popular de Setúbal inicia hoje cursos de língua portuguesa para imigrantes de Leste. Os cursos, orientados por uma professora portuguesa pós-graduada em filologia russa, têm lugar às quintas-feiras, das 19 às 21 horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores Cerâmicos (Praça do Bocage, N.º 111, 2.º andar) e as inscrições podem ser feitas no local ou por telefone (91 70 44 885). A duração dos cursos, certificados pela UPS, é de seis meses.

## Trabalham e não recebem

Meia centena de professores e educadores de infância do distrito de Viseu não recebem qualquer salário desde Setembro, quando foram colocados, denunciou o SPRC/Fenprof. Esta situação foi agravada com a recusa de inscrição de professores desempregados para trabalharem no Ensino Recorrente. Enfermeiros de S. João estão a trabalhar no hospital portuense sem contrato e sem que lhes sejam pagos os vencimentos, denunciou a direcção regional do SEP. Numa reunião, dia 16, a administração do hospital comprometeu-se a resolver esta «situação surrealista» até ao final do mês de Novembro. Face ao que suceda hoje, bem como à atitude da ministra, o sindicato analisará com os enfermeiros a evolução da acção concertada que têm vindo a desenvolver.

## Portucel

A realização de greve na Portucel Embalagem, marcada para terça-feira, foi suspensa pelo sindicato do sector, aguardando que, numa reunião marcada para ontem, a administração seguisse a atitude das outras empresas da Gescartão e se aproximasse «minimamente» das justas reivindicações dos trabalhadores.

Estudar as mudanças para fortalecer a capacidade de intervenção

# Trabalho no retalho

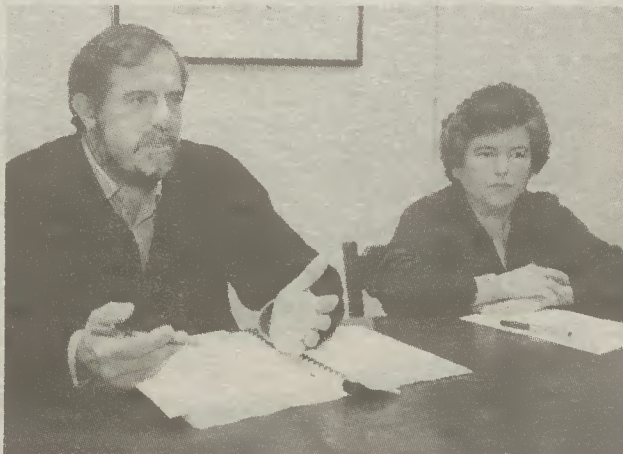
Face às grandes modificações no comércio a retalho, os comunistas do distrito de Lisboa não baixam os braços e estão a preparar um encontro para 2001.

As transformações sofridas ficam logo retratadas na apresentação dos dois camaradas que explicaram ao «Avante!» os motivos e objectivos desta linha de trabalho da direcção regional do PCP.

Manuel Feliciano tem 36 anos de vida profissional na baixa lisboeta, sempre na Lanalgo, fechada recentemente depois de um turbulento processo por dívidas ao Fisco e que ainda não está dado por concluído. Marcela Monteiro trabalhou no Grandella desde 1966 até ao incêndio de 1988, que liquidou também os Armazéns do Chiado.

Mantêm ambos, desde há muitos anos e, especialmente, desde a revolução de 1974, uma intensa actividade sindical e uma ligação aos trabalhadores. Têm responsabilidades de direcção no CESP/CGTP.

Hoje recordam o tempo em que, atrás de um enorme balcão, estavam vinte caixeiros, quase todos sindicalizados, que davam valor à «semana



Como escolha profissional o comércio não é apelativo para os jovens, dizem Manuel Feliciano e Marcela Monteiro

inglesa» conquistada com duras lutas, que conheciam

pelo nome os seus clientes e que sabiam quantos fios tinha a trama dos tecidos. Mas, logo de seguida, contam como está o sindicato a defrontar as novas dificuldades e como, com outros camaradas, organizam contactos regulares com os jovens que as grandes superfícies empregam às centenas, sem horários certos,

Persistir e melhorar

Para o encontro que a DORI decidiu realizar no primeiro semestre do próximo ano, o ponto de partida não é propriamente um «zero». Conta-se, como inestimável conhecimento do sector, aquele que é fundamentado no contacto directo com os trabalhadores e também com patrões ou seus representantes (não incluindo aqui aqueles que teimam em impedir a actividade sindical, por vezes com recurso à força).

Nas estatísticas oficiais disponíveis é difícil distinguir os números de Lisboa (cidade e distrito) nos totais apurados a nível da região de Lisboa e Vale do Tejo. Mas esse trabalho também está a ser feito.

São evidentes as diferenças entre o retalho alimentar e não alimentar. Não se jus-

tifica falar de crise, mas é sentido o abrandamento do consumo, com diminuição relativa do ramo alimentar e concentração das vendas em grandes grupos económicos. Há uma diminuição do em-

Os lucros dos grandes grupos provêm da maior exploração dos trabalhadores

prego, com grande precariedade e rotatividade. Mantêm-se dificuldades estruturais que, apesar de subsídios e incentivos, muitas empresas não resolvem, deixando-se ultrapassar pela proliferação de cadeias internacionais, através de «franchising».

Analisar e debater com alguma profundidade estas alterações no comércio a retalho, para os comunistas de Lisboa, é um passo essencial ao prosseguimento de um esforço que tem por objectivo a definição de propostas, o reforço da organização e da intervenção do Partido e a dinamização da luta dos trabalhadores.

## Conferência Nacional da Inter-Reformados



A situação social dos reformados e pensionistas e a definição e organização da sua luta foram o principal objecto de discussão da 4.ª Conferência Nacional da Inter-Reformados, que se realizou no passado sábado, no Auditório II da Casa Diocesana, em Vilar, no Porto.

Os trabalhos decorreram com a presença de 276 delegados e algumas dezenas de convidados. Num debate vivo, a estrutura de reformados e pensionistas da Intersindical Nacional abordou as questões essenciais à luta pela melhoria da sua situação social. Problemas como o reforço da solidariedade entre gerações, a necessária melhoria das condições de vida dos reformados e pensionistas, a urgente prevenção da exclusão social, a garantia do direito à saúde, a participação activa na vida social e as necessárias respostas ao problema da dependência dos idosos (associada à perda de autonomia em função do aumento da longevidade), foram atentamente discutidos, tendo sido aprovado um caderno reivindicativo que conduzirá a luta próxima da Inter-Reformados. No encerramento interveio Carvalho da Silva, que salientou as possibilidades de alargamento da estrutura, em estreito contacto com a acção dos sindicatos.

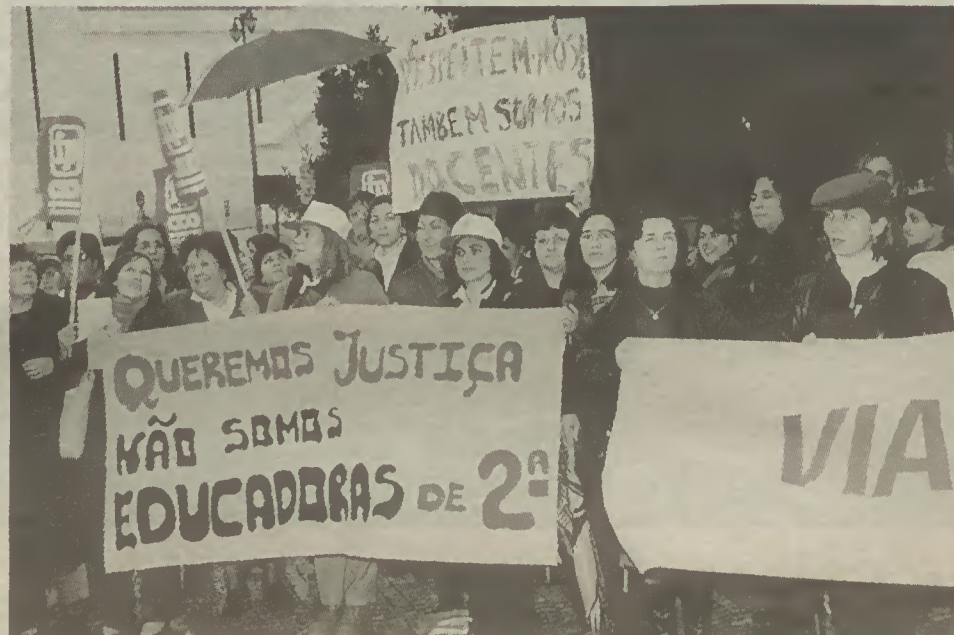
À cabeça das reivindicações aprovadas surge o aumento real de todas as pensões anualmente, sem prejuízo de maiores aumentos para as pensões mais baixas e com novos escalões para as pensões mínimas do regime geral resultantes de carreiras contributivas inferiores a 15 anos. No imediato, é exigido o aumento das participações em óculos, próteses e medicamentos.

## Greves à vista

Os trabalhadores administrativos e auxiliares da Saúde poderão entrar em greve na próxima quinta-feira, 7 de Dezembro. O pré-aviso foi entregue pela Federação Nacional de Sindicatos da Função Pública, que em Outubro efectuou uma concentração de dirigentes e delegados sindicais frente ao Ministério de Manuela Arcanjo. A ministra, recorda uma nota da ENSFP/CGTP, comprometeu-se a reunir com a federação mal fosse entregue um novo caderno reivindicativo, o que sucedeu a 15 de Dezembro do ano passado. No entanto, a governante não concretizou a prometida reunião e «as questões importantes continuam por resolver».

Na segunda quinzena de Dezembro poderão paralisar por 48 horas os trabalhadores da Petrogal, se entretanto não houver acordo sobre matéria salarial com a administração da empresa. Um comunicado da União de Sindicatos de Sines e Santiago do Cacém, citado pela Lusa, anuncia o primeiro sinal de protesto para segunda-feira, dia 4, com uma concentração às portas da refinaria de Sines para exigirem o fim dos despedimentos, mais regalias salariais e a manutenção da empresa sob controlo português.

A falta de cumprimento de acordos celebrados há dois anos, a implementação do sistema «on-line» e uma reunião a 14 de Novembro com a Provedora levaram os trabalhadores do Departamento de Jogos e das carreiras informáticas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a decidir entrar em greve das zero horas do dia 13 de Dezembro até às 24 horas do dia 18.



Trabalhadores das IPSS concentraram-se sexta-feira junto ao Ministério do Trabalho. Uma dirigente sindical disse à Lusa que, «se o Governo estivesse muito preocupado, tinha agendado um encontro há mais tempo» para resolver o problema. Os 60 mil trabalhadores das Instituições Particulares de Solidariedade Social querem a publicação imediata das tabelas de 1998, 1999 e 2000, e o início das negociações para 2001

# Candidatura de António Abreu entregue no TC

## Campanha prossegue com intensidade



António Abreu visitou a ex-Sorefame e, na segunda-feira, entregou no TC o seu processo de candidatura



António Abreu entregou, na segunda-feira, o seu processo de candidatura à Presidência da República no Tribunal Constitucional, onde foi acompanhado pelo seu mandatário, o deputado António Filipe, e, ainda, por Jerónimo de Sousa, da Comissão Política do PCP, e Henrique de Sousa, do Secretariado.

No mesmo dia, o candidato do PCP, o primeiro entre todos a fazer entrega do processo de candidatura, participou, ainda, num jantar que, ultrapassando as expectativas, contou com a presença de mais de uma centena de apoiantes, num restaurante de Lisboa.

Mas a campanha de contactos que continua a prosseguir por todo o País não tem sofrido tréguas. Ainda na semana passada, António Abreu visitou a ADTRANZ (ex-Sorefame), onde teve a oportunidade de falar mais ou menos demoradamente com os trabalhadores e de reunir com as suas organizações representativas, encontrando-se, seguidamente, com a administração da empresa.

Também em acto público recentemente ocorrido em Lisboa, centenas de homens e mulheres do mundo do trabalho de todo o país manifesta-

ram o seu apoio à candidatura de António Abreu à Presidência da República, justificando esse apoio por «razões de esquerda». Entre eles, 74 dirigentes e delegados sindicais e membros de Comissões de Trabalhadores do distrito de Aveiro.

As razões de esquerda invocadas no documento

**É necessário estar atento ao progresso da democracia política**

sobre o desenvolvimento virado para as necessidades básicas de todos, uma afirmação forte e inequívoca do valor do direito ao trabalho e do trabalho com direitos», o que António Abreu garante defender.

Aliás, a Direcção da Organização Regional de Aveiro do PCP, congratula-se com o apoio que o candidato tem merecido no distrito, informando aos serviços da candidatura 387 processos de proponentes, número significativamente superior ao mínimo solicitado e que abrange cidadãos de praticamente todos os concelhos do distrito, de variadas idades e profissões.

Na terça-feira, António Abreu deslocou-se a Grândo-



Cerca de uma centena de pessoas apoia Abreu num jantar realizado no Pátio Alfacinha

subscrito pelos sindicalistas, prendem-se com as competências que cabem ao Presidente da República, nomeadamente a necessidade de «estar atento ao progresso da democracia política, ter posições sólidas

la, onde visitou a Câmara Municipal, o Centro de Convívio dos Reformados, a creche e jardim de infância, e, por fim, a Cooperativa de Consumo, onde, ao fim do dia, juntou com apoiantes da sua candidatura.

### Açores

## Urge esclarecer caso de BSE

Os açorianos foram na sexta-feira passada surpreendidos com a informação oficial do Ministério da Agricultura e da Secretaria Regional da Agricultura e Pesca, sobre o aparecimento de um caso de BSE na ilha de S. Miguel - um bovino importado da Alemanha em 98, abatido a 2 de Outubro passado, tendo a sua carcaça sido queimada após verificação de que estava impróprio para consumo.

Por considerar que se trata de uma questão com estreita ligação a dois problemas de fundo - a saúde pública e a importância para a economia

regional de tudo o que se prende com a pecuária -, o coordenador do PCP/Açores, José Decq Mota, considera essencial que, desde já, se demonstre cabalmente a origem do animal infectado e o facto de a infecção não ter ocorrido na Região e se tomem «as medidas previstas na regulamentação europeia e outras que, sendo científica e tecnicamente fundamentadas, possam contribuir para a credibilização da carne açoriana». A par disto, haverá que manter um diálogo vivo e permanente com os produtores de forma a

«levar à reposição integral da credibilidade que a carne açoriana merece» e proceder-se à avaliação «de todos os prejuízos imediatos e a prazo que tais medidas irão provocar em explorações de carne e de leite», criando-se mecanismos de compensação «aceitáveis».

O PCP/Açores quer ainda que a opinião pública seja esclarecida com clareza sobre se entre a data em que a autoridade sanitária mandou queimar a carcaça abatida - 2 de Outubro - e a data em que os elementos para análise deram entrada no

laboratório - 27 de Outubro -, havia razões de suspeita que de que se trataria de um caso deste tipo e que seja rapidamente divulgada uma «projectão rigorosa das consequências dos abates anunciados, nomeadamente na produção de leite.

Com vista a encontrar «as melhores e mais justas soluções», o PCP e o seu Grupo Parlamentar na Assembleia Legislativa Regional disponibilizam-se para dialogar sobre a matéria, quer com as autoridades governamentais como com a Federação Agrícola e Associações.

### Figueira da Foz

## Decisão arbitrária prejudica o concelho

A decisão da SOFLUSA/CP, responsável pela ligação fluvial entre Lisboa e Barreiro, de comprar oito novos navios, no valor de dez milhões de contos (60% dos quais comparticipados por fundos comunitários), levou, em Junho passado, à abertura de um concurso público internacional a que concorreram duas empresas nacionais - Estaleiros Navais de São Jacinto e Estaleiros Navais do Mondego - e três estrangeiras, respectivamente de Inglaterra, Austrália e Holanda.

A empresa que apresentou melhor proposta e venceu o concurso foi a dos Estaleiros Navais do Mondego, que chegou a ser notificada do facto.

Ignorando, porém, a opinião do júri que presidiu ao concurso, os administradores da SOFLUSA entregaram a construção dos navios ao estaleiro australiano, privilegiando a indústria naval estrangeira, com propostas mais desfavoráveis para o País.

Face a este «facto insólito», a Comissão Concelhia da Figueira da Foz do PCP inter-

roga-se sobre «que contrapartidas pensa ter a administração da SOFLUSA e «quanto custará» à CP, ou seja, «aos contribuintes», as «viagens, estadias, ajudas de custo e demais mordomias» das inevitáveis deslocações à Austrália? Mais, que pensa o PS da Figueira da Foz - até ao momento remetidos ao «mais absoluto silêncio» - e o ministro da Tutela sobre «mais esta barbaridade» cometida pelos administradores da CP/SOFLUSA (também do PS)? E, por fim, que credibilidade

espera um governo que permite que «empregados» seus «alterem a seu belo prazer o resultado de um concurso ganho legal e lealmente por um dos mais conceituados estaleiros nacionais?

Indignado com o acontecimento, o PCP decidiu, assim, exigir em todas as instâncias locais, nacionais e internacionais em que participa, «a reposição da verdade do concurso público» e a entrega da construção destes navios a quem o ganhou, os Estaleiros Navais do Mondego.

## Câmara do Montijo desperdiça meios

A presidente da Câmara Municipal do Montijo, Amélia Antunes, não aproveitou e continua a não aproveitar a conjuntura favorável que herdou da antiga Câmara CDU para transformar «crescimento em desenvolvimento».

De facto, diz a Comissão Concelhia do Montijo do PCP, ao contrário da encenação montada por Amélia Antunes no sentido de fazer crer que favia herdado uma «Câmara na bancarrota e sem projectos», a verdade é que recebeu uma Câmara saneada financeiramente, com elevado número de projectos quase na sua totalidade aprovados», o que permitiu à maioria PS, passados poucos meses, avançar com algumas obras e outras agora em fase de construção, tendo por vezes alterado alguns aspectos de pormenor e retardado obras «para fazer crer que se tratava de algo de novo!».

O PCP salienta o enorme aumento de construções e o respectivo encaixe financeiro de que a autarquia usufruiu, resultante da construção da

Ponte Vasco da Gama, de que os comunistas a nível local - ao contrário do PS - foram os principais defensores que não tem reflexos ao nível do desenvolvimento. Concretamente, a Concelhia do Montijo refere a falta de infraestruturas e de dinamização das zonas industriais - geradoras de emprego e do combate a um concelho «dormitório» - e, a nível social, de um novo hospital para o Montijo, de extensões de Centro de Saúde para Atalaia, Alto Estanqueiro/Jardia e Sarilhos Grandes, de um Polo Universitário.

No Montijo, a Câmara PS segue uma política que é reflexo da política do Governo e está claramente expressa no Orçamento de Estado para 2001, contra o qual o PCP votou mas em cujo PID-DAC, a exemplo de Orçamentos anteriores, vai propor a introdução de verbas para a concretização das carências referidas e, ainda, para a reconstrução do centro de Saúde de St. Isidro de Pegões e para a ligação do IC 13 ao vale do Passil.

## OEIRAS «Atropelo» na Câmara

A proposta de Isaltino Morais, presidente da Câmara Municipal de Oeiras, de atribuir o nome de «Rua 25 de Novembro de 1975» a uma artéria da freguesia de Algés - Miraflores mereceu a «frontal e inequívoca discordância» do vereador do PCP, Arnaldo Pereira, que a explicou em declaração de voto. Considera Arnaldo Pereira, que a consagração na toponímia do concelho de uma data que «a direita portuguesa usa como bandeira para rejeitar e combater o significado do alcance da revolução libertadora do 25 de Abril», permite a interpretação, «com contornos claramente ideológicos e desprovidos de rigor» de determinados sectores, no sentido de «considerar o 25 de Novembro como a data fundadora da democracia portuguesa».

Aliás, o anúncio público de um acto sobre o qual a Junta de Freguesia de Algés não se pronunciou e que não havia ainda merecido a aprovação da Câmara Municipal, representa também «um atropelo às competências desta» e «fere a dignidade dos seus membros».

## SACAVÉM CDU apresenta cabeça de lista

Elias Pereira será o «cabeça de lista» da CDU por Sacavém às próximas eleições autárquicas. A apresentação pública do candidato foi feita, na passada sexta-feira, num jantar realizado no Pavilhão do Sport Grupo Sacavenense, em que participou o presidente da Câmara Municipal de Loures, Adão Barata, e o deputado António Filipe, mandatário nacional da candidatura de António Abreu à Presidência da República.

## MONTIJO Presidente foge ao debate

Com vista a debater os problemas do concelho do Montijo, Rádio Popular FM, Pinhal Novo, convidou a presidente da Câmara Municipal, Amélia Antunes, e um representante do PCP, segunda força política mais votada. Apesar de considerar que o debate deveria incluir todas as forças políticas da oposição com assento nos órgãos municipais - posição que mantém -, o PCP compareceu, enquanto a presidente da Câmara, declinando o convite, fugiu, na opinião da Comissão Concelhia do Montijo do PCP, ao debate. Por seu lado, o PCP reitera a sua disponibilidade para participar no referido debate, no momento em que a Rádio Popular FM achar conveniente.

## SEIA Há ou não novo hospital?

A promessa do PS relativamente à construção do novo hospital de Seia parece estar em risco de, como outras, não ser cumprida. O alerta pertence à Comissão Concelhia de Seia do PCP, depois de conhecer as afirmações do presidente da ARS Centro, José Cabeço, em reunião com o Conselho de Administração do hospital, no fim de Outubro, no sentido de «não querer ouvir mais falar do novo hospital», porque o mesmo «estava fora de questão», e afirmando-se defensor de «um posto médico de terceira geração com internamento». O PCP, que sempre apoiou as reivindicações dos utentes do Hospital Distrital de Seia com variados requerimentos do seu Grupo Parlamentar ao Ministério da Saúde, manifesta a sua «repulsa» pela «leviandade» com que a política de saúde é tratada e apela à população que faça chegar à ARS Centro, ao seu responsável e ao Governo o cumprimento da construção do novo hospital, que há tanto tempo reivindica.

## COIMBRA Contradições do Governo

A insistência do Governo em impor a co-incineração de resíduos industriais perigosos na cimenteira de Souselas «contrasta», segundo a Concelhia de Coimbra do PCP, com a sua recusa em investir no próximo ano em importantes obras públicas e equipamentos no concelho, levando o Grupo Parlamentar do PCP a apresentar uma série de propostas para alteração do Orçamento na especialidade. Diz ainda o PCP que as consequências da co-incineração não podem «continuar a ser estudadas no abstracto, com desprezo pelos dados objectivos da localização, características e insegurança do processo industrial em concreto e estado de saúde das populações». Daí que os comunistas defendam a luta social como «o caminho certo» para obrigar à satisfação das justas reivindicações das populações, exemplificando com a luta dos utentes do Centro de Saúde de Eiras, que recentemente alcançaram uma vitória parcial com a adjudicação do projecto de instalações, durante três anos adiado.

No Pavilhão Atlântico  
ultimam-se preparativos para acolher comunistas

# O Congresso está aí!

**Depois de o Comité Central, na sua reunião plenária de domingo (ver pág. 13), ter aprovado o Projecto de Resolução Política que irá ser posto à discussão e aprovação do Congresso, procede-se, agora, aos últimos preparativos.**

O objectivo, como sempre, é receber da melhor maneira os delegados oriundos de todos os pontos do país, bem como os convidados nacionais e estrangeiros que irão assistir aos trabalhos do 16.º Congresso do PCP, que decorrerá nos próximos dias 8, 9 e 10 de Dezembro, em Lisboa.

Muitos militantes do Partido que vivem em Lisboa ou perto da cidade já disponibilizaram as suas casas para acolher os que eventualmente necessitem de instalações durante os dias do Congresso, que decorrerá no Pavilhão Atlântico, hoje a viver uma intensa actividade

**O registo de presença dos delegados será feito por leitura óptica**

no sentido de proporcionar a delegados e convidados e delegações estrangeiras os melhores meios para o acompanhamento dos trabalhos.

Tendo em atenção que a primeira sessão da reunião magna do PCP vai ter início às 11h00 de sexta-feira, a organização faz um apelo aos delegados para um esforço no sentido de se encontrarem no recinto do Congresso pelo menos às 10h45.

O «Avante!» conta poder fornecer, na próxima edição, novas informações, como horários das sessões, meios de transporte à disposição e

melhor forma de chegar ao Pavilhão Atlântico, serviço de refeições e outras que se revelem úteis para os participantes.

De facto, antes da entrada, haverá que proceder à identificação do delegado e ao registo da sua presença, o que, a exemplo do que já se verificou em 1996, quando da realização do 15.º Congresso no Porto, vai ser feito através da leitura óptica de um código de barras impresso no verso do respectivo cartão.

A utilização da leitura óptica, entre outras vantagens, permitirá assegurar uma mais rápida e rigorosa verificação dos mandatos e o seu tratamento informático, facilitando e tornando mais fiável e tarefa da Comissão de Verificação de Mandatos.

Entretanto, os delegados deverão dar atenção à necessidade de proteger o seu cartão, de forma a que o mesmo não sofra qualquer deterioração da etiqueta onde o código está configurado.

## O Militante

Só por falta de espaço não nos referimos na semana passada à publicação de mais um número de *O Militante*. Com a data de Novembro/Dezembro de 2000, é natural que o próprio Século XX mereça destaque e apresente um interessante trabalho, elaborado pelo historiador António Pessoa, que recorda, em breve resenha, o que foram os acontecimentos mais significativos a nível político e social no nosso país.

Mas é também o último número antes do XVI Congresso do PCP, que vai reunir no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, os delegados que apreciarão, em análise que culmina um intenso e mobilizador debate em todo o Partido, a realidade e as orientações e propostas dos comunistas para transformá-la.

Um importante artigo, da autoria do camarada Aurélio Santos, e intitulado *O Congresso é nosso* - e cuja leitura vivamente aconselhamos - faz uma apreciação crítica ao debate entretanto realizado no Partido na preparação da sua reunião magna e colocando nos devidos termos as questões e orientações que decorrem das Teses que, aprovadas pelo Comité Central, se transformaram em Projecto de Resolução Política a apresentar ao Congresso. Partindo de comentários, críticas e falaciosas notícias sobre o PCP, as suas regras e objectivos, Aurélio Santos oferece à reflexão dos leitores um trabalho que é ele próprio um contributo para o esclarecimento do que está em causa neste Congresso do Partido e chamando a atenção dos militantes que se encontram entre o fogo cruzado de intrigas veiculadas por órgãos da comunicação social: «O Congresso é nosso, para falarmos, decidirmos, resolvermos. Não dos que pretendam decidir por nós.»

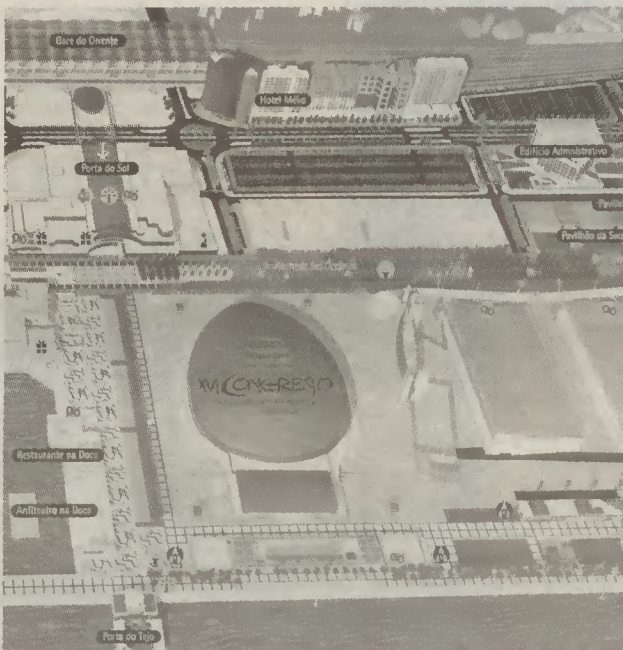
### Reforçar o PCP

A abrir este número de *O Militante*, o artigo *O Reforço do PCP é necessário para o povo português* faz como que o balanço das mais importantes questões e iniciativas que mobilizam os comunistas; segue-se-lhe um outro importante trabalho sobre a *Necessidade de elevar o nível político e ideológico*.

A série de artigos de colaboradores desta revista do PCP abrangem um vasto leque de problemas e de análises. As eleições regionais da Madeira e dos Açores merecem respectivamente a Edgar Silva e José Decq Mota comentários esclarecedores sobre os resultados e as perspectivas abertas. Fernanda Mateus, Manuela Pires e Aurélio Santos abordam alguns aspectos da luta emancipadora das mulheres. O deputado António Filipe escreve sobre a descriminalização do consumo de drogas. Américo Nunes sobre os 30 anos da CGTP. Joel Vasconcelos sobre as lutas no Politécnico. Margarida Botelho sobre a questão da «legalização» de bordéis, a que chama Legalização da escravatura.

Destacamos, neste resumo que apresentamos sobre *O Militante*, o importante artigo de *Maria da Piedade Morgadinho*, no qual tece considerações sobre «os novos movimentos sociais», chamando a atenção para a sua importância, ao mesmo tempo que sublinha o facto de que tais movimentos «não são capazes de opor ao capitalismo uma alternativa socioeconómica e política clara».

Um texto de Fausto Neves sobre a Casa da Música (Porto 2001/Capital Europeia da Cultura); um trabalho sobre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD -, da autoria de Luís Carapinha, notas, comentários e, por fim, a Resolução do Comité Central sobre as eleições presidenciais, concluem este número de *O Militante*, que publica ainda um índice classificados dos artigos publicados em 2000.



É no Pavilhão Atlântico (antes Utopia) que decorrerá o XVI Congresso do PCP

### ▼ CAMARADAS FALECIDOS

#### António Lucas

Faleceu, no dia 20 de Novembro, o camarada António Lucas, militante desde 1977, data a partir da qual teve como principal tarefa a difusão da imprensa do Partido, tarefa que desempenhou sempre com a maior dedicação até 1998, quando foi atingido por uma doença que o obrigou a suspender a tarefa. Mas, apesar de fisicamente debilitado, continuou a dar o seu contributo na organização e funcionamento da Comissão Local do PIA/Raposo, onde militou até à data da sua morte, sempre com dedicação exemplar e grande capacidade de sacrifício. Sempre ligado ao Movimento Associativo, foi durante muitos anos dirigente do Clube Recreativo União Raposense. Respeitado por quantos com ele contactavam, para quem era um exemplo de verticalidade, o seu funeral constituiu uma manifestação de profundo pesar para os numerosos amigos e camaradas que nele se integraram.

#### Cláudio Moreira Quina

Com 69 anos de idade, faleceu, no passado dia 28 de Novembro, o camarada Cláudio Moreira Quina, natural de Casa Branca, Sousel. Reformado da ex-Rodoviária Nacional, era actualmente um dos responsáveis pelo funcionamento do Bar do Centro de Trabalho de Tires, freguesia de S. Domingos de Rana.

#### José Adelino Valente

Faleceu, no dia 25 de Novembro, com 58 anos de idade, o camarada José Adelino Valente. Membro do PCP desde 1974, militava na célula do Metro de Lisboa.

#### Manuel Amador Deus

Faleceu, com 75 anos de idade, o camarada Manuel Amador Deus. O camarada, que fez parte do Comité Central, pertencia à organização da Freguesia de Alverca do Ribatejo do PCP.



Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.











# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Comité Central faz o balanço dos trabalhos preparatórios Uma elevada consciência política, ideológica e de classe do colectivo partidário

O Comité Central do PCP, reunido no dia 26 de Novembro, procedeu a um balanço da terceira fase preparatória do XVI Congresso, aprovou a proposta de Resolução Política a submeter ao Congresso e considerou outros aspectos da sua preparação.

### PCP não fechou para Congresso

Carlos Carvalhas divulgou em conferência de imprensa, perto do final da reunião do Comité Central, algumas linhas gerais do balanço a que o CC procedia. O Secretário-Geral do PCP referiu-se ao quadro político actual, «em que se agrava a situação económica e social, com graves responsabilidades para o Governo», e fez notar ainda - conforme consta do documento aprovado pelo CC e que hoje publicamos - a acção diversificada do PCP ao longo dos últimos tempos. «O PCP não fechou para Congresso», disse, «e confirmou assim, mais uma vez, o seu importante e insubstituível papel na vida nacional.»

Carlos Carvalhas divulgou ainda a informação dada ao Comité Central sobre Edgar Correia e Carlos Brito, que se demitiram do Comité Central, «expressando a sua vontade para se manterem como membros activos do Partido».

**1.** A terceira fase preparatória do XVI Congresso, que agora chega ao fim, desenvolveu-se num quadro político marcado no essencial pela continuação da política de direita do Governo PS, pela não resposta e agravamento dos problemas nacionais, pelo alargamento do descontentamento e por uma significativa intervenção do Partido.

O PCP desenvolveu ao longo dos últimos tempos uma acção diversificada: estimulou e apoiou o protesto e a luta dos trabalhadores e de outros sectores da população; interveio na discussão do Orçamento do Estado na Assembleia da República que, como instrumento de uma política ao serviço dos grandes grupos económicos e financeiros, mereceu a reprobção do PCP, mas em torno do qual o Partido apresentou propostas de resposta a situações de gritante urgência, como o aumento dos salários dos trabalhadores da Administração Pública e o aumento das pensões de reforma; promoveu o agendamento de importantes propostas para uma reforma do sistema fiscal que permita mais justiça fiscal e menos impostos para quem trabalha; concretizou a campanha de contacto com os trabalhadores *Os trabalhadores têm direito a uma vida melhor*; realizou acções contra a privatização da EDP e da PT alertando para os problemas que daí advêm para o País e para a qualidade do serviço prestado; denunciou os novos e graves riscos para a soberania nacional que decorrem das negociações em curso para a alteração dos tratados da União Europeia; desenvolveu com os seus aliados as campanhas eleitorais para as

eleições legislativas regionais que permitiram um importante êxito eleitoral da CDU, com o reforço do número de votos e eleição pela primeira vez de um grupo parlamentar na Assembleia Legislativa Regional dos Açores e a sua confirmação na Assembleia Legislativa Regional da Madeira e realizou por todo o País iniciativas de apresentação, apoio e afirmação da candidatura de António Abreu às eleições presidenciais cuja formalização no Tribunal Constitucional ocorrerá amanhã. O PCP não fechou para Congresso e confirmou assim, mais uma vez, o seu importante e insubstituível papel na vida nacional.

**2.** O Comité Central sublinha o significado da discussão realizada em torno das *Teses-Projecto de Resolução Política*, um debate amplo, participado, envolvendo muitos milhares de membros do Partido em muitas centenas de reuniões e Assembleias Plenárias, no conjunto das organizações do Partido e, não ignorando problemas e preocupações, valoriza a contribuição dada por milhares de militantes que com a sua presença e opinião crítica e construtiva enriqueceram o debate e a reflexão partidária sobre os principais problemas da situação nacional e internacional, de reforço do Partido, da sua organização, das tarefas e batalhas a que o Partido será chamado no futuro próximo e de afirmação da sua identidade, ideais e projecto. Exemplo concreto da profunda diferença entre o PCP e os outros partidos nacionais na preparação e realização do seu Congresso: os militantes comunistas participam com a sua intervenção individual e colectiva, na elaboração da linha política e das orientações do Partido; no Congresso, os delegados pronunciar-se-ão sobre um documento que incorpora a opinião e a análise de muitos milhares de militantes; o Congresso do PCP é um congresso do Partido, construído pela vontade e pela acção do colectivo partidário, as conclusões do Congresso serão, não apenas a opinião dos delegados, mas o resultado de uma ampla, democrática e enriquecedora reflexão colectiva. Este trabalho contou também com a *Tribuna do Congresso* no *Avante!*, espaço complementar do debate nas organizações partidárias, traduzido na publicação de cerca de 200 textos.

**3.** O Comité Central confirma o acordo generalizado do colectivo partidário com as principais ideias, análises e propostas constantes das *Teses-Projecto de Resolução Política* submetido a debate em todo o Partido - ele próprio reflectindo já o resultado da primeira fase preparatória.

**4.** O Comité Central salienta que o debate vivo e determinado na generalidade do colectivo partidário fez gorar as fortes e persistentes ofensivas que se verificaram sobre o Partido nomeadamente por parte de alguma comunicação social que, utilizando atitudes no plano interno e externo e tomadas de posição assumidas por alguns membros do Partido à margem e em afrontamento das normas de funcionamento do Partido, tudo fez para perturbar e empobrecer o debate colectivo, para o deslocar do espaço aberto e livre das organizações - onde cada militante tem o direito e o dever de expressar as suas opiniões - para os meios da comunicação social dominante, uma opção que se revelou mais uma vez contrária à afirmação e aos interesses do Partido.

**5.** O Comité Central repudia as anunciadas iniciativas de alteração da lei dos partidos políticos, do PS e do PSD com o seu conteúdo antidemocrático de imposição de um modelo único para o funcionamento dos partidos políticos, recusa qualquer forma de ingerência na sua vida interna e afirma que as regras do funcionamento democrático do PCP, hoje como sempre, serão determinadas soberanamente pelos comunistas.

**6.** O Comité Central, baseando-se no balanço dos trabalhos preparatórios do Congresso, sublinha que o debate constitui uma manifestação da elevada consciência política, ideológica e de classe do colectivo partidário e reafirma a sua confiança em que o XVI Congresso dará um contributo decisivo para superar dificuldades, para o reforço orgânico do Partido, para o aumento da sua influência e da sua capacidade de intervenção, como grande partido dos trabalhadores e do povo português para o século XXI.

O Comité Central do Partido Comunista Português  
26 de Novembro de 2000











# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Portugal na Nato. O que fazer com a União Europeia. O que fazer com a moeda única. Qual o relacionamento com o poder político em Angola, Coreia do Norte, China, Vietname ou Cuba. Qual o papel de Portugal na ONU (e o direito de veto!).

O PCP deve enfrentar olhos nos olhos os Portugueses e perguntar: deve o PCP governar o País, ou deve continuar a ser uma muralha de aço de caderno reivindicativo na mão e ver passar ano após ano o CDS, PSD ou o PS pelo Governo?

Quem «governa» quarenta (40) Câmaras no País, sabe e pode governar 10 milhões de Portugueses.

José Manuel Faria  
Caldas de Vizela

## Tomar partido pelo Partido

É necessário que, para que o debate aconteça, exista respeito pelas regras estatutárias, respeito pela diferença de sermos diferentes dos outros, enfim, comunistas que assumem a sua condição de comunistas, e que querem realizar igualmente um debate comunista que reforce o Partido no aprofundamento que lhe permitirá assegurar a força, a unidade e a coesão para a luta pelos objectivos pelos quais luta o PCP desde a sua formação. Somos, felizmente para a classe operária e os trabalhadores portugueses, para todos cujos interesses e direitos o capitalismo nega e recusa, um Partido fiel aos seus princípios e valores, de uma ampla e alargada vida democrática interna onde cada militante conta, e que contando, todos contamos, conta mais o Partido.

Não somos um Partido de modas, mas transportamos de facto a novidade, o novo em relação e oposição ao capitalismo: o projecto de uma nova sociedade para o nosso país, livre de todas as formas de exploração - o Socialismo -, cuja experiência de gigantescas conquistas para a humanidade marcou de forma indelével o século prestes a terminar. Não sem erros, não sem insuficiências. E também não sem traições e desvios aos ideais dos comunistas (são os próprios agentes dessas traições que o afirmam). A derrota do socialismo na URSS e noutros países da Europa são um exemplo disso.

Por cá, estranharia muito que aqueles cujos interesses pomos em causa e contrariamos dessem ao PCP o tempo e o espaço para a divulgação das suas propostas e posições. Considero até natural que movam contra o PCP, para além da calúnia e da rotulagem habitual - já que não tem força para o liquidar -, tudo o que o pode dividir e por isso enfraquecer.

O que não considero normal é que alguns membros e alguns dirigentes do Partido emprestem, com a sua pública e deliberada contribuição, armas de arremesso contra o Partido que dizem querer mais forte, atractivo, transparente, renovado, contra o Partido com o programa e os estatutos que dizem não estar em causa...

Pois procuram prejudicar a sua unidade e coesão numa estranha dança de entrevistas, artigos de opinião, cartas abertas, estranhas demissões de responsabilidades, documentos de solidariedade vários. Não considero normal, mas percebo o que pretendem. E o que pretendem, mas não dizem com

clareza e lá sabem porquê, é pôr em causa um funcionamento que sabem que é o garante da condição comunista do Partido, o centralismo democrático, que é o instrumento - a par dos objectivos que o programa estabelece - que assegura a natureza de classe do Partido, a sua ideologia marxista-leninista (com hífen), o objectivo de construção de uma nova sociedade. É isto que os incomoda, porque não favorece uma estratégia de chegar à área do poder mais rápido, no meio da negociata, nas costas dos militantes, para uns quantos lugares num poder, não ao serviço dos trabalhadores e do povo, mas na gestão de uma pretensa reforma do capitalismo. Isto foi e é o triste papel que cabe à social-democracia e nestas coisas «quem não quer ser lobo não lhe veste a pele»... Desprezam a vida democrática interna do PCP, as mais elementares regras da democracia, desprezam o debate e o apuramento colectivo, julgam-se iluminados e dotados de plenos poderes para mandar e os outros obedecerem. Esqueceram-se, porém, que não lhes é permitido impor a sua opinião aos outros, à esmagadora maioria, e que todos contamos. Esqueceram-se que este Partido tem uma longa e prestigiosa história de trabalho colectivo, esqueceram-se que existe partido que tomou partido e que não troca a sua «espinha por patacas». O XVI Congresso constituirá mais um marco importante na reafirmação e reforço de um partido merecedor de ser chamado comunista. Por este partido, pelos seus ideais generosos, lutaram gerações de comunistas. Também quero lutar hoje para continuar a assegurar o seu futuro como partido que não abdica de ser o que é. Este Partido, que tomou partido, conta comigo.

Gisela Roque  
Montijo

## As lutas dos jovens

Aproveitando este espaço de debate em torno do XVI Congresso do nosso Partido, cá vai um contributo para o desenvolvimento, aprofundamento e construção das Teses - Resolução Política e naturalmente para a discussão. Os dados que aqui vou lançar integram-se no ponto 3.2.2.2 que diz respeito às lutas dos jovens.

As lutas travadas pelos jovens estão inevitavelmente relacionadas com ideais e aspirações, ou seja, com causas sociais, mas há um aspecto não só não referido nas Teses como também muitas vezes esquecido socialmente: a luta constante pela dinamização cultural e desportiva, nomeadamente no interior do país. São os jovens que em boa parte assumem o papel de trazer até zonas menos favorecidas a cultura e o desporto, quer através de associações juvenis quer na participação noutro tipo de associações mais ou menos formais, como grupos desportivos, ranchos folclóricos, grupos de teatro, associações de melhoramentos, etc.

Muitos dos problemas que estes jovens encontram no desenvolvimento da sua actividade, são também alguns daqueles que o PCP combate. A falta de apoios financeiros para estas actividades; a falta de infra-estruturas, nomeadamente salas de espectáculo e pavilhões desportivos; a dificuldade de circulação dentro da região assim como para as

outras regiões do país, não só pela qualidade das vias mas também pelos transportes que temos (ou não); o excesso de burocracia e o conservadorismo retrógrado contra os mais jovens; já para não falar da desertificação que, por motivações económicas, outros jovens são obrigados a procurar outras paragens.

Se houve alguém que ao longo do tempo denunciou estas e outras situações, assim como se preocupou em contrariar a ideia erradamente generalizada da juventude como uma camada amorfa da sociedade, foi, sem sombra de dúvidas, o PCP, que tem procurado juntamente com a sua organização para a juventude, a JCP, intervir junto do movimento juvenil para que este se mantenha dinâmico, interventivo e irreverente, lutando pelas causas justas nomeadamente esta, a de fazer chegar a cultura e o desporto a todos.

No entanto, e como todos certamente sabem, tal como o trabalho destes jovens, o trabalho do Partido nesta região é difícil, somos poucos e por vezes parece que o 25 de Abril ainda não chegou cá. No entanto é de referir que a CDU nas últimas cinco eleições subiu de votação, mas não se pense que isso é fruto de uma qualquer conjuntura, isso é fruto da acção do Partido junto dos trabalhadores, nomeadamente nos têxteis, é fruto da acção da JCP junto dos estudantes e é porque temos o Partido que temos, ou por outro lado, e a título de exemplo, não haveria cada vez mais trabalhadores no distrito a aderir ao Partido ou cada vez mais jovens a frequentar os centros de trabalho nas iniciativas da JCP.

Por outro lado e em tom de nota de rodapé, apesar destas dificuldades, nunca senti que nos organismos a que pertenco e pertencem, quer no Partido quer na JCP, a opinião, e de quem quer que fosse (independentemente do teor) tenha sido diminuída ou catalogada, é que se assim acontecesse, seria o primeiro a denunciá-lo *no próprio organismo*.

Rui Pascoal  
Guarda

## Sobre o «Novo Impulso»

Há quem queira (alguns membros e dirigentes) poder resumir no «Novo Impulso» a solução milagrosa para todas as dificuldades e medidas para o necessário reforço da organização e intervenção do Partido, esquecendo-se de uma riquíssima e larguíssima experiência de militância que só o PCP tem.

E nesses, há ainda os mais fervorosos e fundamentalistas «novo-impulsistas» - como os próprios se gostam de referir a si próprios e nos elogios solidários entre si: *os mais capazes, mediáticos, inteligentes e formados e que têm opinião, os que não abanam a cabeça, os que não andam cá à procura de qualquer coisa, e, como publicamente afirmam, comprometidos e respeitadores do Programa e Estatutos do Partido (???)*, enfim, *os que não são mentecaptos e cinzentões comprometidos e dependentes do aparelho stalinista, ou seja, do grupo fraccionário que quer tomar de assalto a direcção* - que resumem a decisão do CC de 13 e 14 de Fevereiro de 1998 «Por um novo impulso», à eleição de coordenadores, mas esquecendo-se dos termos e objectivos em que foi decidida tal matéria e cujo resultado as Teses

consideram «experiência pouco conseguida e de resultados limitados.» Procurando dar o meu contributo no repor daquilo que falta num quadro de deliberadas e maliciosas afirmações quanto à natureza e objectivos do «Novo Impulso», é necessário dizer que os organismos de base podem eleger ou nomear no âmbito da distribuição de responsabilidades desse mesmo organismo de base, o respectivo coordenador. Seria bom, no concreto, conhecermos até onde foi a experiência e os seus resultados - porque se o pressuposto era dinamizar as respectivas organizações, com mais actividade e militância, alargar a rede orgânica do Partido, chegar mais aos trabalhadores e às populações, aumentar a iniciativa política, alargar a influência, recrutar mais gente e nesses, mais jovens para o Partido - o que é que se conseguiu.

Quantos coordenadores foram eleitos nos organismos de base (uma Comissão de Freguesia, uma Comissão Concelhia ou uma Direcção Regional não são organismos de base, como é óbvio!) e qual é a expressão concreta do seu trabalho, que avanços face à situação anterior, e se ainda assumem essa condição e se estão em funções, até para melhorarmos a redacção do ponto 4.5.22 das Teses.

Mas, como toda a gente sabe (alguns fazem de conta que não sabem, ou não querem saber), o «Novo Impulso» tinha objectivos e horizontes mais largos no âmbito do reforço do trabalho do Partido, do Partido que somos: *reactivar e criar novas células de empresa; chegar ao maior número de camaradas quotizando e restabelecendo o contacto regular; realizar um amplo movimento de Assembleias de Organização a todos os níveis para prestação de contas, definição de objectivos de trabalho e eleição dos respectivos organismos de direcção; recrutar mais e mais camaradas para o Partido, nomeadamente trabalhadores e jovens; levar mais longe, aumentando a sua venda, a Imprensa do Partido, nomeadamente o «Avante!», órgão central do PCP; mais iniciativa política com a acção concreta; dar a posição do Partido face aos problemas dos trabalhadores e de outras camadas da população; dinamização da acção e da luta de massas, etc.*

Estes, no conjunto, eram e continuam perenes como objectivos para um Partido que se quer reforçar dentro daquilo que são as suas características fundamentais como o ponto 4.2.9.1 das Teses identificam e reafirmam, aliás, também de acordo com os Estatutos e objectivos estabelecidos no Programa do PCP.

Levam-me estas leituras a concluir (a não suspeitar mas a afirmar) que há gente que de facto sabotou o «Novo Impulso» na generalidade dos seus generosos e necessários objectivos, pois deles apenas «viram a árvore e não a floresta». Apenas viram a possibilidade. A eleição de coordenadores, como instrumento para eliminar o que maiores «engulhos» lhes causam: o trabalho colectivo, e a discussão e decisão colectivas, o antivedetismo, o antifracionismo que a ampla vida democrática interna, o funcionamento e a militância efectiva e nas tarefas concretas e necessárias recusam. Também aqui o Partido soube e sabe dar a devida resposta.

Avelino Antunes  
Montijo

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Tribuna do Congresso

### Quero ser o que sempre fui

Como militante de base que sou, e porque vivo numa aldeia em que ainda hoje é difícil dizer-se que se é comunista, quero aqui e através do nosso jornal «Avante!», deixar bem claro a minha opinião sobre alguns acontecimentos tristes mas já esperados no nosso Partido. Através da mentira fácil, existem alguns militantes que afirmam não existir democracia no nosso Partido.

Por não ser verdade, peço a esses militantes que tenham a coragem de discutir as suas divergências dentro da sua própria casa, aceitando o que democraticamente aí se decidir. Lutar pelos seus ideais é e será sempre salutar, mas dentro dos limites existentes, e que em Congresso são definidos por todos nós.

Pelo nosso grandioso Partido, passaram muitos mouras, muitos cidades e outros que, depois de muito terem aprendido no Partido, se deixaram vender atraídoando os ideais que falsamente diziam defender. Por os ter conhecido, o que não foi prazer nenhum para mim, fiquei muito entristecido, até porque antes da sua saída os seus discursos eram cheios de «boas intenções». Depressa me apercebi que esses senhores eram falsos e nada tinham em comum com os trabalhadores que para eles continuam a trabalhar.

Por sua causa, muitos militantes e simpatizantes se afastaram do nosso Partido. Outros exemplos se têm seguido dentro do mesmo espírito de destruição julgando que nos limitam da nossa identidade.

Estou pois convicto de que muitos militantes e simpatizantes que se afastaram vão ter a coragem de voltar, com determinação e militância já demonstradas noutros tempos. Afinal muitos que se afastaram tinham razão, quando diziam que no Partido estava muito oportunista à espera de algum «tacho».

Por mim, vou continuar a defender a nossa democracia que tem sido participada e discutida, propondo as minhas ideias e aceitando sempre a vontade expressa do que aí se decidir em conjunto. Defendo e defenderei que este meu, nosso, Partido continue forte e determinado, na sua luta pela emancipação dos povos, e essencialmente defendendo todos os trabalhadores portugueses.

Quero que este Partido, que é comunista mas também português, seja respeitado especialmente por aqueles que, tendo alguma inteligência, não a estão a demonstrar.

Foi com este Partido que sempre me identifiquei. É com ele que me identifico. A identidade e o símbolo do nosso Partido não devem ser objectos de mudanças. Para ridículo já bastam os acontecimentos passados nos outros partidos comunistas.

Manuel Baptista Peça  
Penacova

### Aprendiz

Sou aprendiz há já alguns anos. Tenho aprendido com os mais velhos e ao mesmo tempo ensinado aos mais novos. Como digo muitas vezes, não sou comunista, ando a aprender a sê-lo. Ninguém nasceu com consciência de classe.

Toda a perspectiva da vida, de luta e consciência daquilo que sou e quero aprendi dentro do Partido, tal como o respeito pelos outros, novos ou velhos, e claro a consciência de luta e de classe. Aprendi tão bem os meus deveres e direitos - direito à crítica e autocrítica -, mas isto tudo dentro do colectivo partidário e não na praça pública como se fosse a venda da banha da cobra, como têm feito alguns militantes, quando a sua opinião não é discutida e aceite no colectivo partidário. E isso para mim é traição à causa, à luta, aos princípios revolucionários, é o que chamo de oportunismo.

São palavras duras, mas é o que sinto. Sinto raiva de ver camarada responsáveis fazerem aquilo que já condenaram. Pergunto, onde está a diferença? Talvez se tenham esquecido do princípio revolucionário por conveniência.

Como já li algures, no movimento operário há sempre alguns que ficam pelo caminho, enquanto os outros seguem em frente na luta (pois, como digo, o homem passa, a ideologia fica). Essa mesma luta seria impossível sem o PCP, Partido nosso que alguns teóricos demagogos quem renovar, renovar para extinguir.

O PCP é o Partido da classe operária, é um partido marxista-leninista e deve continuar a sê-lo, pois se nós temos a dita democracia ao PCP o devemos e, claro, aos camaradas que ao longo das suas vidas lutaram nas fileiras do Partido pela causa comunista e pela defesa de uma sociedade justa, uma sociedade socialista.

Este aprendiz diz aqui bem alto que não quer pertencer à geração que pretende destruir toda a história do Partido com renovações demagógicas. Este aprendiz diz bem alto que o PCP tem de continuar a ser um partido comunista, partido revolucionário, partido da classe operária, porque, caros camaradas teóricos, somos nós os operários que transformam o mundo. Somos nós a consciência revolucionária, somos nós que não desistimos dos princípios marxistas-leninistas, somos nós os motores da revolução.

Por tudo isto, intelectuais demagogos, não queiram destruir o Partido com a renovação demagógica servindo apenas interesses dos capitalistas, pois não me esqueço das experiências de partidos irmãos, que, com as renovações (extinções) acabaram por ser apenas os reflexos fracos daquilo que foram. Por isso não o desejo para o meu Partido. Viva o PCP, viva o marxismo-leninismo, viva Portugal.

Zé Paulo  
Santiago do Cacém

### Ao correr da pena

A situação de forte crispação que se vive no nosso Partido, precisamente em véspera do XVI Congresso, de forma alguma pode ser minimizada ou distorcida. A situação resulta a meu ver de não terem sido analisadas e estudadas em profundidade, em tempo oportuno, novas situações criadas ao Partido e de que cito apenas algumas:

a) A implosão da URSS e os seus reflexos negativos no movimento comunista. Basta ler com atenção alguns editoriais do «Avante!» sobre esse acontecimento, onde se omite, por exemplo, a crise económica em crescimento exponencial

na década de 1980/90 e o descrédito da classe política nesse mesmo período para se concluir quanto superficial foi esse estudo;

b) À alteração profunda da sociedade portuguesa, que as Teses ao Congresso de uma forma geral bem explicitam, e para as quais a burguesia não encontrou respostas, nomeadamente nos planos social e ambiental, têm os comunistas a obrigação de encontrar soluções no quadro da democracia formal em que vivemos.

Militância activa é actuar no momento em que os problemas aparecem e não esperar décadas para que a situação se degrade até a revolução ser possível. Considero-me obrigado a dar a conhecer a minha posição sobre:

1.º Considero importante a matriz do Partido ser o «marxismo-leninismo». Ferramenta indispensável para estudar e analisar os problemas sociais, económicos e políticos do mundo actual. Também há um claro défice do Partido no estudo e análise do marxismo-leninismo ao não se avançar, por exemplo, uma concepção da relação entre democracia e socialismo diferente da que foi elaborada por Lenine, sem nos afastarmos do seu método, adaptada às condições históricas actuais que Lenine de forma alguma poderia prever. Lenine escreveu que é digno de ser membro do Partido «aquele que estuda atentamente, medita os problemas e o futuro do seu partido e consegue encontrar por si próprio uma solução» (ver V. Lenine; Oeuvres; tomo 19, pág. 162).

2.º Aceito perfeitamente o «centralismo democrático» como princípio director da organização do Partido, desde que associe a centralização e disciplina a uma democracia alargada a toda a vida partidária, porque todos os membros do Partido têm o direito a debater livremente a política a seguir pelo Partido; todos os responsáveis, todas as estruturas do partido, todos os dirigentes eleitos em congresso têm o dever de dar conta do seu trabalho ao colectivo partidário;

3.º Por último, uma preocupação: o dia seguinte ao Congresso. A manter-se, como tudo o indica, a data do Congresso e sem aparente vontade de estabelecer pontes entre diferentes pontos de vista de militantes, como sairá o Partido desta situação? Incólume? Destroçado?

João Alves  
Lisboa

### Pelo adiamento do Congresso

Depositei esperanças e expectativas que o próximo Congresso do nosso Partido, pudesse constituir um momento alto de um percurso de debate e preparação da modernização do PCP, do aprofundamento da relação do Partido com o País, a sociedade e o nosso povo, da revivificação do projecto comunista para Portugal.

Esse não foi e não parece ser o caminho que estamos a trilhar, lamentavelmente. São problemas reais e complexos os que enfrentamos. As respostas do PCP têm, por isso, de estar à altura da complexidade da situação, das exigências, dos desafios e têm de estar no tempo, dos tempos em que vivemos. O esquematismo, o obreirismo, o voluntarismo e outros *ismos* igualmente prejudiciais ao desenvolvimento e afirmação do nosso Partido deveriam merecer a nossa atenção crítica e a

indispensável correcção. Deveriam constituir forte motivo para desejarmos dinâmica, abertura, criatividade, debate, reflexão colectiva, intervenção acrescida, responsabilização de todos e cada um.

Apenas consigo vislumbrar recorrência, contenção e centralismo que inevitavelmente transformarão o Congresso numa iniciativa ritual ou numa «iniciativa-alvo» de todos quantos vislumbrarem a oportunidade de atacar e denegrir o PCP, questionando por pretexto o projecto que defendemos e protagonizamos. O grave é que nós próprios nos expomos, com a oportunidade, o pretexto e a cereja em cima do bolo. Estamos a tempo de corrigir a rota. Podemos e devemos adiar o Congresso, recomeçando noutros moldes o debate, examinando com profundidade e amplitude as nossas forças e potencialidades, construindo propostas positivas, afirmativas e atractivas para a sociedade portuguesa e para a nossa inserção no mundo, conferindo renovada dinâmica ao projecto comunista.

Quero participar no Novo Impulso e recuso a estagnação e a fatalidade.

Rui Pinheiro  
Sacavém

### Defender a unidade

Debater ideias em reuniões do Partido é diferente de fazê-lo nas páginas do «Avante!». Alguns, felizmente poucos, parecem esquecer que fazer publicar no Órgão Central do Partido não é, apenas, divulgar posições para dentro do Partido. É também um dos caminhos para mostrar aos exploradores as nossas diferenças. Esta prática, se prolongada, permite que os inimigos detectem e amplifiquem as nossas divergências e as explorem com maior eficácia.

Apelo aos camaradas que evitem enfraquecer o Partido ao emitir livremente opinião. É importante preservar a nossa invejável unidade. Vamos ouvir, com respeito, os outros. Mas o direito de discordância deve exercer-se quando a consciência o ditar. É inaceitável que, em nome da unidade, nos queiram obrigar a hipotecar os princípios, em tempos, assumidos por todos. Com amargura observo que a coberto do reforço da capacidade de atracção do PCP propõem fracassadas soluções de outros, que potenciam fracturas na invejável, repito, unidade do Partido.

Propostas que alteram profundamente o equilíbrio de competências entre os órgãos da Direcção e em simultâneo jogam fora os princípios e as regras básicas do nosso funcionamento, que consequências teriam, caso fossem aprovadas? Ninguém acredita nesse contributo para reforçar o PCP. É a dignidade e a firme defesa dos explorados que mais prestígio têm granjeado ao Partido.

Artigos sistemáticos nos média, invocando falsas «perseguições», «tomadas de poder» e «assassínios do debate» ofendem os comunistas. Não chegaria todo este jornal para desfiar o rosário dos insultos com que presenteiam o colectivo admirável e fmpar que é este PCP. Como militante do sector intelectual de Coimbra, manifesto toda a minha indignação e repúdio por esses insultos dirigidos a camaradas íntegros da direcção do nosso Partido. Aos camaradas visados transmiro a solidariedade de

# XVI CONGRESSO

## PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

muitos intelectuais e convido todos os que conseguem indignar-se para que me acompanhem neste acto.

Não vemos tais escribas, nos *media*, a combater o capital explorador de milhões de seres humanos no mundo e que mata outros tantos, até na Europa. Que disseram dos ignóbeis crimes sionistas sobre o martirizado povo palestiniano? Alguém os viu combater a iniciativa fascista, descarada e de cariz nazi que pressiona o PCP, por via legislativa, para que adopte regras de funcionamento interno, impostas do exterior? Que indignação estampam quando os executores da política do capital consideram que o país vive já numa situação de pleno emprego? Terão eles algum dia imaginado a amargura de qualquer desses portugueses que todos os dias necessitam de encontrar comida para dar aos filhos?

Quem dirigirá e colocará em prática a linha política revolucionária deste PCP, marxista-leninista, serão os camaradas, operários e trabalhadores que felizmente constituem a maioria no nosso Partido. Por isso manifesto confiança. Se algum narciso, julgando-se rei do mundo e servindo-se dos meios que o capital lhe concede, pensa inverter a lógica pode começar a desenganar-se pois terá, de todos nós, uma resistência tão tenaz como a teve Salazar ao pensar aniquilar a nossa organização.

Defender a unidade e reforçar o PCP, apetrechado com uma única orientação geral e uma única direcção central, é dever estatutário dos que um dia decidiram aderir a este Partido. Camaradas, as dificuldades que se aproximam são grandes e as lutas difíceis, mas resistiremos com confiança e estaremos vigilantes para que se cumpra o poeta: «... agora ninguém mais cerra as portas que Abril abriu!».

Manuel Matos Bastos  
Coimbra

## O PCP - Partido de Influência

O PCP tem manifestado sempre, e muito bem em minha opinião, não lhe interessar e não pretender ser um «partido de poder», no sentido de participar no Governo, enquanto o seu natural aliado para esse efeito, que deveria ser o PS, for afinal um partido com política de direita.

Ora, o PS mantém actualmente, com a toda a evidência, a política de direita seguida em geral desde o 25 de Novembro - por si próprio, pelo PPD/PSD e pelo CDS/PP, isolados ou em coligação - da qual destaco em primeiro lugar o facto de procurarem sempre, em unísono e a todo o transe, limitar os salários e os direitos dos trabalhadores, com profunda injustiça social e em prejuízo da economia nacional. Bastaria esse motivo para impedir uma possibilidade de acordo a nível governamental do PCP com o PS. Mas acresce ainda, em consonância com essa posição do PS, a sua subserviência e submissão, no País e internacionalmente, aos interesses dos grandes potentados económicos e financeiros, ao imperialismo e à sua política de terrorismo militar, que conduzem inevitavelmente o nosso país e a Humanidade ao descalabro económico e ao incremento do perigo do holocausto nuclear.

Por tudo isso, o PCP, coerentemente com a sua natureza de classe, em defesa dos trabalhadores e do povo em geral, da independência nacional e da paz, não é nem deve ser actualmente um «partido do poder».

O nosso Partido deverá, sim, manter com orgulho, serenidade e confiança a sua posição que costumo apelidar de «Partido de Influência».

Porque somos de facto um Partido com grande influência, nacional e internacional, pelo seu acerto, empenhamento e trabalho denodado em muitas frentes de luta, desde os sindicatos, autarquias e movimentos cívicos e populares, até à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu.

Porque somos o Partido defensor da liberdade e de uma democracia plena - isto é, por direitos humanos completos para todos e em todas as suas componentes: política, económica, social, cultural e ambiental - e por um Mundo de maior justiça social e paz, pelo desarmamento e pela abolição das armas nucleares.

Fomos assim no tempo do fascismo e somo-lo também agora, com pés bem assentes na terra, atentos às vivências do passado e do presente e às suas mutações, virados sem complexos nem preconceitos para o Futuro que é nosso.

Álvaro Maia Rebelo  
Lisboa

## Seria mais fácil

Resistir na ofensiva é a palavra de ordem, camaradas. Porque esta é que é a questão de fundo.

Seria melhor que não resistisse. Seria melhor que se acomodasse. Haveria mais à vontade, mais pragmatismo, mais modernismo na análise e resolução dos problemas em que se debate a sociedade em geral e os trabalhadores em particular.

Seria mais fácil, sentado à mesa do orçamento, acrescentar a este mais uma vírgula ou, sem o provar, dizer que o queijo é gostoso.

Por dentro do sistema, por corredores ou labirintos, conciliando, pactuando, administrando a doença o capitalismo, não falando dela nem combatendo os seus efeitos, recebendo em troca do silêncio as recompensas e as melhores atenções por parte dos donos do mundo e dos *media*. Transformado em «moderno», «corajoso», «adaptado à realidade global», seria mais fácil. Não seria esse o meu Partido. O meu Partido, o Partido Comunista Português, é aquele que, na fábrica, na empresa, no bairro, na rua, na aldeia, na cidade e na escola, luta e sofre, vive alegrias e ri, está sempre presente e diz sim à indignação e à revolta. É um Partido de ruptura com o sistema actual (desumano e bárbaro) e não de administração do sistema actual.

A experiência é de Outubro de 1917. Sabemos que foi e é possível. Não vamos, pois, aceitar viver de joelhos, camaradas. E se a alguns de nós já lhes faltam forças para se manterem de pé, que se lembrem que é na lealdade, na solidariedade e na fraternidade que encontramos essa força que nos permitirá enfrentar o inimigo de classe (o capital), combatendo as injustiças e a exploração do Homem pelo homem. Gostei de uma expressão que ouvi de um camarada: «Este grande colectivo partidário tem que ser, todo ele, um colectivo intelectual.» Acrescentarei que «este grande colectivo partidário

que levar à prática, todo ele, de forma empenhada, as decisões colectivamente aprovadas e aceites».

Entristece-me o facto de outros discutirem na praça pública os problemas que internamente deveriam ter discutido por nós, comunistas. Digo outro para não dizer aqueles que se calhar pela calada da noite espreitaram comunistas e perseguiram comunistas, mandaram para as prisões comunistas e até ajudaram a assassinar comunistas. Gentilha da pior espécie sem escrúpulos, sem alma, sem rosto, que se arrogam o direito de decretar a morte de quem está bem vivo e logo de seguida sugerem que renovado o PCP seria um grande Partido.

Que resista a si próprio em defesa dos princípios e valores que sempre o nortearam desde a sua fundação é o apelo que aqui faço aos camaradas delegados ao XVI Congresso. Por um PCP mais forte e interventivo.

Cristóvão Jacinto  
Loulé

## A História não é linha de montagem

1 - Julgo constituir, ainda hoje, expressão comum do pensamento da generalidade dos militantes comunistas - e, por isso, se compreenderá que perpasso de forma latente pelas teses - a ideia de que a evolução da História se processa de forma linear, avançando por saltos qualitativos em direcção ao socialismo...

Porém, a História não funciona em linha de montagem, em que os factos são elos de uma cadeia qualitativamente alargada, sucessivamente... Esta será uma concepção finalista da História!... São porventura mais produtivas as ideias que concebem o desenvolvimento histórico segundo o modelo dos sistemas dinâmicos integrados, que a informática e a cibernética elaboraram e que constituem o modelo de funcionamento de toda a realidade viva (animal ou social).

Pode dizer-se, de forma sintética, que um sistema integrado se caracteriza, sobretudo, pelo funcionamento articulado e pelas relações dinâmicas que se estabelecem entre os seus elementos e entre estes e o meio exterior.

Qualquer sistema, quando isolado de influências externas, não sendo influenciado por outros processos, tende para a estagnação e no limite acabará por se esboar; será, pois, tanto mais eficaz, quanto mais intensa for a ligação ao meio «exterior», ou seja, ao conjunto de sistemas dinâmicos de que faz parte... Por outras palavras, um sistema integrado «alimenta-se» de informação do meio em que se insere...

A dialéctica da ligação sistema/meio remete para o conceito de retroacção, que poderá ser um de dois tipos: o sistema recebe a informação e age no sentido de tornar a influência do meio cada vez mais intensa, provocando em última análise o «suicídio», por diluição no sistema envolvente; ou, pelo contrário, o sistema considerado trabalha a informação adquirida, age no sentido de se furtar à influência exterior e devolver ao meio a informação tratada, estabelecendo novo equilíbrio funcional com o exterior - a informação ganha então a expressão maior de comunicação...

2 - À luz destas considerações, será de referir que a luta por uma sociedade alternativa ao sistema capitalista (o meio em que a acção dos comunistas presentemente se desenvolve...) implica o reconhecimento que os processos sociais são mais dinâmicos do que na época em que foram elaborados os conceitos teóricos e se deram os primeiros passos na construção de uma sociedade socialista...

Por outras palavras, aumentou exponencialmente o ritmo de informação e interdependência entre sistemas!... O reconhecimento desta realidade não significa que os comunistas estejam condenados a aceitar os objectivos, interesses, valores, modelos sociais e concepções de vida que o meio social oferece...

O salto para uma acção do tipo retroacção negativa, ou seja, para a devolução à sociedade dos objectivos e valores comunistas pressupõe organizações próprias e autónomas dos interesses dominantes, métodos e regras de funcionamento específicos (ampla democracia na formulação de decisões, trabalho colectivo, unidade de acção, etc.), mas também plasticidade suficiente para saber captar da influência do meio, os instrumentos adequados à formulação de (novas) respostas aos desafios da época presente... Por outras palavras, requer-se a capacidade de captar os sinais dos tempos e saber comunicar o modelo de sociedade, pelo qual os comunistas portugueses se batem...

Nesta perspectiva, será decisivo que a classe operária e os trabalhadores portugueses, perante as dificuldades presentes, ganhem cada vez mais consciência do seu papel na História e saibam, como massas activas e criadoras, projectar no conjunto da sociedade presente o tempo antecipado do Futuro...

Manuel Veiga  
Bobadela

## Em defesa do marxismo-leninismo

Continuo convictamente marxista-leninista. Bem sei que, reivindicando-se desta doutrina, se constituíram ditadores e se cometeram crimes bárbaros. Mas também sei que, em Portugal, o marxismo-leninismo fundamentou programas libertadores e democráticos. E é em Portugal que vivo e luto.

(...) No limitado espaço deste artigo, abordarei apenas dois aspectos, para mostrar como insistimos em fórmulas enquistadas. São eles o conceito de classe operária e o princípio do centralismo democrático.

(...) Cada revolução industrial provocou modificações enormes no núcleo operário, naquele sector a quem os clássicos atribuíram o papel de mais revolucionários, porque ligados às formas mais avançadas da produção, porque mais organizados e disciplinados, porque pela sua própria preparação cultural eram os mais capazes de mostrar os caminhos para a libertação, os mais capazes de acolher as ideias do socialismo e, mais além, do comunismo.

Hoje, até os operários do antigo núcleo, os metalúrgicos, tiveram de se reciclar, até os frezadores passaram a trabalhar com computadores. Mudou o núcleo



# XVI CONGRESSO

## PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

gerações futuras, mas não esquecendo o passado nem o que milhares de camaradas sofreram para que hoje possamos estar aqui, em liberdade, a discutir o nosso futuro. Este Partido, o Partido Comunista Português, continuará vivo, forte e coeso.

**Helena Dias**  
Corroios

## O «Avante!» não é correio

As Teses – Projecto de Resolução Política são um trabalho globalmente profundo que mergulha nas ciências da sociedade humana como, aliás, é sinónimo do trabalho do nosso grande PCP – Partido Comunista Português, ao qual muito me orgulho de pertencer. Depois queria, também, utilizar este espaço que é a Tribuna do Congresso para deixar alguma da minha reflexão. Reparei que os camaradas que utilizam esta coluna frequentemente expressam a ideia de ser criada definitivamente uma coluna similar para apresentação de ideias e opiniões dos camaradas que assim o desejem. Parece-me que, para além de transformar o nosso «Avante!» em correio para o qual penso não estar vocacionado, não teria espaço para todos. O melhor será continuarmos a frequentar as nossas reuniões nos respectivos organismos e assim continuarmos a levar a Partido a sabedoria dos trabalhadores e de todo o Povo para assim podermos continuar a revermo-nos nos trabalhos dos nossos ilustres camaradas jornalistas que tão bem o sabem fazer. Assim, gostaria de utilizar esta coluna para dar um forte abraço a todos os camaradas militantes do glorioso PCP.

**António Jorge**  
Lourinhã

## Jogo de sombras

Nesta fase preparatória do XVI Congresso (e ainda a procissão vai no adro) assistimos a uma fortíssima campanha da parte da comunicação social tendo como alvo a natureza e identidade do Partido, a sua ideologia, e também, talvez até com mais força, os seus métodos de funcionamento e organização.

Uma comunicação social dominante que «toma partido», que defende e estimula a fracção e a tendência, sacralizando uns quantos membros do Partido ansiosos de protagonismo (mesmo que à custa das regras que livremente assumiram quando se filiaram no PCP). Há os que subterraneamente e sem rosto vão servindo de *correia de transmissão* da comunicação social. Há os que se «estão nas tintas» pura e simplesmente para as regras e divisões do Partido e da sua direcção escrevendo e falando para jornalistas... que assim vão ganhando a vida.

Há os que de forma mais cerebral e fria escrevem ao secretário-geral e depois informam uns amigos das suas «demissões», centrando a causa na autovitimização em perseguições, em suspeições bem adjectivadas e pouco provadas. Claro. Se a notícia aparece nos jornais, o

visado dirá, como a maior verdade do mundo que não foi ele. Contactado pelo respectivo jornal logo vem que «não falo na vida interna do Partido!». Cá por mim que não acredito em bruxas... afinal até parece que as há.

É neste aparente jogo de sombras que naturalmente proliferam as confusões e solidariedade de bons camaradas que formam opinião pelo que ouvem e pelo que lêem (só de uma fonte).

As resmas de notícias sucedem-se. Um acto e um facto é dito e redito, escrito e reescrito. O que importa agora não são as ideias. Aliás, salvo uma ou outra ideia mal sustentada pelos autores quanto às alterações da mesma matriz ideológica e da aproximação ao poder exercido por este PS numa via de co-responsabilização com a sua política de direita, bem se pode constatar a pobreza franciscana destas ideias divergentes. Sobra o insulto e a insolência, mas acima de tudo a «canelada» nas regras e nos métodos de funcionamento do Partido. Sabem que das duas uma: Ou a direcção põe a funcionar os Estatutos e tinham finalmente os «mártires» que tanto jeito lhe faziam ou banalizam tantas vezes a violação da nossa lei até a tornar ineficaz. Mesmo sabendo que constituem um pequeno grupo no seio do Partido contam com os amplificadores da comunicação social dominante que decidiu destacar um conjunto de jornalistas, analistas e fazedores de opinião que transformam a voz de cem em mil e a opinião de muitos mil em zero.

Lógico e naturalmente servem quem lhes faz a sua própria opção ideológica. Ilógico, e antinatural, é que membros do PCP num triste papel de figurantes (mesmo quando se julgam protagonistas) lhes dêem armas e instrumentos para ferir este Partido que persiste no caminho da resistência e da luta que surgiu como necessidade histórica duma classe e que continua a ser, neste limiar de século, a única grande força política que convoca vontades, esperanças e convicções para fazer frente ao capitalismo e ao seu carácter desumano e explorador.

O projecto de Resolução Política não é nem poderia ser uma obra perfeita e acabada. Mas constitui um inestimável instrumento de análise, de resposta e de intervenção para os comunistas portugueses. E ele valerá tanto mais se conseguirmos tomá-lo nas mãos e ligá-lo à vida e à luta. Até porque, como afirmava Marx, a prática é o critério da verdade.

**Vitor Pereira**  
Ajuda

## Um Partido para durar

O Projecto de Resolução Política a apresentar ao XVI Congresso do PCP, tal como proposto pelo Comité Central, não sendo, quanto a mim, um documento perfeito, parece-me, no entanto, merecedor de ser aprovado no seu conjunto.

Fundamentalmente porque nele se afirma a necessidade do nosso Partido continuar a defender os valores e princípios que, através dos seus quase 80 anos de existência, se revelaram como mais capazes de assegurarem a sua continuidade e os êxitos mais importantes nas inúmeras lutas desses anos, bem como de fazer face aos desafios do presente e do que se pode

perspectivar para o futuro do nosso país e do resto do mundo.

Entre esses valores e princípios bem provados avultam os de o PCP ser o Partido da classe operária e de todos os trabalhadores, tendo como guia para a acção o marxismo-leninismo. E agindo na prática de acordo com as normas do centralismo democrático, como Partido coeso e firme no confronto de classes que lhe é imposto pelo ainda bem poderoso sistema capitalista e imperialista na sua presente fase globalizadora, com a sua clara expressão, também em Portugal. É necessário não esquecer que foram esses valores e princípios que conduziram à vitória talvez mais importante de toda a vida do nosso Partido, consubstanciada no derrubamento do regime fascista, finalmente levado a cabo em 25 de Abril de 74, e nas conquistas obtidas a seguir. Num documento político, dos mais relevantes de toda a história do nosso país, que é o «Rumo à Vitória», saído do VI Congresso do PCP, em 1965, apontam-se claramente aqueles valores e princípios que impulsionaram decisivamente a vitória do 25 de Abril e as que se lhe seguiram.

Entre os pontos considerados como essenciais para a instauração da democracia em Portugal salientava-se então, a par de outros, a libertação do nosso país do jugo do imperialismo, o qual, durante 48 anos, fora, em aliança dominadora com os monopólios capitalistas e os latifundiários nacionais, o maior sustentáculo e impulsionador dos regimes salazarista e, mais tarde, caetanista.

Foi este um capítulo da Revolução de Abril que nunca se concretizou. E hoje o imperialismo, na sua fase hegemónica americana, acolitada pela União Europeia, Japão e Nato, continua a impor o seu jugo sobre os aspectos essenciais da vida do nosso país, com as consequências tão nefastas que cavaquismos e guterrismos bem expressaram e continuam a expressar. A necessidade para nós de uma decidida luta ideológica contra a manipulação, confusão e desorientação de ideias provindo dos arsenais imperialistas, com a sua sofisticada base tecnológica; e expressas através das posições do PS, PSD, PP e BE, é cada vez mais necessária. Inclusivamente através do aprofundar do conhecimento e estudo dos métodos de subversão ideológica que desempenharam um papel dos mais decisivos na derrota infligida pelo imperialismo à União Soviética e a outros países socialistas; métodos de uso ainda tão actual contra os partidos comunistas de hoje.

E a luta por uma verdadeira independência e soberania nacionais, despojada de patrioteirismos sem substância ou neocolonialismos saudosistas, poderá ganhar o apoio e unir à sua volta camadas amplas do nosso povo.

A grande maioria das críticas de renovação ultimamente apresentadas contra as Teses não me parecem ter nem base teórica nem prática aceitáveis. Essas críticas parecem reflectir velhas e revelhas teses de acomodação perante a classe dominante e os seus partidos; ou então os resquícios de *trotskismo* que o BE persiste em agitar após quase 100 anos da sua total falência na prática, que inclui os desastres esquerdistas que tanto contribuíram para a contra-revolução após o 25 de Abril. Melhoremos, sim, todos os dias e sempre, a nossa prática e a eficácia da nossa acção política; e criemos

condições para a formação de ainda mais revolucionários profissionais, dedicados e funcionalizados. Viva o PCP!

**Carlos Plácido**  
Vila Nova de Cerveira

## A opinião de um jovem

Caros amigos, venho por este meio expressar a minha opinião como jovem interessado nos problemas não só do Partido como da sociedade em geral. Tem-se observado nestes últimos anos um crescente desinteresse nos jovens em relação à política. Talvez a educação esteja feita com um propósito muito assente na vida de cada jovem.

Hoje caminhamos para uma globalização extremamente complexa para os trabalhadores. Os tempos, esses, estão difíceis e com isso a delinquência aumenta, a droga, o desemprego e, o mais importante, o viver.

Um camarada de Rio de Mouro sublinhou numa das suas intervenções que somos diferentes, pois que nenhum camarada duvide disso mesmo, porque somos definitivamente diferentes. Os jovens têm de ter mais influência na vida do Partido e sobretudo nos centros de trabalho, porque a sua irreverência dará frutos no futuro, um futuro que se espera complexo. Mas esse mesmo futuro tem que passar por uma ideologia concreta e um Partido sem conflitos. E, o mais importante, sem uma obsessão pelo poder.

Camaradas e amigos, as portas abrem-se e fecham-se no nosso XVI Congresso, por isso tenhamos em conta que muitos trabalhadores apenas têm o PCP como sua arma, daí a importante reflexão para um presente que se espera difícil e complicado.

A nossa luta é a luta da humanidade. Daí, camaradas, é importante mantermo-nos comunistas, mesmo aqueles que poderão sair. As mudanças são importantes, elas trazem uma importante reflexão, mas podem ser extremamente perigosas. Daí a mudança ter que ser segura.

Sou um jovem apenas, mas uma coisa tenho assente: a importância de intervir deve ser prioridade. Por este meio venho contestar a carta do camarada Carlos Brito, que deixou mensagens profundas no seio do PCP. Também tenho a dizer que a passagem de informações sobre o Partido para os jornais é uma atitude cobarde e perigosa. Haverá então traidores?

Um abraço ao jornal «Avante!» e a todos os camaradas que tenham em conta o nosso eterno Partido.

**Vasco Cardoso Ventura**  
Rio de Mouro

## Os recados

Quando, como responsável de grandes células de empresa (nunca fui funcionário), fazia reuniões em núcleos distanciados geograficamente entre si, com militantes de formação académica e experiências diversas, idade, sexo e sensibilidades diferentes, inicialmente surpreendia-me ser confrontado na mesma semana com questões idênticas, desfasadas das nossas preocupações e dos problemas vividos pelos trabalhadores nas empresas, ou das

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

dificuldades por eles sentidas no seu dia-a-dia.

Lendo a imprensa dita «de referência» apercebi-me de onde vinham os recados. Eram as campanhas pela *coitadinha* da Zita, do Magalhães ou outros nessa altura tão mediáticos. Insuflava-se a «plataforma» e tudo o que pudesse criar confusão entre os militantes. E assim, perdíamos horas em discussões estereis, desenredando insinuações, intrigas e calúnias. As Zitas e os Magalhães hoje estão onde estão, e as plataformas transformaram-se em trampolins.

Encontram-se todos bem instalados, não nos devemos preocupar com o futuro dos que nos deixam. Tudo ficou claro, não nos restam quaisquer dúvidas, a verdade apresenta-se-nos: de chapa! Outros camaradas tomaram os seus lugares e a nossa vida partidária continuou.

Quando há camaradas que se referem dita «campanha da imprensa burguesa», entre aspas, afirmando que se não fosse essa imprensa continuavam sem saber o que se passa no Partido, elegendo assim os meios de comunicação social nas mãos dos mais agressivos grupos deste país (Balsemão/Sonae/Lusomundo), como informadores e formadores desinteressados dos nossos militantes. Certamente que esses camaradas se enganaram de endereço.

Afirmações deste tipo são, além de insultuosas, aberrantes e, porque elogiosas para com a «dita imprensa burguesa», as rádios põem à sua disposição os microfones e a comunicação social empresta-lhe todo o seu carinho.

Dado que, contraditoriamente, o camarada Ângelo Veloso é citado como um dos heróis do Partido, era importante que o camarada, todos os camaradas, lessem no «O Militante» (N.º 135 de Outubro de 1990) trechos de um documento por ele elaborado «Sobre algumas questões ideológicas no Partido» onde refere que «seria inacreditável que a comunicação social dominante não intervisse no debate público, de forma interessada, manipulando, desinformando, distorcendo.» Ou ainda «argumenta-se que a divulgação pela imprensa burguesa não tem, afinal, inconveniente, e é resultante do silenciamento pela imprensa do Partido. Tecem-se elogios à intervenção da comunicação social e apaga-se o seu conteúdo de classe e o sentido político da sua intervenção. Desculpabilizam-se-lhe calúnias, mentiras, invencionices, e facilitam-se-lhe informações parciais que servem para dar credibilidade às maiores falsidades». De 1990 para cá as informações deixaram de ser parciais, à imprensa dos grandes tubarões é fornecida informação detalhada e minuciosa das reuniões dos órgãos superiores do Partido, para melhor ser trabalhada, manipulada e deste modo podermos ser convenientemente esclarecidos!...

Nestas últimas semanas os recados chegam em catadupa. Da tal «Lei dos Partidos» os *media* respigaram um tema «ao acaso», procurando lançar a confusão: «votação secreta ou braço no ar». Preocupação deles, - Balsemão Sonae e Cia - o Partido deve funcionar como os outros, a favor dos mesmos, tudo oficialmente regulamentado como para qualquer agremiação desportiva, e os camaradas a favor destes propósitos inexplicavelmente não se manifestam pública e abertamente!

E porque estou a chegar aos 3600 caracteres volto a citar Ângelo Veloso: «É necessário encontrar com firmeza medidas orgânicas ou disciplinares

perante continuadas, persistentes e incorrigíveis actuações desleais, intriguistas, mentirosas, caluniadoras e fraccionistas.» Para a nova composição do CC estes ensinamentos não podem nem devem ser ignorados.

Cid Simões  
Azambuja

## O Comité Central e o Partido Comunista de novo tipo

Sendo o PCP um partido comunista de novo tipo, a força representativa da classe operária e de todos os trabalhadores, reside, fundamentalmente, na constituição do seu Comité Central (CC). É neste órgão, máximo entre congressos, que os interesses legítimos dos trabalhadores são defendidos, além de aprovar e controlar as acções do Partido, de modo a ser levado à prática, entre Congressos, as directivas aprovadas nestes. Não é por acaso que é defendida uma maioria de operários e empregados na sua constituição; assim é no PCP.

Olhando para o que tem vindo a acontecer e que antecede a realização do XVI congresso, eu diria que alguém está a tentar desvirtuar a vontade que esta maioria efectivamente representa. Não discuto quem tem razão, se os chamados «ortodoxos» ou intitulados «renovadores», porque à luz do que acima foi dito, não tem sentido. As decisões são tomadas por maioria no seio do CC, e se essa maioria decide por determinado sentido, as decisões são para ser seguidas, porque só assim são legítimas.

Sendo assim, este órgão, tão importante na defesa dos interesses dos trabalhadores, tem todo o sentido defender-se, ser no seu seio, e não noutros locais, que os assuntos relativos aos interesses do Partido dos trabalhadores, sejam discutidos. Só lá, se se estiver a defender os seus direitos, as ideias terão seguimento e gerarão sinergias para ir adiante. Se for outro o local, é correcto pensar-se que se está fazendo currículo para ter acesso a outras áreas.

Posso até aceitar que alguém o queira fazer fora deste seio, legitimador de uma vontade proletária. Mas certamente esse alguém, não poderá estranhar que o condenemos, por tentar desvirtuar a condição base do Partido de novo tipo. Eu diria que vir cá para fora discutir matérias do interesse do Partido, é, duma maneira ínvia, não aceitar nem respeitar uma maioria legitimada para defender os interesses da classe que o Partido representa. É tentar-se vencer na secretária o que não se consegue no campo, para fazer uso da linguagem dos «futebóis».

No fundo, e a médio prazo, o que realmente se pretende, é desvirtuar o Partido. Tirar-lhe o controlo da classe operária, arranjando estruturas que legitimem decisões de cúpula sem qualquer identificação com o conceito de classe que o identifica.

Não sou operário, sou um técnico que conviveu muito no seio desta classe, e teve a possibilidade de sentir de perto o que é a luta destes e dos trabalhadores

em geral. Pude até por vezes, não entender atitudes e posições. Mas uma coisa foi sempre clara para mim: se as decisões eram aprovadas pelo Partido, elas tinham mais probabilidade de estar a defender, correctamente, os interesses dos trabalhadores e da sociedade em geral.

Aos intelectuais eu faria uma observação: não estranham que a imprensa, que constantemente esquece os eventos do Partido, apaparique e verta nos «seus» jornais, (hoje em dia quase diariamente), tudo o que, qualquer «renovador» que, por não ter possibilidades de fazer impor a sua vontade no seio do CC, desata, em desespero de causa, a verter?

É claro que custa a aceitar que, havendo uma identificação tão grande e evidente do Partido com a classe humilde e trabalhadora, o nosso eleitorado seja mais ou menos 10%. Mas isto são contas de outro rosário, que nada têm a ver com o posicionamento do Partido e da sua política, mas que a simples existência dum *big brother* pode ajudar a explicar. Portanto, não se agarrem a este pretexto para se movimentarem e quererem introduzir alterações no Partido, porque não é esse o caminho.

Comunistas assim, com estas atitudes, sentem-se bem neste Partido? Eu diria mais, é bom que se identifiquem, porque assim sabemos quem defende quem, e o quê.

Correia Pereira  
Lisboa

## Aliança ou atrelagem?

A partir de meados da década de 80, a actividade do PCP defrontou-se com condições externas - nacionais e internacionais - mais desfavoráveis do que as vigentes nos primeiros doze anos após o 25 de Abril; nomeadamente porque, a adicionar à íntima relação do País com o mundo capitalista desenvolvido - com destaque para a Europa Ocidental - vinda das décadas anteriores (exportações, emigração, turismo), surgiram: 1) a integração na (actualmente denominada) União Europeia, que trouxe consigo a expectativa, algo concretizada/não concretizada, de efeitos económicos e sociais positivos provenientes dos fundos comunitários; 2) a desagregação do bloco socialista existente no leste da Europa, que constituía uma referência básica do PCP; 3) o revigorar da ofensiva do capitalismo contra os trabalhadores.

A análise, efectuada por militantes, sobre o desempenho do Partido, se subvalorizar as condições externas atrás referidas - pelo menos, estas - gerará inevitavelmente comentários de carácter voluntarista. Ora, é precisamente neste voluntarismo que, frequentemente, radicam (ou, assim se afiguram) as seguintes posições assumidas a propósito do Projecto de Resolução Política e do XVI

Congresso: 1) a crítica à actuação dos dirigentes do Partido; 2) a desmoralização; 3) a dúvida no que concerne a adequação do marxismo-leninismo à realidade; 4) a visão salvadora consubstanciada numa aliança, mais ou menos explicitamente admitida, com o «desmoralizado Partido (autodenominado) Socialista», da qual resultaria uma intervenção governamental directa por parte do PCP.

Centrando-me apenas na aliança com o P«S», na actual correlação de forças sociais e políticas - que se tem mantido relativamente estável desde o 25 de Abril de 1974 - a mesma não tem condições para ir além de uma atrelagem, funcionando o partido do Largo do Rato como locomotiva, que serviria sobremaneira os interesses dos exemplares da classe capitalista que actua em Portugal; e, consequentemente, que serviria os interesses do P«S» e dos restantes partidos que representam politicamente aquela classe. Nos dias que correm, esta atrelagem serviria ainda melhor tais interesses, pois: 1) é previsível que continue a degradação da situação económica da generalidade dos trabalhadores; 2) logo, é previsível que aumente a oposição dos mesmos ao actual estado de coisas económico e político; 3) como tal, seria extremamente oportuno (e deleitoso) para o patronato assistir à desactivação - mesmo que fosse parcial - da força política que, no País, mais e melhor mobiliza os trabalhadores contra o capital e os seus representantes. Posteriormente, com o PCP associado à política governamental, fácil seria minar a credibilidade do Partido junto dos respectivos militantes e simpatizantes, actuais e potenciais. Ou seja, com tal atrelagem o patronato obteria, para além de dividendos a curto prazo consubstanciados no enfraquecimento da oposição proveniente do mundo laboral, dividendos mais relevantes a médio prazo - o desactivar do próprio PCP. As experiências do PCF e do PCE demonstram o carácter desastroso, para nós, da estratégia de «aliança»: 1) do ponto de vista eleitoral e de implantação nas respectivas sociedades, ambos os partidos se afundaram e o PCE nem sequer conseguiu presença no Governo; 2) do ponto de vista da mutação económica e política em França, o contributo do PCF é tendencialmente nulo pois este país continua a ser, inalteravelmente, uma das sedes do imperialismo; e os únicos que têm motivo para louvar o actual estado de coisas são os capitalistas que operam em França, os seus representantes e, eventualmente, os militantes do PCF que assumiram funções no aparelho de Estado.

Mais: o acordo PCP-P«S» para a gestão das actividades da Câmara Municipal de Lisboa não serve para demonstrar o carácter positivo de idêntica atitude no que concerne a governação do País; pois existe uma enorme diferença qualitativa entre a intervenção municipal, mesmo que o município seja Lisboa, e a intervenção nacional.

Enfim, defender a «aliança» representa o esquecimento de princípios básicos da teorização de Marx, Engels e Lenine sobre o Estado e a conquista do poder político.

Victor Gomes da Silva  
Lisboa

## O sofisma do stalinismo

O *stalinismo* não é uma teoria científica, como o são o marxismo e o marxismo-leninismo; ele é apenas um termo que foi usado para designar quer a forma de funcionamento do Partido Comunista da União Soviética quando Stalin era seu secretário-geral, quer a forma de exercer o poder de Estado na

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Tribuna do Congresso

mesma época. Não se sabe ao certo quando e onde nasceu este termo, mas pode-se afirmar, sem medo de errar, que ele passou a ser usado com mais frequência quando se instalou o clima da Guerra Fria. A partir de então no Ocidente criou-se uma imagem aterradora de Stalin, como um ditador implacável, que eliminava todos os seus adversários políticos, com uma polícia, o KGB, capaz de ombrear com qualquer Gestapo. Segundo a propaganda pró-ocidental, no seu tempo teriam sido mortos mais de 700 mil (ou 900 mil, não me recordo bem) de russos adversários políticos de Stalin (se não foram 900 mil, este número já foi certamente superado, pois Stalin continua a matar e a trucidar). Esta imagem mítica e aterradora tem sido e continua a ser usada ardilosamente para denegrir a imagem dos partidos comunistas acusando-os de stalinistas: confundem-se deliberadamente os erros relativos à forma de exercer o poder de estado na União Soviética com os erros relativos à forma de funcionamento do seu Partido Comunista.

Com a guerra fria, esta imagem de Stalin e do stalinismo é transmitida pelos meios de comunicação social ao serviço do imperialismo, com o propósito, entre outros, de enfraquecer os partidos comunistas e de esconder os crimes praticados pelo próprio imperialismo: ultimatos, ameaças, guerras, bloqueios, fomes, migrações de populações forçadas por condicionamentos económicos e por decisões políticas, etc., etc. Os partidos comunistas são acusados de serem stalinistas e consequentemente pouco democráticos e o centralismo democrático é apresentado como estando na origem dessa falta de democracia. A campanha contribuiu para que muitos partidos comunistas na Europa capitalista mudassem de roupagem, negassem os seus princípios e tentassem apresentar-se iguais aos outros partidos europeus, capazes de gerir bem o capitalismo e desse modo aptos a compartilhar o poder. Em muitos países socialistas esta campanha contribuiu mesmo para a queda do socialismo. Em Portugal o sofisma também teve os seus efeitos. Era difícil acusar o nosso Partido de pouco democrático, pois todos conheciam o papel fundamental do PCP na luta contra o fascismo; mas o período revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril foi aproveitado pelas forças contra-revolucionárias para lançarem a acusação: «o Partido Comunista Português pretende implantar uma ditadura de esquerda em Portugal». A semente do sofisma estava lançada. Seguiu-se o 25 de Novembro, e afastado o PCP do poder começou a campanha: falta de democraticidade na sua vida interna; os seus Estatutos e o centralismo democrático constituem um espartilho que não permite o livre debate de ideias no seu seio; o seu ex-secretário-geral Álvaro Cunhal personifica o stalinismo no PCP; etc., etc.

Mas o que há de mais inverosímil acontece ainda. Agora descobriram que o marxismo-leninismo constituía um obstáculo ao aprofundamento do debate que se impunha realizar para o XVI Congresso. Entusiasmados com o sucesso obtido na Europa com o sofisma do stalinismo, pretenderão criar algum novo sofisma com o marxismo-leninismo? Não sejam ridículos! Por um Partido Marxista-Leninista! Viva o Partido Comunista Português!

Fernando Manuel Sequeira  
Lisboa

## O socialismo na gaveta

Num país como o nosso, em que o capitalismo dita as suas leis com o beneplácito do governo de um partido que se autoproclama socialista, mas que há anos meteu o socialismo na gaveta, é cada vez mais necessária existência de um partido comunista forte, capaz de contribuir eficazmente para atenuar e, se possível, eliminar a exploração a que são sujeitos os portugueses que vendem a sua força de trabalho. Partido comunista esse que deve ter como primeiro objectivo lutar incessantemente por uma sociedade livre de exploração, justa e solidária e que para atingir esse objectivo (o socialismo) não pode ceder a métodos e a modas que o levem a conciliar com o seu inimigo principal, que é, como todos os comunistas sabem, o capitalismo e não o Partido Socialista, como afirmam alguns simpatizantes e responsáveis socialistas (só porque o nosso Partido diz, e com razão, que o Partido Socialista tem muitas vezes uma prática política de direita, umas vezes só, outras em aliança com os partidos à sua direita, embora ideológica e programaticamente seja um partido de esquerda).

Sou dos comunistas que pensam que deveria haver uma convergência de acção política entre o PCP e o PS, isto é, uma aproximação entre estes dois partidos; porém, reconheço que tal aproximação nunca será possível enquanto o Partido Socialista alcunhar o PCP de antidemocrático e continuar ao mesmo tempo a ser um gestor do capitalismo, ou seu aliado, em vez de ser um seu adversário. O facto de o PS ter metido o socialismo na gaveta, expressão usada em primeira mão por um dos seus altos responsáveis, diz bem do seu comportamento e dos seus objectivos. Perante esta realidade indesmentível, não pode o nosso Partido mudar de política e alterar o seu comportamento só para satisfazer a vontade, os interesses e a ambição de muitos «socialistas» e apoiar-lhes a política de direita que têm vindo a pôr em prática. Se tal viesse a acontecer o PCP teria abdicado dos seus princípios ideológicos e metido também ele o socialismo na gaveta. Teria deixado de defender os explorados e passado a defender os exploradores, que o mesmo é dizer, teria deixado de ser um partido comunista e ter-se-ia tornado, na melhor das hipóteses, num partido social-democrata, tal como é hoje o Partido Socialista. Um partido desta natureza teria deixado de ser o meu Partido. Estou plenamente convicto de que o XVI Congresso, pela ampla discussão a que tem dado origem e pelo que dele resultará, será um ponto alto de clarificação e de esclarecimento quanto ao rumo do nosso Partido. Eu, como todos os camaradas, gostaria imenso que o nosso Partido crescesse bastante para poder influenciar decisivamente a política nacional, mas sempre, sempre, sem atraiçoar os princípios em que assenta toda a doutrina comunista baseada, como todos sabemos, no marxismo-leninismo e no centralismo democrático.

Naturalmente que têm havido erros cometidos no interior do Partido à sombra do centralismo democrático - então que se procure evitá-los no futuro, aprofundando a democracia interna e que seja feito um esforço sério pela direcção do Partido para eliminar de vez todos os sintomas de sectarismo,

arrogância e ambição de poder que possam surgir em alguns camaradas, tanto mais de condenar quanto maior for a sua responsabilidade dentro do Partido. A livre expressão de opinião e de crítica deve ser total para todos os membros do partido, tendo sempre em atenção os princípios do marxismo-leninismo e as normas estatutárias. Posto isto, faço votos para o êxito do Congresso com vista ao engrandecimento do nosso Partido. Viva o comunismo.

José Salgado  
Matosinhos

## Contributos para um debate necessário

Começamos pelo ponto «Situação Internacional - O capitalismo». A abordagem que é feita nas Teses inclui muitos aspectos que me parecem correctos. No entanto, não é visível nela um fio condutor que dê coerência e clareza a toda essa informação, e da qual resulte uma alternativa/saída para a situação actual. A meu ver o capitalismo atravessa uma fase nova, com características importantes que o diferenciam do passado, que é determinada por um tremendo desenvolvimento das forças produtivas, o qual tem tradução no desenvolvimento extremamente rápido e constantes daquilo que é conhecido pelas novas tecnologias de comunicação e informação (NTCI) e dos transportes. É esta a fase que estamos a viver a que podemos chamar, para empregar termos já familiares, «globalização comandada pelo capital financeiro especulativo» («o volume diário das transacções nos mercados cambiais atinge actualmente 1,2 triliões de dólares, e cerca de 95% destas transacções têm natureza especulativa»; *Falso Amanhecer*, John Gray, pág. 80). Esta fase é caracterizada também um agravamento tremendo das desigualdades entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos («em 1960 os 20% da população mundial que viviam nos países mais ricos tinham um rendimento 30 vezes superior ao dos 20% mais pobres. Em 1995, os 20% mais ricos tinham um rendimento 82 vezes superior»; *Compreender a Globalização*, Thomas Friedman, pág. 354) e no interior de cada país, mesmo nos países desenvolvidos (por ex., no próprio EUA, «as 20 milhões de famílias mais ricas recebem 53% do rendimento nacional, enquanto as 40 milhões de famílias mais pobres recebem somente 8% do rendimento»; *Turbocapitalismo*, pág. 124). A precariedade e a desregulamentação do trabalho generaliza-se em todos os países, o ataque às funções do Estado, traduzido no *slogan* neoliberal «menos estado e melhor estado» atinge uma dimensão nunca antes vista, a transferência dos poderes do Estado para os grandes grupos multinacionais cresce assustadoramente. Começam a surgir empresas a que podemos chamar globais, de que é exemplo a NIKE, que já não possui unidades produtivas próprias (subcontratam produtores locais), que controlam apenas os elos mais rentáveis da cadeia de valor, possuindo uma gestão à escala global não só de mercados mas também da produção. Perante esta nova realidade, que o que se acabou de referir são

alguns aspectos que interessaria aprofundar e debater, a questão que imediatamente se coloca é esta: qual é a alternativa? - Será inevitável esta «globalização comandada pelo capital especulativo financeiro» que nos querem apresentar como a única possível? Ou o retrocesso e a paragem no tempo como parece implícito nas Teses? - Penso que a resposta não poderá ser nem uma nem outra. A resposta, a meu ver, terá de passar pela defesa de uma globalização diferente também impulsionada pelo rápido desenvolvimento das NTCI, mas não comandada pelos interesses do capital financeiro especulativo, que respeite os interesses dos povos, e que não seja fonte de desigualdades tremendas como acontece actualmente. E há muitas medidas que se fossem implementadas, tornariam isso possível, como a taxa Tobin, o fortalecimento do poder dos Estados nacionais, e não a sua destruição com está a suceder, nomeadamente nas áreas sociais, para contrabalançar a insegurança gerada pela globalização, etc., etc. Mas esta é uma questão cujo debate interessaria continuar. (...)

Eugénio Rosa  
Lisboa

## Transformar a sociedade

É sabido que na Alemanha durante o nazismo os comunistas foram vítimas de uma política de extermínio implacável. No fim da guerra a Alemanha Federal impediu o Partido Comunista Alemão de renascer. Os comunistas alemães através de leis específicas e de procedimentos discriminatórios foram impedidos de participação política e sistematicamente marginalizados. O PCP, sob o regime fascista, sofreu uma perseguição brutal e continuada. Mas ao contrário do que se passou na Alemanha, a seguir ao 25 de Abril o PCP emergiu vigorosamente. Aproveitando as circunstâncias favoráveis procurou logo destruir tabus e vencer preconceitos recorrendo à via eleitoral para afirmar-se através de um trabalho sério e abnegado nas organizações do Estado, centrais e locais. Hoje, passado um quarto de século, estamos em crer que a importância da afirmação pela via eleitoral é sobrevalorizada dentro do Partido. Por outro lado também nos parece incerta a ideia de que haverá uma relação significativa de causa e efeito entre uma gestão criteriosa onde possa ser mais visível, por exemplo nas autarquias, e a captação de votos do eleitorado. Os eleitores são, no tempo que estamos a viver, influenciados por muitas circunstâncias. Entre outros factores, os meios de comunicação social, submetidos ao poder dominante, condicionam as opções dos eleitores, sem olhar a meios, recorrendo a técnicas sofisticadas, complexas, apoiadas em estudos constantemente actualizados, em especial no âmbito da psicologia social. Talvez sejam também de ponderar os efeitos perversos que poderão decorrer de uma atracção excessiva pela conquista de posições na administração pública. Com efeito, a vizinhança do poder corrompe. Por outro lado a actividade na gestão pública tende a provocar desvios carreiristas nos militantes envolvidos.

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A função do PCP não é gerir o capitalismo. Nem amenizá-lo ficando-se por aí. Sem ter medo de compromissos justificados, o objectivo fulcral será sempre transformar a sociedade. Mas o avanço para uma sociedade socialista não se fará mesmo que as condições objectivas sejam favoráveis se não houver uma tomada de consciência política e ideológica das pessoas. E a ferramenta teórica capaz de operar esta tomada de consciência é o marxismo-leninismo. Ainda ninguém elaborou outra teoria.

Também uma estrutura orgânica que sustente a única orientação geral e uma única direcção central nos parece imprescindível para assegurar a coesão do Partido, contrariando efeitos desagregadores alimentados pela poderosa ofensiva mundializada dirigida contra tudo que ponha em cheque o capitalismo.

Na generalidade as Teses merecem a nossa concordância. Só nos parece que deveriam dar mais relevo à política de comunicação. Uma relação com as pessoas não pode estabelecer-se por intermédio dos meios de comunicação social dominantes. O PCP tem necessidade absoluta de fazer um grande esforço comunicativo, gerindo muito bem todos os recursos disponíveis, no sentido de fazer chegar a sua ideologia aos estratos sociais mais receptíveis, difundindo uma crítica permanente do capitalismo e dos seus malefícios. Acções que só serão eficazes se constantes, sem descontinuidades no tempo e apoiadas num amplo sistema de «distribuição» dirigida, selectiva, que evite desperdícios. Nada a haver no entanto com debates alimentados por polémicas estéreis, antagonismos pessoais, descontentamentos recalcados.

Ney Simões Dias  
Porto

## Ideais sim, ilusões Não!

Um Partido que no próximo ano faz 80 anos e que resistiu combatendo o colonialismo, o fascismo e o nazismo, que deu mais ao 25 de Abril e às conquistas democráticas que qualquer outro, que não abdicou com o desaparecimento do campo socialista, não vai, não poderia hoje desistir de ser o que, nas suas características e princípios fundamentais, foi e representou para os trabalhadores e o povo Português.

É uma grande mentira, e uma enorme ilusão pensar que se o PCP deixar de ser o que é, isso representa que ficamos em melhores condições para nos «aceitarem» na esfera do Poder. Não! É na luta contra a política de direita e na assunção da consciência política dos trabalhadores e do povo português que está o caminho para que o PCP reforce e aumente a sua influência na sociedade e partilhe ou assuma as consequentes responsabilidades de Poder.

2.0 das Teses: «Durante estes últimos cinco anos ficou claro que, nas questões fundamentais, o PS prosseguiu deliberadamente no Governo uma política de direita ao serviço do grande capital enfocado ao imperialismo (...), embora mascarada com um estilo diferente e uma retórica social.»

2.4.3. das Teses: «A polarização social, como indicador básico da natureza de classe é escandalosa. Enquanto a parte dos salários no rendimento nacional tem baixado, situando-se ao nível dos 40%,

crece a parte absorvida pelo capital. Cerca de 10% da população arrecada quase metade da riqueza nacional.» É uma constatação, de facto, mas é necessário dizê-lo porque é a prática e o resultado que tudo revela.

No ponto 2.6.1.1 das Teses, *Situação na comunicação social* diz-se: «Concentração da propriedade dos *media*, num cada vez mais reduzido número de grandes grupos económicos, organizados numa estratégia multimédia (juntando imprensa, rádio, TV e novos meios). Nas teses este ponto é referido como uma das duas tendências na comunicação social nos últimos anos. Não posso estar mais de acordo. Achei muitíssimo curioso o editorial do «Expresso» de Outubro (14) onde, com lágrimas de crocodilo, o editorialista se mostrava completamente destroçado e agastado com o lastimável estado de cultura (falta dela) dos portugueses, sendo disso retracto fiel, os muitos programas em todas as estações, diariamente, sobre «oferta» de dinheiro, (os programas milionários), o *Big Brother*, etc. Pois é!, tudo isso até poderá ser verdade. E então?, não se apontam responsabilidades, nem responsáveis nem razões? Talvez porque, se as questionasse se depararia com o facto, por exemplo, de o Dr. Pinto Balsemão ser talvez dos maiores exemplos de domínio, inclusive do «Expresso» e da SIC etc., etc. Era criticar «os da casa», não era? Pois é, e depois o povo português é que é inculco. O que nós defendemos e teremos de continuar a defender é uma sociedade livre, justa, ao serviço do homem, sem exploradores nem explorados, criando riqueza, felicidade, no respeito pelo vida em tudo o que ela deve representar na sua plenitude. Essa não é a sociedade nem o sistema capitalista.

O PCP é diferente, tem nas suas fileiras homens e mulheres generosos, sinceros, capazes de lutar sempre pelos outros. Este património e esta história não estão à venda.

M. Reis  
Moita

## Perguntas a precisarem de respostas claras

Há nomes de pessoas que memorizamos por esta ou aquela razão, por impressões positivas ou negativas que tivemos após a apreciação de posturas pessoais que nos é dado observar. Vem isto a propósito de um camarada de nome Cipriano Justo, subscritor de uma carta na secção «Tribuna do Congresso» no dia 9 de Novembro, que neste caso me desagradou pelo conteúdo e postura, que considero agressiva em relação ao Partido e ao seu secretário-geral. Passados poucos dias após ter lido a citada carta, o jornal «Público», edição do dia 14 de Novembro, referia numa notícia que Cipriano Justo tinha sido subdirector-geral da Saúde no Ministério de Maria de Belém. O nome da mesma pessoa aparece também como orador na sessão de encerramento de um colóquio promovido pela Associação dos Amigos do *Le Monde Diplomatique*, na sua inerente competência de Prof. Doutor.

Muitas interrogações se me colocaram, daí que coloque algumas perguntas, esperando obter respostas de quem de direito. Partindo do princípio de que quem escreve na Tribuna do Congresso

é membro do Partido, não entendo como o referido ocupou um cargo de confiança política no Ministério da Saúde de um Governo do PS. Assim:

1 - Tendo ocupado este cargo de confiança política do Governo PS, coloca-se a questão de saber se, ao ser convidado para tal cargo, o mesmo colocou ao Partido (ao PCP), se deveria ou não aceitar tal responsabilidade?

2 - Esteve o Partido (entenda-se Comissão Política) de acordo com a aceitação por um comunista de um cargo de confiança política do PS?

Para terminar, julgo que alguma coisa está errada neste assunto que coloquei à consideração dos meus queridos camaradas. Se as respostas às perguntas forem dadas, e se forem afirmativas, então penso que devemos discutir e clarificar.

Vítor Reis Silva  
Covilhã

## Mas, afinal, que caminho?

Depois de tantas relacionadas com a caminho a seguir pelo nosso Partido, leva-me a pensar, por estranho que pareça, alguns camaradas, poucos felizmente, falam do Partido como de um recém-nascido se tratasse. O PCP é um Partido com uma história sem paralelo em Portugal, nunca é de mais dizer que o Partido soube sempre estar na linha da frente na luta contra o regime fascista, teve um papel relevante na revolução do 25 de Abril e na democratização do novo Portugal saído da Revolução dos Cravos, foi com coragem revolucionária que enfrentou os grupos reacçãoários e bombistas que, no chamado «Verão Quente» de 75, tentaram calar a voz do PCP, incendiando os centros de trabalho, atacando e mesmo até matando alguns daqueles que se opunham à barbaridade fascista, esses grupos de destruidores actuavam com a benção de alguns chefes da religião dominante e com a conviência hipócrita de alguns, já dirigentes da social-democracia de hoje, foi um momento histórico de resistência dos comunistas que souberam estar sempre de pé, firmes e dignos da sua identidade marxista-leninista.

Alguns daqueles que hoje querem um novo caminho, nesse momento histórico também deram a cara na defesa do Partido e da sua identidade. Nesse tempo o inimigo tinha um nome. Hoje, é o mesmo inimigo com outro nome, mas o objectivo dele é o mesmo, fazer de Portugal, a Europa e o Mundo, um paraíso do grande capital monopolista, ligado à política ultraliberal ou liberalismo selvagem, como queiram, numa mundialização do grade capital. Toda esta política é levada a cabo por partidos de extrema-direita, direita, socialistas ou social-democratas, como queiram também.

Daí que a grande questão se coloca: será que devemos estar de acordo com isto; a justiça, saúde, habitação, ensino e formação, etc., etc., é só para uns quantos? Enquanto os outros, isto é, a grande maioria da população, cada vez estão mais perto da pobreza e os que já lá estão, cada vez são mais marginalizados por esta política anti-social, preconizada então pelos grandes defensores do tal «socialismo democrático» ou social-democracia, como lhes convém dizer.

Camaradas, é este o caminho que alguns dos nossos pensam? Eu, em nome da nossa história construída numa luta

constante de muitos anos, sempre com a capacidade de acompanhar a evolução e sempre firme na defesa dos valores mais elementares, que depara a humanidade, o fim da exploração do homem pelo homem e uma luta sem tréguas por uma justiça social, é esta a nossa identidade, e a construção da mesma é associada no presente, ao glorioso passado deste Partido. É tendo em conta o passado que se constrói o futuro, num debate bem participado, fraterno e construtivo, as Teses - Projecto de Resolução Política propostas pelo Comité Central são, em si, um grande instrumento para debate, por isso se trata de um documento inacabado. Aqui na Suíça, numa Assembleia convocada para o efeito, as Teses foram debatidas construtivamente e com críticas a assinalar, mas feitas em sede própria, a crítica e a autocritica são armas salutaras no nosso Partido, mas utilizadas no local próprio. A sugestão de alguns camaradas em adiar o Congresso será uma contribuição no debate construtivo, tendo em conta o fortalecimento do nosso Partido? Eu penso que não, o Congresso não é uma reunião local ou regional, que por razões óbvias pode ser adiada ou antecipada, o Congresso é a reunião magna dos comunistas que, realizando-se de quatro em quatro anos, é um enorme trabalho de preparação e organização e com um grande impacto nacional e internacional. Não é uma proposta séria o pedido de adiamento a menos de um mês de tal realização. É verdade que é imperativo um grande debate no Partido, mas um debate concreto e analisador do trabalho de alguns camaradas que o Partido ajudou a subir até ao cimo das escadas, seja no Parlamento ou nas autarquias, e hoje eles só vêm de cima para baixo, mas á em baixo que há o grande trabalho, o contacto com as populações, com os trabalhadores, os recrutamentos, dinamizar as comissões de freguesias que em alguns locais estão quase paralizadas, etc., assim podemos todos contribuir para o reforço, engrandecimento e renovação do nosso Partido no caminho da Democracia e Socialismo para Portugal para o século XXI.

Manuel Alho  
Suíça

## Tendência capituladora

De Havana, onde resido actualmente, tenho acompanhado, na medida do possível, o debate interno travado no Partido nas vésperas do Congresso e a campanha de ódio e calúnias contra ele movida pela imprensa de direita. Entrei tarde no PCP. Mas para ficar. Nele permaneço há quase quatro décadas como militante, distanciado de tarefas de organização, embora tenha exercido tarefas de responsabilidade na imprensa do Partido e como deputado. Para mim, a ideia de revolução, tal como a concebo, é um infinito absoluto. A maravilhosa e breve aventura da vida não teria significado isolada do combate pela criação de uma sociedade humanizada. Incluo-me entre aqueles que consideram a Terra pátria do homem e a humanidade como cidadania. Fiel a essa mundividência internacionalista, militei, sem deixar de ser um comunista português, no antigo Partido Comunista Brasileiro. Sinto-me honrado por me tratarem como se militante fora no Partido Comunista da Bolívia, no Partido Comunista do Brasil



## XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

e outros partidos marxistas-leninistas da América Latina.

É natural que a vivência de revoluções e contra-revoluções neste Continente me distancie da pequena política cultivada na Europa por políticos de esquerda caricaturais que, descobrindo a brevidade da vida e a lonjura do socialismo, caminham resignados para a aceitação da engrenagem do neoliberalismo globalizado. Por vezes com fome de umas migalhas de poder. Entristece-me no debate que precede o Congresso identificar essa tendência capituladora - não encontro outra palavra - em tomadas de posição de camaradas que, invocando a necessidade de uma modernização, de novos métodos, de responder ao que as novas gerações têm o direito de esperar dos comunistas - usam um discurso no qual as alternativas esboçadas encobrem mal um projecto de *aggiornamento* à direita.

A história recente das lutas internas em alguns partidos comunistas, sobretudo na Europa, demonstra que, quase sem excepção, os projectos «modernizadores» conduziram à destruição desses partidos ou à sua transformação assumida em partidos social-democratas. Em Portugal, os «renovadores» que em vésperas de Congressos levantaram as bandeiras da modernização do PCP acabaram, com raríssimas excepções, no PS. Temo que a história se repita. No discurso desses camaradas, que se julgam preparados ideologicamente, emerge uma transparente insuficiência ideológica. Tenho consciência de que o PCP acumulou incontáveis erros, que a sua prática está longe de responder às exigências que os grandes e dramáticos desafios da viragem do milénio colocam a uma organização revolucionária empenhada em fazer do povo o sujeito social da transformação da vida. Tenho igualmente consciência de que a produção teórica do PCP é hoje muito pobre.

Essa consciência dos erros cometidos e das insuficiências deles indissociáveis não me impede de sentir um grande orgulho como militante do PCP.

A renovação do PCP não pode passar pela sua descaracterização, por uma renúncia a princípios e valores sem os quais a sua existência perderia significado.

Em Havana reencontrei há dias, no Encontro de Solidariedade, comunistas portugueses por cujas faces corriam lágrimas de emoção. Brotavam da contacto com revolucionários que não perderam a esperança, da consciência de que a Resistência ao medonho projecto de vida imposto à humanidade pelo neoliberalismo globalizado é não só indispensável como possível.

De longe, optimista por temperamento e gosto pelo combate, acredito que as bases do Partido - sua força maior - estão disponíveis para uma batalha de longa duração. O novo Abril vai tardar, mas chegará um dia.

Miguel Urbano Rodrigues  
Havana - Cuba

## A queda da União Soviética

Mesmo dentro das fileiras do Partido há quem diga que a queda da União Soviética resultou da desactualização do marxismo-leninismo. Mas quem ler Marx e o seu processo

histórico verifica que, não havendo desenvolvimento das forças produtivas, a queda é inevitável, salvo quando há aliados poderosos que poderão evitar essa queda.

A União Soviética nunca explorou outros países, pelo contrário, ajudou muitos países a desenvolverem a sua economia. E a União Soviética nunca recebeu nenhuma ajuda do exterior; ao contrário dos Estados Unidos da América que, apoiado noutros grandes países capitalistas, e explorando outros povos até à exaustão, pôde gastar imenso dinheiro no grande desenvolvimento tecnológico da sua «máquina de guerra» altamente sofisticada. Portanto, para além de grandes traições e infiltrações, e com sinais de ameaça de uma terceira guerra mundial, a União Soviética, com pleno emprego, viu-se obrigada a fazer grandes despesas militares com verbas que faziam falta no desenvolvimento das suas forças produtivas.

E foi isto, tudo isto, que levou à queda da União Soviética. O resto é conversa dos chamados renovadores, e doutros fora da fileiras do Partido, que não sabem, ou fingem não saber, que o marxismo-leninismo é um guia para a acção política que se renova natural e constantemente.

E separar o marxismo do leninismo, fingindo adorar Marx desprezando Lenine, é deixar de aplicar a teoria à prática; é «olhar, ou fingir olhar para uma árvore cheia de seiva, mas sem ver a floresta».

Manuel Tomás  
Setúbal

## Do XV ao XVI congressos

Todos os Congressos são importantes. O Sr. de la Palisse diria que assim é porque... são congressos. E algum seu parente diria que há congressos que são mais congressos que outros.

Pelo meu lado, para algo acrescentar, digo que «a leitura, estudo e discussão das Teses tem sido tarefa que cumpro com empenho porque considero um momento importante da vida do Partido e porque a minha formação académica me dá particular apetência (e talvez utilidade) para intervir na reflexão que resulta da prática e que procura ser orientação para a prática militante».

Esta frase abria um documento longo, de Novembro de 96, sobre as Teses do XV Congresso. Reli-o agora e foi leitura oportuna.

Escrevia então:

7. Ter-se-ia procurado compatibilizar o rigor dos conceitos, o afinamento das interpretações e a clarificação das perspectivas com a mais ampla divulgação e o mais largo debate possível.

8. Resultou uma amálgama de conceitos sem rigor, de interpretações sem afinamento, de cenários complexos e sem clareza e, por isso mesmo, um texto não acessível, não convidando à leitura e muito menos ao debate pretendido... a não ser, talvez, pela negativa, a partir da crítica da metodologia empregue, do «produto» saído, mas esse será, sempre, um debate muito pouco aberto.

9. Não quer isto dizer - afirmo-o com ênfase - que este exemplo confirme que o rigoroso não é compatível com o acessível, ou que a divulgação das mensagens exige o seu empobrecimento ideológico.

10. Quer dizer que, nestas «teses», não há nem rigor nem riqueza temática, ao

mesmo tempo que não é um documento acessível e que ajude os camaradas na reflexão, particularmente aqueles que mais importaria fazer participar na reflexão e no debate.

Passados quatro anos, vividos de forma politicamente intensa, isto é, com tarefas de responsabilidade e muita actividade, nas Teses para o XVI Congresso encontro maior rigor, a partir de uma maior preocupação de maior coerência com a matriz ideológica, e leio a mesma preocupação de acessibilidade. E, também, a mesma difícil compatibilidade.

Quantos militantes lerão as Teses de uma ponta a outra? E era tão importante, para o partido que nós somos, que os militantes lessem e, mais do que isso, dessem a sua opinião, discutissem com base no que leram, participassem na melhoria - por melhor integrar o sentir e a consciência do colectivo - da resolução política que sairá do Congresso.

Como única observação geral que o espaço permite, preocupa-me ver as Teses salpicadas de frases que traduzem a perspectiva de que há «desresponsabilização do Estado (ou do Governo)» relativamente a muitas matérias. Sem pôr em causa que vivemos em democracia, o que implica responsabilidades do Estado para que democrático seja, a nossa análise não pode deixar de partir da interpretação de que nem o Estado nem o Governo são neutros. Por isso, as suas responsabilidades não são as que levariam a que as actuais políticas de direita, anti-sociais, representassem desresponsabilização. Este Estado (e seus Governos), sendo democrático num sentido lato de democracia, é capitalista. Ponto final.

A afirmação de uma «base teórica, o marxismo-leninismo, concepção materialista e dialéctica do mundo (...) sistema aberto, contrário à dogmatização bem como à revisão oportunista de princípios e conceitos» exige que, quer nos quotidianos quer na abordagem das responsabilidades do Estado, essa base e concepção estejam presentes e elas não consentem que se espere do Estado, tal como é em sistema capitalista, a assunção de responsabilidades que não são suas. Se não for assim, criam-se ilusões e, depois, desilusões.

O que não contraria, bem pelo contrário, a necessidade, diria vital, de lutar para que o Estado (e o Governo) cumpra objectivos que são nossos. Ou que não são dele, mesmo que a Constituição ainda os mantenha, depois de tudo o que conseguiram expurgar desde 1976. Tudo depende da relação de forças, do estádio da luta de classes, da pressão das massas. De nós.

Sérgio Ribeiro  
Ourém

## Quadros e preparação política e ideológica

1. É indiscutível que «a acção do Partido exige quadros com uma preparação política e ideológica adequada à identidade que o define como Partido Comunista» (4.4.6.). Mas a melhor forma de o fazer não será atribuindo o papel fundamental à Escola do Partido e aos cursos (4.4.6. e

4.4.17.3.). Por experiência própria, nesses cursos adquirimos conhecimentos interessantes, mas limitados para o que se pretende.

Com o descalabro a Leste ficámos órfãos político-ideologicamente, sobre os escombros de alguns sucessos e muitos erros (que importa saber quais no concreto). É mais o lado positivo dessa herança, relegando para segundo plano o negativo, que nos é transmitido e pelo qual são feitas as análises. Quando o importante será (a partir dessa herança) reerguer um quadro político-ideológico consistente e atractivo, que acima de tudo dê respostas concretas e funcionais ao que este mundo, em rápida evolução, nos coloca. Esse reerguer tem de ser um processo paralelo à preparação política e ideológica dos militantes, baseado fundamentalmente no estudo individual, debate colectivo e na vivência quotidiana.

Aprofundar todos os principais pensadores deste século, dos revolucionários aos neoliberais, para realinharmos a nossa herança, corrigir erros e desvios, e marcar os adversários a abater.

Debater colectivamente, não em células ou comissões isoladas, mas em plenários ou debates alargados ou nacionais, com os melhores comunicadores do Partido, onde sobre as mais importantes matérias sejam colocadas as diversas abordagens que possam existir e que ajudem à reflexão individual (e consequentemente colectiva).

Assegurar no «Avante!» uma tribuna permanente de debate. Privilegiar a circulação de informação na horizontal, ao nível da base. Estreitar a ligação e a vivência inserida nas massas e movimentos sociais.

2. Os funcionários são indispensáveis para o Partido. Mas a ampliação, renovação e rejuvenescimento do quadro de funcionários (4.4.17.5.) exige uma reflexão sobre a espiral negativa que os pode ter envolvido.

Da indispensabilidade de uma predominância teórico e prática dos funcionários clandestinos, passámos para um empenho (louvável), no pós-25 de Abril, que resultou na formação de um núcleo em torno do qual a vida do Partido girava, desenvolvendo-se uma centralização política e ideológica em torno desse núcleo. Quem estava (e está) fora deste núcleo começou a ficar (e continua muito) à margem dos principais debates políticos e ideológicos. Por outro lado, face ao peso dos funcionários na organização, é da máxima importância reflectir sobre a ligação que os funcionários têm à realidade quotidiana.

Alguns/muitos anos sem uma ligação directa ao mundo do trabalho e a outras áreas que efeitos pode ter? Fui funcionário por 5 anos, e sei que uma coisa é sentir na pele os acontecimentos, outra coisa é sentir através do que os outros dizem. Não é a mesma coisa e consequentemente as propostas e acções, baseadas num sentimento filtrado, tenderão a serem desfasadas da realidade. Ao perder elos directos de ligação à realidade quotidiana é fácil cair numa linha de isolamento, rotina, administrativismo e dogmatismo.

3. Na Direcção Central (4.3.3.) não me parece lógico que existam dois organismos, o Secretariado e a CCCQ, que compartilhem a mesma tarefa de acompanhamento dos quadros. Parece-me mais funcional que exista apenas o Secretariado, com uma composição reduzida, ligado intrinsecamente à

# XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Comissão Política, e só com tarefas de acompanhamento dos quadros e questões financeiras e patrimoniais.

Sérgio Martins  
Faro

## No Congresso é preciso que vença o Partido

Apenas umas notas breves.

1. O Partido, sistematicamente apagado da vida política do País pelos *media*, passa a ocupar verdadeiros tempos de antena e a encher páginas e páginas de jornais.

Dirigentes e militantes ontem ignorados e silenciados, a quem nunca foi dada qualquer projecção pública, são hoje transformados em brilhantíssimos dirigentes políticos, figuras lendárias do processo revolucionário, eminentes figuras académicas, notabilíssimos intelectuais. Amanhã, passado que seja o prazo de utilidade da sua instrumentalização e manipulação, serão certamente de novo remetidos para o anonimato.

Em contrapartida, os outros, os denominados ortodoxos, são anacrónicos e sectários empedernidos, obscurantistas incapazes de apreender a modernidade, fraccionistas (embora quem organiza e publica abaixo-assinados sejam outros), e acusados das maiores torpezas, e, sobretudo, crime dos crimes, de cunhalistas – sem perceberem sequer, os pobres diabos, o que, ao contrário do que pensam, representa para os comunistas a figura de Álvaro Cunhal.

É o anticomunismo politicamente mais vesgo e eticamente mais abjecto, que não respeita vivos nem sequer a memória dos que já passaram pela vida, em todo o seu esplendor.

Nada disto é novo e surpreendente, vindo de uma comunicação social dominada pelo grande capital (sem prejuízo da dignidade profissional de muitos jornalistas).

O que é surpreendente e novo é que alguns militantes e dirigentes do Partido tenham sido, desta vez assumida e publicamente, comparsas de mais este inqualificável ataque ao Partido, à revelia dos Estatutos que a todos obrigam, pondo em causa o respeito que todos devemos a todos e, no caso de dirigentes, ferindo gravemente a confiança que deviam saber merecer dos seus camaradas.

2. Relativamente às Teses, com as quais estou globalmente de acordo, apenas algumas considerações para sublinhar o que considero essencial.

Apoio decididamente a preservação do marxismo-leninismo enquanto matriz ideológica nuclear da identidade política e natureza de classe do Partido, instrumento teórico de análise do capitalismo e eixo orientador da sua intervenção política.

As realidades actuais são distintas das predominantes em estádios anteriores do desenvolvimento capitalista e exigem uma análise sempre renovada e actualizada, que tenha em conta, naturalmente, todas as contribuições, mas não ignore nem secundarize a realidade objectiva de que o capitalismo permanece imutável na sua natureza e no seu objectivo central de maximização do lucro, assente na exploração do homem pelo homem.

Constatar eventuais desfasamentos da análise do capitalismo actual e atribuí-los à inoperatividade analítica do

marxismo-leninismo, ou significa que já se abandonou o objectivo de superação da sociedade capitalista, ou que se tem do marxismo-leninismo uma concepção escolástica e a dialéctica, não obstante aqueles que assim pensam sejam os mesmos que frequentemente fazem as mais solenes proclamações contra o dogmatismo.

Desta minha posição decorre a concordância com o centralismo democrático nas suas dimensões de uma direcção central, uma única orientação global e o aprofundamento permanente da democracia interna.

Uma nota mais para expressar a minha identificação com a análise que as Teses fazem da social democracia, que na Europa de hoje é o grande pilar da globalização imperialista e cúmplice da degradação crescente da democracia e do perigoso descrédito que atinge a política e os políticos. É ainda para referir o meu apoio à perspectiva não imediatista de construção de uma alternativa democrática à política de direita, que radique numa avaliação objectiva da correlação de forças, tendo como factor determinante a luta social de massas.

O Partido é e sempre foi um partido de poder, mas não dissocia o seu exercício dos objectivos que são a razão histórica da sua existência.

O Partido não é nem nunca foi o partido do «bota abaixo» e do «quanto pior melhor», antes lutou e interveio sempre – nos planos da luta de massas e institucional – apresentando propostas que assegurassem os interesses dos trabalhadores ou atenuassem as consequências mais gravosas da política da direita.

O Partido não foi nunca, não é, nem será o partido do oportunismo e do poder a todo o custo, que sirva de «almofada» aos custos sociais da política da direita.

Carlos Amaro  
Lisboa

## Mais trabalho e luta de massas

1. O trabalho de massas é pressuposto e condição de realização do projecto revolucionário e transformador da sociedade defendida pelo Partido Comunista Português.

Vem isto a propósito de que nem o trabalho de organização nem o trabalho institucional do Partido nas autarquias e nas Assembleias da República e Regionais, nem a política de alianças são fins em si mesmo. Eles são instrumentos de afirmação da política independente do Partido, ao serviço dos trabalhadores e da luta de massas para uma evolução revolucionária e transformadora da consciência social e política dos trabalhadores e das massas populares que sustentam o nosso projecto político.

2. A afirmação independente do Partido no trabalho e na luta de massas que estimula e desenvolve tem particular importância face aos perigos de apagamento e diluição política que a participação nos movimentos unitários objectivamente comporta. Não se trata de afirmar artificialmente o Partido. Trata-se de ninguém, a pretexto da intervenção unitária, ter o direito de calar o Partido e as nossas posições, nem nós nos devemos complexar em assumir as posições próprias e independentes do Partido, mesmo que divergentes de

outras posições participantes nos movimentos unitários. Esta questão é particularmente importante nas frentes em que os comunistas participam de forma relevante, a exemplo do Movimento Sindical, nos acordos pontuais em autarquias, ou mesmo em acordos mais gerais no âmbito da actividade parlamentar. Trata-se também, neste campo da actividade, o Partido se pautar pela frontalidade e lealdade e de recusar sancionar interesses fundamentais dos trabalhadores e a perspectiva estratégica de transformação social, a troço de migalhas, de reformas inconsequentes ou de lugares ao sol na partilha do Poder. Também aqui continuo a acreditar na máxima leninista de que mesmo as «reformas» com sentido mais avançado «só são possíveis se fruto do movimento e da luta revolucionária de massas». Serve a questão do trabalho e luta de massas com afirmação independente do Partido para abordar a gestão pelo Partido de áreas do Poder, a exemplo das autarquias, e a eventual participação numa solução governativa com o Partido Socialista. Sobre estas questões, apenas alguns comentários e interrogações à luz do trabalho, da luta de massas e da afirmação do Partido e do seu projecto político de transformação social:

1 – Como combinar a gestão e a actividade do Partido no poder autárquico, e as posições nas instituições, com a luta de massas e a afirmação da sua política e do seu projecto independente?

2 – Que condições existem, num período em que os partidos socialistas são intérpretes da política neoliberal e representantes dos interesses das multinacionais? para haver no seu seio reais viragens à Esquerda?

3 – Como é que em situações pontuais de convergência é possível desmascarar e fazer recuar posições capitulacionistas e reformistas, fazendo avançar a consciência política dos trabalhadores e das massas populares?

Artur Andrade  
Madeira

## Imprensa, opiniões, internacional

Desde que foi aberta a Tribuna do Congresso no Jornal «Avante!», muitos camaradas já deram a sua contribuição ao manifestarem as suas opiniões, descontentamento e preocupações. Tenho lido com atenção os diversos textos e como é natural li algumas opiniões que em nada estou de acordo com elas e que felizmente representam um reduzido número de camaradas, o mesmo se tem passado nas reuniões onde tenho participado.

Por estranho que pareça, ainda há camaradas que acreditam na imparcialidade da comunicação social e que graças a ela vão tendo conhecimento do que se passa no Partido, mas é bom lembrar que apenas alguns têm acesso à dita imprensa e como condição disso parece que é necessário estar em rota de colisão com os órgãos de direcção do Partido ou apresentarem novos modelos a seguir. Da actividade normal, do Partido pouco, muito pouco é divulgado, basta que se lembrem dos dias que antecederam aos diversos actos eleitorais, que se lembrem das sondagens em que por

diversas vezes somos dados como desaparecidos. Também se pode falar nas injustiças sociais muitas vezes denunciadas e outras tantas vezes silenciadas, melhor que ninguém conhecem esta situação os dirigentes sindicais quando querem denunciar despedimentos, salários em atraso, encerramento de empresas, etc. Para saber da actividade do Partido eu compro e leio o «Avante!» e «O Militante» quem tem falta de informação deve fazer o mesmo.

Sou militante activo dentro das minhas possibilidades, participo com alguma regularidade nas reuniões do Partido nos organismos onde pertenço e também em tarefas mais gerais, nunca me foi imposta qualquer opinião, nunca me foi impedido de ter e dar a minha opinião, nunca fui impedido de argumentar ou discordar sobre as outras opiniões e também logicamente não posso impedir que opinem sobre as minhas opiniões. Este é o método de funcionar que eu conheço no Partido em que sou militante, por ordem de razão aos outros camaradas deve acontecer o mesmo. Porquê usar fora do Partido influências para fazer passar pontos de vista que, nos diversos organismos não foram aceites? Não compreendo que se diga que não há liberdade de opinião.

No plano internacional o capitalismo não pára a ofensiva, no sentido de acumular mais riqueza através de mais exploração. (...) Cada vez menos há o respeito pela soberania dos povos que não estão alinhados com o sistema capitalista, basta olhar para o bloqueio a Cuba, as agressões militares à Jugoslávia e Iraque, o apoio a Israel no caso da Palestina por parte dos americanos e seus seguidores, onde se encontra na linha da frente o PS de Guterres em nome de Portugal.

Vamos tendo conta de que há países que recebem subsídios para não produzirem leite, cereais, etc., e ao mesmo tempo há populações a morrer há fome.

No plano militar com o desaparecimento do Pacto de Varsóvia não desapareceu, também a Nato antes se reforçou e agora está em expectativa a criação do exército europeu, a quem serve tudo isto?

Infelizmente para os povos da Europa do Leste e da ex-URSS a queda do sistema socialista não lhes veio trazer melhores condições de vida, o desemprego é talvez a forma mais visível de constatar o retrocesso que aconteceu naqueles países.

Em Portugal e noutros países europeus é conhecido o elevado número de imigrantes clandestinos oriundos do Leste da Europa, que procuram trabalho em condições superprecárias, servindo às mil maravilhas para uns poucos senhores enriquecerem à custa do seu trabalho e devido às condições de vida que o sistema capitalista lhes proporciona.

Por estas e outras mais razões é necessário que se construa uma plataforma de Partidos Comunistas e de forças sociais de esquerda que leve a uma grande consciencialização das populações e que é possível e necessária outra via para a humanidade que não a da exploração e agressão militar. O PCP, tal como é hoje, tem condições para dinamizar a referida plataforma mas para isso é necessário manter a sua natureza de classe assim como os seus ideais e objectivos, é uma tarefa que levará seguramente muito tempo a alcançar mas que é também seguramente necessária para que se viva melhor no planeta.

Jorge Antunes  
Lisboa

## XVI CONGRESSO

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## Falemos claro, camaradas...

Era para não falar, mas desisto do silêncio!

Era para não escrever mas não resisto! É que, caros camaradas, perdoem-me a «intolerância», mas começo a não ter pachorra para fingir não perceber estar a ser tratado como um imbecil por certas cabeças «renovadas», apoiadas com grande empenho pelos «órgãos de informação (?) independentes», e por todos os arautos da «modernização» (leia-se rendição) do Partido Comunista Português!

Se as odientas e odiosas arengas dos assalariados articulistas à ordem dos Belmiros de Azevedo e quejandos, complementadas por pidescas colaborações de ex-camaradas hoje bem instalados no sistema, deixaram há muito de me surpreender (o que não significa que tenham deixado de me repugnar) já o mesmo não direi de alguns dos actuais camaradas que, conscientemente ou não, lhes fazem o jogo e lhes alimentam a ilusão de que será possível destruir o principal obstáculo (se não o único) à desenfreada exploração daqueles que produzem, em Portugal, a riqueza de que eles se alimentam.

Não vou repetir, por desnecessário (e também por falta de espaço), muitas das considerações que vários camaradas têm feito neste espaço livre de expressão de opiniões que o «Avante!», (totalitariamente, pois claro!!!), nos põe à disposição.

Apenas pretendo, como reforço ao que vários camaradas já disseram muito melhor do que eu, chamar a atenção para algumas questões, porventura comezinhadas, para as quais a sabedoria popular, que não precisa de ser «renovada» para continuar a ser autêntica e actual, criou uma série de ditados que não vou citar para não ofender os sentimentos mais púdicos. Assim, como é possível que ainda haja quem acredite (ou, na pior das hipóteses, quem nos queira fazer acreditar...) que a total «abertura» de jornais, rádios, TVs, revistas do *Jet-Set*, etc., à publicitação de posições, petições, rebeliões, demissões, deserções, provocações e outros «ões» que a decência me não permite explicitar, possam ter como objectivo o necessário e sempre urgente reforço do nosso Partido?

Quem conseguirá explicar, e a quem, que as «cartas abertas», os «artigos de opinião», os «abaixo-assinados» oferecidos para publicitação ao nosso inimigo declarado, afrontando as regras que todos aceitámos quando aderimos a este grande colectivo, visam contribuir para a renovação (sem aspas) do Partido? Deixemo-nos de tretas, meus amigos, e digamos todos, com frontalidade e em linguagem que toda a gente perceba, aquilo que pretendemos e o caminho que queremos seguir.

Se há quem se cansou de viver e trabalhar em prol da construção de uma sociedade mais justa que passa, naturalmente, pela liquidação da exploração do homem pelo homem, e prefere maravilhar-se com a contemplação do próprio umbigo e o engordar da sua conta bancária, faça favor! Vá-se embora deste Partido que, claramente, já não é o seu.

Qualquer um dos outros partidos, onde reina a mais renovada e genuína democracia interna que é possível imaginar, os acolherá de braços abertos e, então sim, poderão exercer livremente

o direito a escolher, sem a chatice de ter que a discutir, uma das moções de estratégia que lhes apresentarem em congresso e, com ela, o líder que os vai guiar pelos corredores do poder e os conduzirá, mais tarde ou mais cedo, a um lugarzito no governo ou, no mínimo, à bancada parlamentar que o suporta.

E, já agora, escusam de disfarçar a coisa com «plataformas de esquerda» intermédias ou outros folclores do género. Vão logo directos ao destino, porque esse filme já foi visto e a mais ninguém engana.

A outros camaradas que, no pleno direito que lhes assiste de discordar de métodos de trabalho e atitudes, individuais ou colectivas, de camaradas ou organismos, mas continuam a acreditar nos nossos ideais, nos nossos princípios e objectivos, um apelo muito sincero. Continuem a defender as vossas opiniões e a exercer a crítica (e também a autocrítica, não esqueçam) no único lugar onde isso terá eficácia, isto é, no interior do Partido. Porque, ninguém se iluda, não são os nossos inimigos que irão contribuir para que melhorem o nosso trabalho. O que eles querem já a gente sabe há muito tempo.

Viva o Partido Comunista Português!

Adventino Amaro  
Odivelas

## Para que o socialismo triunfe

Tenho acompanhado com algum interesse as cartas publicadas na «Tribuna do Congresso» e, como militante do Partido e como metalúrgico que fui, também nesta Tribuna quero deixar a minha modesta opinião. Como nós afirmamos, o PCP é um Partido diferente dos outros, portanto o nosso Congresso também será diferente dos outros e é bom que percebam isso, porque o Partido é o Partido da classe operária e de todos os trabalhadores e é um Partido organizado e democrático, não vamos para os congressos com sete ou oito moções de estratégia lavar roupa suja, vamos para o Congresso com um Projecto de Resolução Política, ao qual chamamos Teses, que foi elaborado na base de muitas discussões e análises e que o Comité Central aprovou para discussão nas organizações do Partido é isso que tem estado a ser feito em centenas de reuniões. O PCP é um Partido que tem os seus Estatutos, o seu Programa e a sua filosofia ao qual quando aderimos, os aceitamos e os devemos respeitar, agora que haja alguns que se enganaram na escolha do partido só tem uma solução: sair. Eu não estou assim muito preocupado que meia dúzia deles saiam só porque as suas teorias não são aceites pela maioria, eu estaria preocupado como militante deste Partido se os sindicatos dos operários e dos trabalhadores comessem a contestar a política que o PCP tem levado à prática para os explorados deste País. Os intelectuais são importantes para o Partido, mas têm que ter em atenção as aspirações e reivindicações da classe operária e dos trabalhadores porque estes também têm consciência que os intelectuais fazem falta ao Partido e só em conjunto e em união faremos um colectivo forte, organizado e combativo.

A ânsia do poder é uma ordem natural de alguns que para aí andam na política

para dela tirarem proveitos próprios, infelizmente temos alguns exemplos disso. Ao longo dos seus 79 anos sempre o PCP teve rachados, dissidentes e alguns cansados que se afastaram, mas também tivemos muitos que deram a vida pelo Partido e pelos Trabalhadores, outros que passaram dezenas de anos nas masmorras da Pide que nunca vergaram e nunca desistiram da luta, muitos ainda aí estão e o Partido não acabou; pelo contrário, saiu sempre mais forte e combativo.

É natural que em vésperas de Congressos do PCP, que toda a imprensa que está ao serviço dos grandes capitalistas deste País não nos deixem em paz, inventam, caluniam, mas uma coisa é certa, quando os nossos inimigos dizem mal de nós é porque estamos no caminho certo, só não percebo é porque há muitos militantes a comprarem este lixo de imprensa e não têm 180\$00 para comprarem o «Avante!» uma vez por semana ou 200\$00 para comprarem o «Militante» uma vez de dois em dois meses é que se o fizessem passariam a estar melhor informados e melhor preparados ideologicamente.

Parece-me de que alguma forma dei o meu contributo para o Projecto de Resolução Política - Teses para além de já ter dado a minha opinião e de já ter eleito os delegados ao Congresso na organização a que pertence. Se deixarmos de ser mais críticos e passarmos a ser mais militantes, o Partido será mais forte; nos locais onde se têm verificado as maiores lutas de trabalhadores e em que os camaradas deputados têm marcado presença na defesa destes a influência do Partido tem aumentado, os trabalhadores sabem quem está ao lado deles, infelizmente resta a alguns é transformarem a sua consciência social em consciência política.

António José Branco Vieira  
Alhos Vedros

## Escolástica aristotélica

Quando se medita sobre o que se passou na ex-União Soviética e nos países do Leste europeu chega-se à conclusão de que Estaline e os seus apoiantes se esqueceram do materialismo dialéctico e caíram em formas disfarçadas da escolástica aristotélica, criando dogmas e anulando conquistas que a humanidade tinha conseguido com a Revolução Francesa, como sejam violações no campo da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, num regresso a práticas e comportamentos que a Teologia utilizou na Idade Média. Revendo Heráclito encontram-se as primeiras formulações da dialéctica: a luta entre contrários que gera transformações em que tudo nasce, cresce e morre, em que cada coisa contém em si aquilo que a nega. Mas as leis da dialéctica só aqueles que estiverem atentos aos fenómenos são capazes de as entender.

(...) Também as práticas estalinistas criaram dogmas que não poderiam ser nem violados nem esquecidos cuja violação foi fortemente reprimida, desrespeitando o princípio proclamado por Karl Marx de que *a teoria não é um dogma mas um guia para a acção*. Mesmo depois das ideias da Enciclopédia, a lógica de Aristóteles, através dos silogismos, continuou, por forte pressão da Igreja, a ser ensinada durante os séculos XIX e XX nos

seminários, no ensino secundário e no ensino superior. Actualmente, no debate que se desenrola na direcção do PC, a escolástica aristotélica revela-se em posições antagónicas, que deveriam ser ultrapassadas através de uma discussão aberta e livre. O materialismo dialéctico corre o risco de ser esquecido ou simplesmente não se cumprir.

À corrente de pensamento que nasceu a partir das investigações e das descobertas de Marx e de Lenine convencionou chamar-se marxismo-leninismo. Mas, com deformações graves, foi esquecido o materialismo dialéctico e em seu lugar criado um falso marxismo-leninismo, que, na URSS, Estaline e os dirigentes que o apoiavam e seguiam, utilizaram largamente novas formas de escolástica aristotélica, que se espalhou na prática dos partidos comunistas nos países capitalistas e nos países do Leste Europeu o que tudo culminou com a dissolução da URSS e no regresso ao campo do capitalismo.

Os erros cometidos por esta prática não foram, ainda, corrigidos.

Trava-se hoje, nas vésperas do XVI Congresso, uma espécie de luta entre os chamados ortodoxos e os renovadores. Há que evitar que uma tal luta deixe de ser civilizada e que seja, pelo contrário, criadora de inovações necessárias, dada a actual situação no mundo com novas conquistas da ciência e da tecnologia. Com o bom senso que tem revelado nas suas actuações, Carlos Carvalhas pode contribuir para que a luta que se trava entre a tese que é representada pelos chamados ortodoxos e a antítese que é representada pelos chamados renovadores não redunde em confusão e em sectarismo mútuo e possa vir a resolver-se dialecticamente numa síntese criadora que polarize e junte as partes positivas da tese e da antítese após e através de uma discussão franca e aberta, com elevação do nível ideológico. Um certo obreirismo minimiza o papel que os intelectuais desempenharam na formação do marxismo-leninismo e que terão que continuar na sua modernização.

Durante a dureza da luta contra o salazarismo tinham muita importância quadros de luta que fossem bons organizadores. Mas só isso não chegou, como hoje não chega.

A sombra tutelar de Aristóteles influiu e ainda influi na mentalidade de muitos dirigentes comunistas e na mentalidade e na formação de outros dirigentes e quadros de luta.

S. Tomás de Aquino e os teólogos que assimilaram e seguiram ideias e princípios de Aristóteles, através das regras da Escolástica, largamente utilizadas quer por elementos da Inquisição e dos Tribunais do Santo Ofício quer por governantes, conseguiram travar o progresso durante séculos.

A prática da escolástica aristotélica perdura, quer nas ideias quer na prática.

O salto em qualidade terá que ser dado, mais tarde ou mais cedo, e será óptimo que o seja já no XVI Congresso expurgando dele quaisquer vestígios da Escolástica para que se revista da importância necessária neste princípio de milénio; há que restabelecer, de modo claro e inequívoco, o marxismo-leninismo, na sua total pureza. Se isso não for feito, o XVI Congresso do PCP não passará de uma espécie de adiamento.

Domingos da Costa Gomes  
Chaves



## democracia e socialismo um projecto para o século XXI

8.9.10 DEZEMBRO '2000 LISBOA

### Assembleias para discussão de Teses e eleição de delegados

Quinta-feira, 30

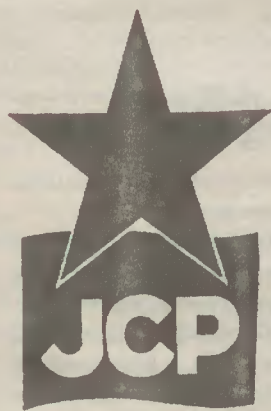
- em **Lisboa**, às **18h00**, da célula da **Carris**, no Centro de Trabalho **Vitória** e, no **Sobralinho**, Vila Franca de Xira, às **21h00**, no **CT do Sobralinho**, com Armindo Miranda.

- em **Sacavém**, às **17h00**, no **Centro de Trabalho**, com Jerónimo de Sousa.

### A União Europeia em debate no Porto

No Centro de Trabalho da Boavista realiza-se hoje, dia 30, com início às 21h30, um debate com **Ilda Figueiredo**, deputada do PCP no Parlamento Europeu. Em discussão vai estar a Cimeira de Nice, a realizar-se em Dezembro, durante a qual se prevê a aprovação de alterações às relações de poder, às competências e funcionamento das principais instituições da União Europeia com repercussões de grande importância para o futuro da União Europeia, também para o futuro dos portugueses.

**Outro debate** de iniciativa da DORP realiza-se também hoje, no Centro de Trabalho do PCP em **Vila Nova de Gaia** a partir das 21h30. O tema é a **situação internacional** e será introduzido por **Domingos Lopes**, da Secção Internacional do PCP.



#### Colectivo concelhio de Sines

A actualidade do ideal comunista  
- debate e convívio no sábado, dia 2, às 15h  
na Capela da Misericórdia (junto ao Castelo)

#### Colectivo da Freguesia de Alvalade Sado, Santiago do Cacém

Educação sexual e Planeamento Familiar  
- debate, no sábado, dia 1, às 21h00 no Centro de  
Trabalho do PCP, com Célia Violante, seguido de  
convívio com quatro grupos musicais da Região.

### Campanha de Fundos para reconstrução do Centro de Trabalho de Viana do Castelo

Inauguração de **Exposição - Venda «Arte e Solidariedade»**

**Sábado, dia 2**, no **Arquivo Distrital de Viana do Castelo**  
(R. Manuel Espregueira), com mais de 50 obras  
de artistas plásticos do distrito e de outros convidados

CDU

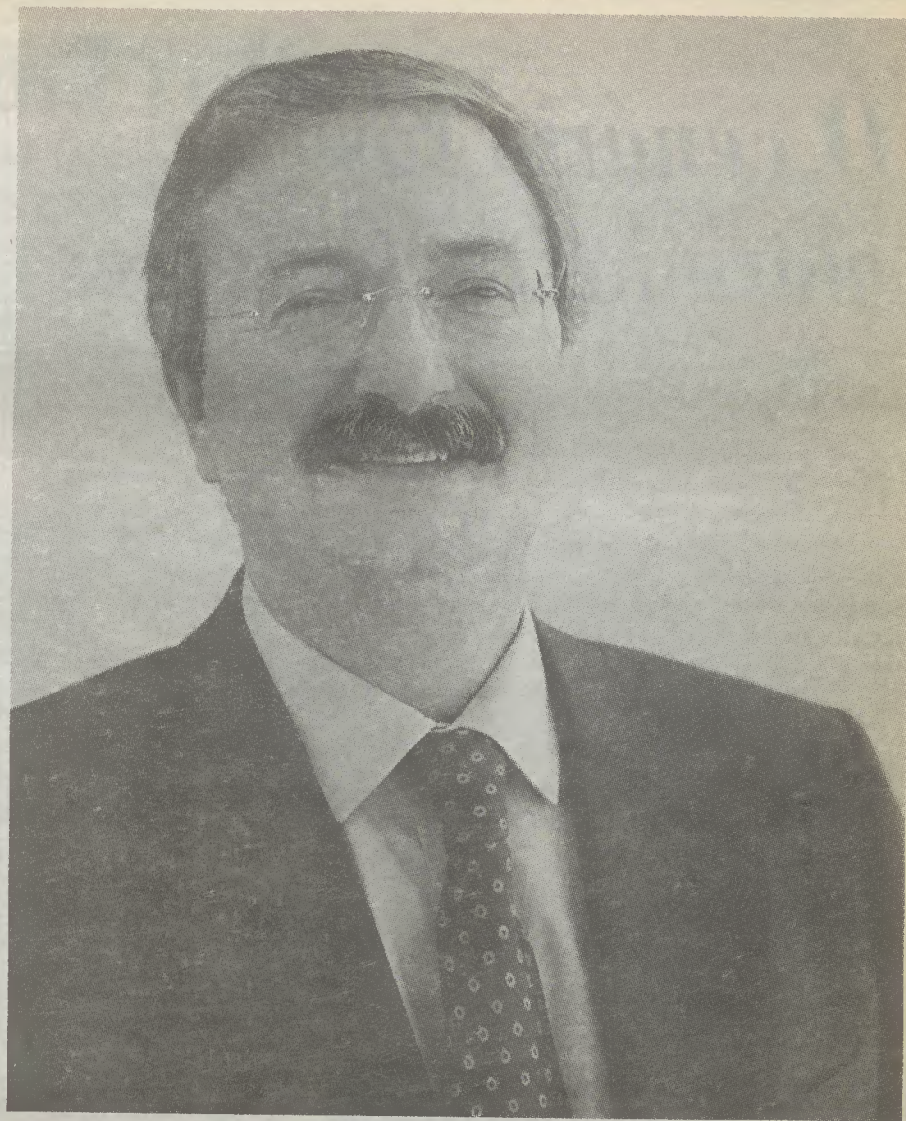


- **terça-feira, dia 5**, em **Loures**,  
reunião da Comissão Concelhia  
da CDU, no Ginásio 1  
(Pavilhão da Amizade).

### Feira do Livro em Bragança

**Descontos de 15%!**

Até 20 de Dezembro, diariamente das 15 às 19h,  
no Centro de Trabalho do PCP em Bragança



PRESIDENCIAIS ■ 2001

## ANTÓNIO ABREU

### Iniciativas com o candidato do PCP

Quinta- feira, 30

- em, **Almada** às **12h00** almoço com apoiantes na **URPICA** e às **20h00** no **Barreiro** no **Pavilhão Luso Futebol Clube** jantar com apoiantes.

Sexta - feira, 1

- no, **Funchal** às **19h30** jantar com apoiantes no Restaurante "A Parreira".

Sábado, 2

- na, **Baixa da Banheira** às **10h30 Arruada**, às **13h00** almoço concelhio com apoiantes no **Ginásio da Baixa da Banheira** e às **16h00** em **Almada** no **Teatro Municipal** encontro-convívio com Intelectuais e Quadros Técnicos e às **20h00** em **Setúbal** almoço com apoiantes no **Restaurante "O Melro 5"** na Av. D. João II, 42-A.

Domingo, 3

- em **Stª Iria de Azoia** às **13h00** almoço com apoiantes na **Sociedade 1º de Agosto** e às **15h30 visita ao Parque Urbano** e às **19h30** em **Torres Vedras** jantar com apoiantes no **"Hotel Império"** na Av. 5 de Outubro.

Segunda - feira, 4

- em, **Espinho**, às **21h30 Sessão Pública** no **salão dos Bombeiros Voluntários** no Largo dos Combatentes.

Terça - feira, 5

- em, **Lisboa**, às **20h00** jantar com **trabalhadores das Autarquias do Concelho de Lisboa** no refeitório da C. M. L. - Olivais 2.

● Pedro Carvalho

# O cenário rosa clarinho de Guterres

Na passada semana, a Comissão Europeia publicou as suas previsões económicas de Outono para 2000 e 2002 (1). A Comissão estima um abrandamento do crescimento económico na União Europeia (UE) devido à subida dos preços do petróleo, para níveis próximos dos 30 dólares por barril. Para Portugal, as previsões de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), para além de preverem um continuado desaceleramento económico, apontam para uma rota de divergência com a UE até 2002. Confrontado pelos jornalistas, Guterres parece não «estar preocupado», afirmando que «o cenário não é tão negro como alguns avançavam», mas sim «rosa clarinho». Mais uma vez, a economia portuguesa «viaja» ao sabor das conjunturas,

exterior. Os restantes «países da coesão» – Espanha, Grécia e Irlanda – vão no mesmo período continuar a sua rota de convergência com a UE - 1.4 p.p., 3.9 p.p. e 16.3 p.p. – respectivamente, apesar de também sofrerem um abrandamento do seu crescimento económico e estarem expostos à mesma conjuntura internacional desfavorável.

Um outro sinal de preocupação é o crescimento sustentado do défice da balança comercial desde 1997 e, naturalmente, da balança de transacções correntes. O défice da balança comercial em percentagem do PIB passou de -9.6% em 1997 para -14.2% em 2000, prevendo-se que atinja os -15.1% em 2002. A economia portuguesa está a viver acima das suas «posses». Não só aumenta o endividamento externo como a venda de activos mobiliários e imobiliários ao exterior.

Neste contexto, verifica-se um aumento da penetração do capital estrangeiro paralelamente a um aumento do investimento directo estrangeiro de carteira, sobretudo comunitário. Investimento esse que vem reforçar o processo de concentração e centralização do capital em Portugal, que se pode observar pelo aumento do número de operações de fusão e aquisição. Em 1998 (2), 55% destas operações tiveram a participação de uma empresa comunitária e 15% de outras empresas estrangeiras. Esta penetração do capital estrangeiro tem acompanhado o processo de privatizações em Portugal, acelerado particularmente pelo actual Governo PS.



Evolução do PIB por década

	EUR-15	Portugal	Diferença
1961-70	4,9	6,5	1,6
1971-80	3,0	4,8	1,8
1981-90	2,4	3,2	0,8
1991-00	2,0	2,6	0,6

provando o fracasso da política económica de direita seguida pelo Governo PS.

## Da desaceleração à divergência

A economia portuguesa tem seguido duas tendências paralelas nos últimos 40 anos: uma desaceleração progressiva do crescimento do seu PIB de década para década e uma desaceleração do ritmo de convergência com a UE. Portugal passou de uma taxa de crescimento média na ordem dos 6.5% na década de 60 para uma taxa na ordem dos 2.6% na década de 90. Da mesma forma, Portugal passou de uma convergência real média com a UE de 1.6 pontos percentuais (p.p.) na década de 60 para 0.6 p.p. na década de 1990 (3). As previsões agora divulgadas estimam um crescimento do PIB de 3% em 2000 e prevêem um crescimento do PIB de 2.7% para 2001 e 2002. Estas taxas de crescimento implicarão uma divergência real acumulada para o mesmo período com a UE de 1.1 p.p. A divergência real será de 1.3 p.p. se fizermos a comparação apenas com os Estados-membros pertencentes à zona euro. Estas previsões representam uma revisão em baixa das anteriores, apresentadas pela Comissão Europeia na Primavera do corrente ano. Esta divergência não é inevitável e da exclusiva responsabilidade do

## Por uma política de esquerda

Se adicionarmos a este «cenário» a desvalorização do euro (com aumento dos preços da energia e dos custos das importações); o contributo negativo para o investimento da redução da poupança agregada (sobretudo das famílias) e o aumento das taxas de juro; as previsões de uma desaceleração da taxa de crescimento do emprego e o aumento da taxa de desemprego em 2001/2002; o aumento do endividamento das famílias e das empresas – é de perguntar ao sr. primeiro-ministro que sinais «rosa clarinho» vê para os próximos dois anos? Os portugueses precisam de uma política económica virada para a melhoria das suas condições de vida e não subserviente dos interesses do grande capital nacional ou estrangeiro. A política do Governo PS não só continuou a política dos governos PSD, como nalguns campos essenciais a agravou. Veja-se, por exemplo, o aumento dos benefícios fiscais do sector bancário e financeiro, a aceleração do processo de privatizações e as propostas de reforma laboral. Os resultados estão à vista. É necessário mudar de políticas. É necessário uma política de esquerda para Portugal.

(1) European Economy – Supplement A – n.º 10/11 – October/November 2000.

(2) European Economy n.º 69 – 1999 Economic Review.

(3) European Economy – Supplement A – n.º 2 – February 1999.



Os estados-membros obrigam-se a trocar informações fiscais

# O fim dos «paraísos»

Os Quinze chegaram a acordo sobre a harmonização de uma parte importante da fiscalidade da poupança.

No encontro realizado na segunda-feira em Bruxelas, os ministros das Finanças comprometeram-se a generalizar até 2010 um sistema de troca de informações entre as suas administrações fiscais, com o objectivo de obrigar todos os cidadãos comunitários a pagar impostos sobre os rendimentos das suas poupanças, independentemente do Estado-membro onde elas são aplicadas.

Esta medida significa na prática o fim do segredo bancário na UE pois cada país vai poder reclamar o pagamento do imposto sobre os capitais aplicados noutro estado-membro, o motivou alguns estados-membros a levantar reservas

ao acordo, condicionando-o à sua aceitação igualmente por países terceiros, em particular pela a Suíça e o Liechtenstein que prezam muito o seu segredo bancário.

Desta forma, Luxemburgo, Áustria e Bélgica vão poder manter durante o período transitório, 2003-2010, um sistema de retenção na fonte com uma taxa de imposto mínima de 15 por cento, nos três primeiros anos, passando em seguida para 20 por cento. Comprometem-se ainda, durante esse período, a transferir 75 por cento da receita fiscal do imposto sobre a poupança para o estado-membro de residência do aforrador.

Portugal escolheu fazer parte do grupo maioritário que vai implementar o sistema de troca de informações logo a partir de 1 de Janeiro de 2003. Para isso será necessário fazer uma conjunto de alterações e de derrogações à regra do sigilo bancário no nosso país, no quadro da reforma fiscal em curso.

O Luxemburgo também deixou claro que a entrada em vigor do pacote fiscal dependerá da supressão, até finais de 2002, de 66 medidas identificadas no Código de Conduta sobre a fiscalidade das empresas como geradoras de concorrência desleal.

Este compromisso ameaça as zonas francas da Europa, nomeadamente a da Madeira, que para já está autorizada a funcionar até finais de 2010.

# Portugal deve apostar na formação

Os ministros do Trabalho e Assuntos Sociais dos Quinze recomendam que Portugal aposte na formação para melhorar a qualificação da mão-de-obra.

O «pacote» de emprego para 2001, adoptado no início da semana, em Bruxelas, constata o baixo nível de qualificação média dos empregados portugueses - dos quais apenas 21,2 por cento completaram o ensino secundário, enquanto a média europeia é de 66 por cento, e onde 45 por cento dos jovens entre os 18 e 24 anos deixaram prematuramente o sistema escolar – e aconselha que o nosso país tome medidas contra esta realidade.

Sobre esta matéria, o secre-

tário de Estado do Emprego, Paulo Pedroso, citado pela Agência Lusa, anunciou a criação em 2001 de uma agência nacional de formação de adultos, e que visa tornar acessível a todos a oportunidade de formação ao longo da vida. No mesmo sentido, foi ainda proposto aos parceiros sociais a criação de um prémio de boas práticas para as empresas que ultrapassem o objectivo do país de ter, no final de 2002, dez por cento dos activos em formação.

O desenvolvimento dos serviços de apoio às empresas - como os equipamentos sociais - é outra das recomendações dos Quinze a Portugal, ao que o Governo responde com a intenção de duplicar o núme-

ro de creches nos próximos quatro anos.

A promoção do equilíbrio entre homens e mulheres no emprego é outra das recomendações da UE. De acordo com o secretário de Estado estão já identificadas as «profissões discriminatórias» e prevê-se a criação de mais um prémio a atribuir para às empresas que não tenham mais de 60 por cento dos trabalhadores do mesmo sexo.

As directizes estabelecidas para 2001 surgem no seguimento das conclusões da Cimeira de Lisboa de Março passado, no qual os Quinze fixaram o objectivo do pleno emprego para 2010 e a adaptação das novas tecnologias e sociedade da informação.

# Administrações ignoram conselhos de empresa

O deputado, do PCP, Joaquim Miranda interpela a Comissão Europeia, exigindo a revisão da directiva sobre os conselhos de empresa, criada em Setembro de 1994, e cuja aplicação se tem revelado insuficiente.

A própria directiva previa que a Comissão, em consulta com os estados-membros e os parceiros sociais, procedesse, o mais tardar até Setem-

bro de 1999, ao reexame das regras e propusesse as eventuais alterações.

Joaquim Miranda alerta o executivo comunitário para as informações que têm chegado de representantes portugueses em conselhos de empresas europeus, dado conta das grandes deficiências na aplicação da directiva designadamente no que respeita à informação e consulta dos trabalhadores.

«O que se verifica», escreve o deputado, «é que muitas das vezes as informações são dadas verbalmente por não existirem documentos disponíveis, é extremamente difícil obter qualquer informação entre as reuniões dos conselhos e a consulta destes não é encarada de forma séria pelas administrações das empresas, vendo-se muitas vezes perante facto consumados.»

## Ferrovias absorve 800 milhões

A ferrovia vai absorver 54 por cento do dinheiro do terceiro Quadro Comunitário de Apoio (QCA) para acessibilidades e transportes, num total de 800 milhões de contos de investimento, revelou na semana passada a gestora do Programa Operacional de Acessibilidades e Transportes (POAT), Lídia Sequeira.

Para a rodovia são destinados apenas 33 por cento do bolo, sendo o restante para investimentos em infra-estruturas aeroportuárias. O transporte ferroviário beneficiará, ainda, de 600 milhões de contos provenientes do Fundo de Coesão, a aplicar prioritariamente, de acordo com aquela responsável citada pela Agência Lusa, nos sistemas de metropolitano das grandes cidades (que absorverão quase metade das verbas), as interligações rodoviárias e ferroviárias nos portos e o estabelecimento do «eixo dorsal» do caminho-de-ferro português. No total – contabilizando o investimento privado e os valores relativos à construção de auto-estradas – serão investidos quatro mil milhões de contos (20 mil milhões de euros) em infra-estruturas de transportes, até 2006.

## Ultraperiféricas ganham comissário

As questões das regiões ultraperiféricas da União Europeia, nas quais se incluem os Açores e a Madeira, vão ser atribuídas a um comissário europeu, segundo uma decisão anunciada na passada semana em Paris. A medida destina-se a levar à prática o tratamento diferenciado previsto no Tratado da União Europeia que tenha em conta as especificidades destas regiões caracterizadas por baixos níveis de desenvolvimento.

## Portugal pouco tecnológico

Portugal tem o segundo mais baixo peso no Valor Acrescentado Bruto dos sectores baseados do conhecimento (34 por cento) dos 24 países da OCDE, superando apenas frente da Islândia, segundo dados revelados pela Conferência Engenharia e Tecnologia 2000. A despesa em investigação e desenvolvimento (I&D) é de 100 dólares por pessoa empregada, um dos mais baixos valores da EU, apenas superior ao da Grécia.

O presidente da Conferência, Valadares Tavares, citado pela Lusa, observou que o modelo económico português está esgotado e manifestou-se preocupado por a escolarização dos jovens com mais de 20 anos estar a diminuir ligeiramente nos últimos anos, apesar de se manter um aumento até aos 20 anos. Este professor universitário defendeu a criação de um diploma tecnológico, correspondente a um ou dois anos de formação especializada após o ensino secundário. O estudo foi realizado pela Associação Industrial Portuguesa e a Ordem dos Engenheiros envolvendo «500 dos melhores elementos da engenharia e tecnologia portuguesa» e 17 grupos de trabalho temáticos.

## Portugal e o sul da Europa vão ser prejudicados com a reforma da Organização Comum de Mercado das frutas e hortícolas aprovada pelo conselho de ministros da Agricultura dos Quinze, na passada semana.

Segundo a Confederação Nacional «a principal consequência será a baixa dos rendimentos dos agricultores portugueses», que terão cada vez mais dificuldade em manter as explorações agrícolas familiares no sector.

No que respeita ao tomate para a indústria, verificou-se uma baixa para sete escudos por quilo na ajuda à transformação, ou seja, «com o preço decidido nesta reforma e para uma produção idêntica à do ano passado os agricultores portugueses perdem cerca de 600 mil contos».

Acresce que esta tendência de baixa tem vindo a acentuar-se: no último ano, para uma produção nacional de 837 mil toneladas, a ajuda foi de 7\$80, enquanto em 1996, tinha sido de 9\$70/kg. Assim, comparativamente com 1996, a nova OCM significa uma perda de dois milhões e 250 mil contos por ano. Mas se tivermos em conta o valor da ajuda em 1995 (11\$22), as perdas são maiores atingindo os 330 contos por hectare, salienta a CNA.

### Ajuda retida

Negativa é também a criação de uma «penalização cautelar» que fará com que, dos sete escudos por quilo atribuídos pela União Europeia, 9,1 por cento fiquem retidos na fonte para acautelar possíveis multas devido a eventuais ultrapassagens da quota.

O fim do «preço mínimo», outra consequência desta reforma, irá fragilizar ainda mais a posição dos produtores frente à indústria. Libertada da obrigação de pagar um

valor mínimo por quilo (17\$65 no ano passado), vai certamente pressionar para baixar ainda mais o preço ao produtor.

### Esta produção do Sul é discriminada em relação às produções do Norte

O valor da ajuda prestada através dos denominados fundos operacionais (percentagem sobre o valor do tomate comercializado por cada organização de produtores) também baixou de 4,5 por cento para 4,1 por cento.

Em conclusão, segundo a CNA, esta OCM em comparação com outros sectores, por exemplo os cereais, o leite e a carne (os produtos do Norte), é injusta e discriminatória, uma vez que para uma percentagem de 15 por cento em termos de valor do Produto Agrícola Bruto Europeu, as Frutas e Hortícolas recebem menos de quatro por cento do Orçamento Agrícola Europeu.

As OCM's do Norte têm a «intervenção» (mecanismo de retirada dos produtos quando os preços caem no mercado) paga a 100 por cento pelo Orçamento da UE, enquanto que a «retirada» (compra subsidiada de parte da produção sem escoamento), prevista para as frutas e hortícolas tem de ser co-financiada em 50 por cento pelo estado-membro e pelas Organizações de Produtores.

A Confederação acusa a Comissão Europeia de ignorar o tão propalado «re-equilíbrio» financeiro entre sectores e regiões que subscreveu aquando da reforma da PAC e ter efectuado estas reformas das frutas e hortícolas com o único intuito de não ultrapassar os limites orçamentais. Aliás, «é previsível que à custa desta OCM e à custa da agricultura

## Frutas e hortícolas

# Uma má reforma



O fim do preço mínimo e a redução das ajudas por quilo vai provocar o desaparecimento de muitas explorações familiares

familiar portuguesa e do Sul da Europa».

Neste contexto, são claramente insuficientes os aspectos positivos desta reforma, como é o caso ao aumento da quota anual de

produção, com ajuda à transformação, para um milhão e 50 mil toneladas, valor superior às 920 mil toneladas inicialmente propostas pela comissão como limite. Também posi-

tivo é o facto de a ajuda à transformação passar a ser directamente para às Organizações de Produtores, em vez de ser por intermédio da indústria como até aqui acontecia.

## Agricultores saem à rua

Por seu lado, o presidente da Federação dos Agricultores do Distrito de Leiria (FADL), apelou no domingo ao Governo para que «decrete imediatamente o embargo à importação de carne de vaca dos países onde foram detectados casos de BSE».

António Ferraria, que integra também o órgão executivo da direcção da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), defendeu que esta medida «é fundamental para ajudar a resolver o problema da BSE em Portugal».

Comentando a recente divulgação de casos de BSE detectados nos Açores e em Ourém, Ferraria, segundo

declarações citadas pela Agência Lusa, defendeu que a proibição da farinha de carne e ossos nas rações para alimentação animal nos 15 países.

«Para já, uma coisa é certa: os produtores de bovinos em Portugal vão passar alguns anos muito maus. É preciso que sejam apoiados, com subsídios a fundo perdido», acrescentou o presidente da FADL.

António Ferraria considera que Portugal «foi o país onde mais medidas de combate à BSE se tomaram», nomeadamente «com o abate de cerca de 15 mil animais que tinham estado em contacto com 466 portadores da doença».

O dirigente da CNA dirigiu ainda fortes críticas ao ministro da Agricultura, Capoulas Santos, acusando de discriminar a Confederação Nacional da Agricultura em favor da CAP. Esta é uma das razões que vão levar os dirigentes agrícolas a manifestarem-se frente à residência oficial do primeiro-ministro no próximo dia 18 de Dezembro. Os protestos estendem-se a outras regiões do País, estando prevista até ao final do ano uma manifestação nas Caldas da Rainha, para exigir apoios para os agricultores que viram a produção de maçã afectada pelo «pedrado». Posteriormente será Pombal a receber uma acção de protesto da FADL.

## Portugal «injustamente castigado»

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) considera que Portugal continua a ser «injustamente castigado» com o embargo às exportações de carne bovina.

Perante o conselho de ministros da Agricultura dos Quinze, na passada semana, a Comissão Europeia fez terça um relato favorável sobre a situação em Portugal da BSE (conhecida por doença das «vacas loucas») e abriu perspecti-

vas a um eventual levantamento do embargo às exportações de carne bovina nacional. No entanto, para a CNA, este embargo há muito que já devia ter sido levantado, notando que a outros países nem sequer foi proibida a comercialização de farinhas.

A situação é tanto mais injusta para Portugal quanto é verdade que «a Comissão e o Conselho não proibiram o fabrico, nem sequer o trânsito, a comercialização e

a utilização, por outros países, das farinhas com componentes de resíduos de animais», que têm sido apontados como o provável transmissor da BSE.

«Trata-se já de um escândalo por si só revelador da verdadeira natureza deste sistema dominante na União Europeia, ao serviço da grande agro-indústria intensiva, desrespeitadora da natureza e da segurança alimentar dos cidadãos», alertaram dirigentes da Confederação em conferência de imprensa.

Para o dirigente João Dinis, citado pela Lusa, depois de um primeiro escândalo por volta de 1994, com a ocultação da existência da doença, vive-se agora um segundo, «deixando outros países continuar a fabricar rações e a utilizar em outros países».

«Quem é que manda nisto?», questionou, respondendo de seguida que são as grandes multinacionais e que esta situação «tra-

duz a derrota do ministro da Agricultura português no Conselho Agrícola».

A CNA mostrou-se preocupada com o facto de, «a pretexto desta grande crise da BSE», se esteja a tentar substituir as farinhas feitas com resíduos de animais com rações à base de sojas e milho geneticamente manipulados. «Ou seja, agravam-se os riscos de novos desastres e escândalos», realçou o dirigente Joaquim Manuel.

## Impasse nas eleições dos Estados Unidos

Os republicanos podem contestar até amanhã a queixa do candidato democrata Al Gore que rejeita os resultados da eleição presidencial da Florida.

No recurso, os advogados de Al Gore consideram que este último foi desapossado de cerca de 1800 votos na contagem total dos votos para as presidenciais da Florida.

Domingo, as autoridades eleitorais do Estado declararam que o republicano George W. Bush vencedor por 537 votos de avanço, o que lhe abre teoricamente as portas da Casa Branca.

## Editor do «Metical» assassinado em Maputo

Carlos Cardoso, editor e proprietário do jornal fax Metical de Moçambique, foi assassinado em Maputo a semana passada.

Os assassinos dispararam dez tiros de AKM contra a viatura do jornalista, fugindo de seguida. O jornal de Carlos Cardoso é conhecido por dar muito relevo a assuntos relacionados com a corrupção e o crime organizado.

O Sindicato dos Jornalistas português condenou o crime: «O SJ não aceita, em circunstância alguma, o recurso à violência ou a outra forma de intimidação e coacção ou como método para responder a opiniões divergentes, pelo que repudia veementemente o crime cometido contra o jornalista Carlos Cardoso, que também constitui um atentado à liberdade.»

## Mafia italiana encaixa milhões

A mafia italiana introduz todos os dias na Europa 1,8 mil milhões de euros (920 milhões de euros) de ganhos ilegais, anunciou a semana passada a Federação da Polícia Criminal alemã.

Em Itália, um estabelecimento comercial em cada cinco e quase uma empresa em cada sete estão nas mãos das mafias. Entretanto, dez membros da Camorra italiana foram libertados e outros esperam a mesma sorte, caso o Governo italiano não encontre soluções para o problema das prescrições resultante da burocracia judicial.

## Partido Liberal ganha eleições no Canadá

O Partido Liberal, no poder no Canadá, ganhou as eleições gerais de segunda-feira. Quando estavam escrutinados 60 por cento dos sufrágios, as projecções davam ao Partido Liberal uma maioria parlamentar superior à que contava até agora (170 deputados, quando em 1997 só conseguiu eleger 155).

O segundo partido, a Aliança Canadense, terá no parlamento cerca de 68 deputados, mais oito que nas últimas eleições. O Bloco do Quebec deverá perder até cinco deputados e os dois partidos minoritários, o social democrata NDP e o Partido Conservador não elegeram deputados.

Violência nas proximidades do limite administrativo que separa o Kosovo do sul da Sérvia irrita autoridades de Belgrado

# Kostunica reforça tropas no sul da Sérvia

A instabilidade no Kosovo continua. Vojislav Kostunica ordenou esta semana o reforço das tropas federais junto à província sob administração da ONU.

Após o assassinato de quatro polícias sérvias por separatistas albanos-kosovares, a semana passada, em Presevo, o presidente da Jugoslávia, Vojislav Kostunica, instou as forças da NATO na região a tomar medidas que ponham termo ao terrorismo. O dirigente jugoslavo, que esta semana se deslocou a Bujanovac, acusou a força multinacional de paz no Kosovo (KFOR) de «não ter cumprido a seu dever» de desarmar as milícias albanesas, que são aprovisionadas de armas a partir do Kosovo, e reclama a presença de tropas sérvias na região para controlar as acções dos separatistas.

A manter-se a situação de impunidade, o governo de Belgrado ameaça contra-atacar: «A polícia e o Exército estão a coordenar as suas actividades», afirmou Vladan Batic, assessor de Kostunica. «É óbvio que enfrentamos uma onda de terrorismo, disfarçada de separatismo; eles são terroristas e bandidos e serão tratados como tal», sublinhou.

O vale de Presevo não é considerada parte do Kosovo, pelo

que a área não se encontra incluída nos acordos de Junho de 1999 que colocaram aquela província sob a administração da ONU e controlada pelas forças da NATO. No entanto, o facto de uma parte substancial da sua população ser de origem albanesa, tem suscitado ataques dos separatistas - o autodesignado Exército de Libertação de Presevo-Medvedja-Bujanovac (UCPMB) - na tentativa de anexar a região. Os crimes da semana passada colocam de novo na ordem do dia as dúvi-

«Enfrentamos uma onda de terrorismo disfarçada de separatismo»

das quanto à capacidade - ou à vontade - da NATO para controlar os separatistas, que teoricamente deveriam estar há muito desarmados.

Segundo notícias veiculadas pelas agências internacionais, o Ministério do Interior jugoslavo estima que cerca de mil homens das milícias albanos-kosovares estejam envolvidos nos recentes ataques a sérvios.

A instabilidade na zona está a provocar o pânico na população. Segundo o Alto Comissariado da ONU para os Refugiados (ACNUR), no total são já «mais de 1500» os refugiados que deixaram o vale de Presevo durante a última semana.

### Apelo ao diálogo

Entretanto, Kostunica voltou a apelar a Ibrahim Rugo-

## Milosevic reeleito

O ex-presidente jugoslavo, Slobodan Milosevic, foi reeleito para a presidência do Partido Socialista da Sérvia (PSS), cujo congresso se realizou no passado fim-de-semana.

A manutenção de Milosevic à frente do PSS suscitou de imediato as críticas dos EUA, que consideram a reeleição uma manobra do ex-presidente para voltar à cena política.

«O Partido Socialista está fora de sintonia com o que o povo sérvio quer e merece. O povo sérvio quer seguir em frente, e não um retrocesso», afirma um comunicado da Casa Branca.

A 23 de Dezembro realizam-se eleições na Sérvia, a principal província da Jugoslávia.

## Água potável não é para todos

Mais de 1100 milhões de pessoas não têm abastecimento de água potável, enquanto 2400 milhões, cerca de metade da população mundial, não dispõem de um sistema de saneamento aceitável. Estes dados, divulgados recentemente em Genebra pela UNICEF e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), estiveram em debate no fim-de-semana num congresso em Foz de Iguazú, Brasil, que contou com 500 especialistas de água e saneamento de todo o mundo.

Os especialistas reuniram-se para analisar a alcance das consequências dos problemas de saúde e qualidade de vida resultantes desta realidade. Só na América Latina e no Caribe, 78 milhões de pessoas não têm acesso a água potável, e outros 117 milhões de não dispõem de saneamento.

É necessária uma intervenção mundial de 23 000 milhões de dólares anuais nos próximos 25 anos para garantir que toda a gente disponha de uma rede de esgotos, assegurou no Rio de Janeiro o perito Richard Jolly na apresentação do relatório das duas organizações internacionais. Este especialista admitiu que uma intervenção nesta área custará «bastante dinheiro», mas sublinhou que esse montante representa «menos de 10 por cento do que se gasta anualmente em álcool na Europa», e «menos de 50 por cento do total gasto pelos norte-americanos em comida para os animais domésticos».

A OMS e a UNICEF apelaram em Genebra à consciência dos países mais ricos «para corrigir esta vergonhosa situação» que necessita de intervenções adicionais de 10 000 milhões de dólares anuais para atingir em 2025 um acesso universal a todos os serviços de higiene, saneamento e abastecimento de água. «Não é uma questão de custos, mas sim de princípios», advertiu Richard Jolly.

José Hueb, especialista da OMS, elaborou um estudo sobre o assunto e concluiu que por ano se registam no mundo 4000 milhões de casos de diarreia, de que resultam 2,2 milhões de mortes, em sua parte menores de cinco anos de idade.

## Onde está o Estado da Palestina?

Um milhão de palestinianos vivem em 60 por cento do território da Faixa de Gaza, enquanto 4000 colonos judeus ocupam ilegalmente 40 por cento do território. Esta realidade, recordada há dias numa reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre a situação nos territórios palestinianos ocupados por Israel, não podia ser mais reveladora do que verdadeiramente está em causa neste conflito do Médio Oriente.

Reveladora foi igualmente a reunião do órgão máximo internacional responsável por zelar pela paz e segurança internacionais, onde não faltou quem procurasse colocar no mesmo plano a violência israelita e a luta do povo palestiniano.

O representante dos EUA na ONU, Richard Holbrooke, foi mesmo ao ponto de rejeitar qualquer papel do Conselho enquanto existirem mecanismos bilaterais entre palestinianos e israelitas e a mediação norte-americana, mas não convenceu nem os seus tradicionais aliados na região. É curioso registar que o embaixador da Tunísia, Said Bem Mustafa, não hesitou em criticar Holbrooke, recordando que o Estado de Israel foi criado pelas Nações Unidas, e fazendo a pergunta a que ninguém quer responder: «Onde está o Estado da Palestina, também criado pela ONU?»

As responsabilidades norte-americanas e o seu equívoco papel no processo de paz haviam de resto sido apontadas, ainda antes da reunião de dia 23, pelo embaixador

palestiniano na ONU, Nasser al-Kidwa, para quem «os EUA nunca foram um medianoiro honesto». No mesmo sentido se pronunciou o embaixador cubano, Bruno Rodríguez Padilla, ao recordar que Washington lança «intervenções humanitárias» no Kosovo, à margem da ONU, mas não revela idêntico entusiasmo no caso palestiniano, quando as violações são cometidas por Israel.

Também os aliados europeus dos EUA manifestam neste caso uma enorme compreensão: pedem a ambas as partes que acabem o mais depressa possível com a violência, como se os bombardeamentos levados a cabo por Israel contra os palestinianos, por mar, terra e ar, e que já provocaram centenas de mortos e uma dezena de milhar de feridos, pudessem ser equiparados às baixas israelitas.

Não se duvida da necessidade de «romper este ciclo da violência», como lhe chamou a secretária de Estado norte-americana Madeleine Albright, referindo-se à explosão de um carro armadilhado na cidade israelita de Hedera, que matou duas pessoas. O que já há muito se devia ter concluído é que não é com a ocupação de territórios e o bombardeamento de palestinianos que o ciclo será rompido. Ambos os lados têm vítimas para chorar, mas os palestinianos têm mortos a mais e terra a menos. Que paz se pode esperar de um território ocupado, cercado e atacado diariamente, a não ser a paz dos cemitérios?



As forças da KFOR não controlam os separatistas do Kosovo



A presidência de Iliescu, entre 1990 e 1996, foi marcada por forte agitação social

## Eleições na Roménia

# O regresso de Iliescu

**Ion Iliescu, do Partido da Democracia Social, vai disputar com Vadim Tudor, de extrema-direita, a segunda volta das presidenciais romenas, a 10 de Dezembro.**

O ex-presidente Ion Iliescu e o Partido da Democracia Social (PDSR) foram os grandes vencedores das eleições gerais de domingo na Roménia.

Com 37 por cento dos votos, Iliescu é o candidato presidencial melhor colocado para a segunda volta, a realizar a 10 de Dezembro, em que terá de enfrentar o ultranacionalista Corneliu Vadim Tudor (27 por cento), do Partido da Grande Roménia (PRM). A grande distância ficaram os restantes candidatos: Theodor Stolojan, do Partido Nacional Liberal (PNL), com 13 por cento; o actual primeiro-ministro, Mugur Isarescu, com 10 por cento; o candidato da União Democrática dos Húngaros da Roménia (UDMR), Gheorgy Funda, com 6 por cento; e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Petre Roman, do Partido Democrático (PD), que não chegou aos três por cento dos votos.

**Extrema-direita sobe de 4,5 para 22 por cento**

Nas legislativas, o PDRS foi igualmente o partido mais votado, com 39 por cento dos sufrágios, enquanto o PRM recolheu 22 por cento. Quanto à Coligação Convenção Democrática Romena 2000, que agrupou o partido democrata-cristão, o mais importante do actual governo, e outros três pequenos partidos, não alcançou sequer os 10 por cento exigidos por lei às coligações para terem assento no parlamento, ficando-se pelos seis por cento dos votos. O PNL, por seu turno, recebeu nove por cento dos sufrágios, seguido pelo PD (7,5), e pela UDMR (7).

Particularmente significativa é a subida do PRM, que em 1996 não tinha ido além dos 4,5 por cento.

### Futuro incerto

Nesta conjuntura, em que nenhuma das forças políticas

obteve maioria absoluta e em que a extrema-direita passa a segunda força parlamentar, o próximo governo romeno terá de passar por acordos que não se afiguram fáceis.

Os resultados eleitorais exprimem o profundo desencanto dos romenos, cujas expectativas face ao capitalismo foram completamente frustradas. Às urnas acorreram apenas 56,5 por cento dos 17,7 milhões de eleitores, menos 20 por cento do que há quatro anos. Mais de uma década depois da sangrenta «revolução» romena, o país vive mergulhado na pobreza extrema. Nos últimos três anos o produto interno bruto baixou 15,5 por cento, o desemprego ronda os 10 por cento, a inflação é de 43 por cento, a dívida externa é superior a nove mil milhões de dólares e cerca de metade da população vive abaixo do limiar da pobreza.

Iliescu, que foi presidente da Roménia entre 1990 e 1996, cativou de novo os eleitores denunciando «o actual nível de vida, pior que o conhecido após a Segunda Guerra Mundial», e acusando o actual governo - uma «minoridade corrupta» que prometeu levar a tribunal - de conduzir uma política «anti-popular e antinacional».

O discurso populista e nacionalista foi o trunfo utilizado, com proveito, por Vadim Tudor. Apresentando-se como «o salvador da pátria», usa uma linguagem abertamente xenófoba e anti-semita, acusando os judeus, a minoria húngara e os ciganos como responsáveis pelos problemas dos romenos. No jornal que dirige chegou mesmo a publicar uma lista de 180 nomes de «traidores que devem ser liquidados»; em caso de vitória, promete confiscar «os bens obtidos por meios fraudulentos e a instauração do estado de emergência para impor o respeito das leis».

Dentro de dez dias, um destes dois homens será eleito presidente da Roménia.

# Sindicatos contra Schröder

• Rui Paz

O movimento sindical alemão está a afastar-se cada vez mais da social-democracia e do chanceler dos patrões. Na abertura do congresso do Sindicato da Função Pública (ÖTV), Schröder atreveu-se a defender os interesses do patronato e a privatização das reformas. Perante os assobios dos delegados, o chanceler, visivelmente irado, deixou estalar o verniz democrático e social, perdeu o controlo e gritou: «Nós vamos fazer isto e basta!»

O tom agressivo e ameaçador utilizado pelo presidente do SPD e chanceler da Alemanha contra os sindicalistas contrasta com as amabilidades do seu governo perante o patronato. Um péssimo exemplo numa altura em que na Alemanha emergem como

### Ponto de viragem

A demissão de Lafontaine (o dirigente mais próximo dos sindicatos) de presidente do SPD e de ministro das Finanças - após uma campanha ignóbil conduzida pelos meios de comunicação do grande capital que demonstrou mais uma vez que nos regimes capitalistas o poder do dinheiro é muito superior à vontade dos eleitores - deixou as mãos livres à ala direita do SPD e à chamada «terceira via» para, juntamente com o patronato, acelerarem a destruição do Estado social e a delapidação do património estatal já iniciada por Kohl. Em pouco tempo, o «novo centro» desmascarou-se como um zeloso continuador da política da

antiga direita.

A política do SPD continua a afastar das urnas milhões e milhões de eleitores desiludidos. Nas eleições recentemente realizadas em Colónia para a presidência da Câmara votaram apenas 37 por cento dos inscritos. O candidato do SPD foi derrotado pelo da CDU. Foi a mais baixa percentagem de votantes registada naquela cidade do Reno, em eleições autárquicas, desde a existência da República Federal da Alemanha. Aos microfones da WDR, activistas do SPD confessavam a sua vergonha e desapatamento pelo desinteresse demonstrado pelos eleitores.

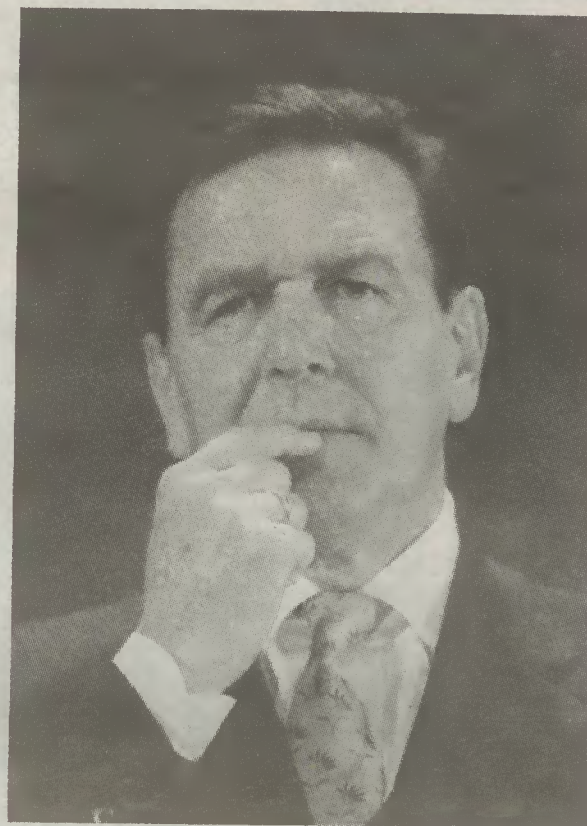
Num contexto em que o

povo se apercebe que os actos eleitorais, só por si, perdem eficácia perante a existência de outros poderes intocáveis e antidemocráticos, está a verificar-se um processo de distanciamento e de reconquista da autonomia sindical face à capitulação ideológica e política da social-democracia, indispensável para que o movimento popular na Alemanha possa dar um salto qualitativo na luta por transformações verdadeiramente democráticas.

### Mais despedimentos

A companhia ferroviária pública alemã Deutsche Bahn deverá reduzir a metade os seus efectivos até 2015, revela um relatório confidencial da consultora McKinsey, citada pelo semanário Der Spiegel na segunda-feira. Segundo o jornal, o estudo entregue no início de Novembro prevê que a Deutsche Bahn reduza o seu pessoal dos actuais 240 mil trabalhadores para 120 mil nos próximos 15 anos.

Actualmente, está em discussão dentro da companhia um plano de supressão de 70 mil postos de trabalho, grande parte dos quais através de pré-reformas. A Deutsche Bahn prevê registar um prejuízo de exploração acumulado de 2,6 mil milhões de euros (521,25 milhões de contos) nos próximos quatro anos.



cogumelos certos movimentos germânicos de ideologia autoritária e de extrema-direita.

Neste momento, milhares de sindicalistas já devem estar arrependidos dos milhões despendidos com o seu dinheiro pela Federação dos Sindicatos Alemães (DGB), e que conduziram à vitória do SPD em 1998. Inconscientemente, Schröder prestou, na abertura do congresso, uma grande ajuda de esclarecimento aos delegados, influenciando decisivamente o decorrer dos trabalhos. O presidente do sindicato, Herbert Mai (SPD) - um dos homens do chanceler e que ainda não há muitos meses havia negociado com o governo um acordo salarial que veio a ser rejeitado posteriormente pelas bases -, demitiu-se, tendo sido substituído por Frank Bsirske, da ala esquerda dos Verdes, opositor à actual política do governo. Pela primeira vez o SPD perde o controlo de um dos mais importantes sindicatos da DGB. Poucos dias depois, o sindicato dos empregados dos Bancos, Seguros e Comércio (HBV) decidia por esmagadora maioria abandonar a chamada «aliança para o emprego», um grémio reunindo sindicatos e federações patronais criado por iniciativa da social-democracia, e que se tem vindo a revelar como um autêntico centro de anestesia para os trabalhadores e as suas organizações perante a fúria destruidora do capital contra direitos sociais e democráticos nas empresas. Idêntica decisão já havia sido tomada pelo sindicato dos «Media».

## República Checa Êxito eleitoral dos comunistas

O Partido Comunista da Boémia e Morávia (PCBM) registou um êxito notável nas primeiras eleições para os 13 Conselhos Regionais recentemente criados na República Checa. No escrutínio, realizado a 12 de Novembro, o PCBM recolheu 21 por cento dos votos (contra os 11 por cento obtidos nas últimas eleições legislativas), conquistando 160 dos 675 lugares de conselheiros regionais em disputa. À frente do PCBM ficaram apenas o ODS, do antigo primeiro-ministro Vaclav Klaus, e uma coligação de quatro outros pequenos partidos de direita (a Fundamentalista União da Liberdade, a União Cívica, a Associação Cívica e os Cristãos Democratas de centro-direita).

O grande derrotado destas eleições foi o Partido Social Democrata, actualmente no governo mercê de um acordo parlamentar com o partido de direita ODS, que só conseguiu 15 por cento dos votos e 111 lugares de conselheiros regionais.





# Cinema

Rogério Feitor

## Cinema verdade

Escrevo este artigo depois de visionado, há relativamente pouco tempo, dois filmes-documentários (no limite desta palavra) fulcrais na história contemporânea do Cinema: *The Thin Blue Line* de Errol Morris e *Route One/USA* de Robert Kramer. Dois filmes-chave no que concerne aos alicerces do Cinema. Dois filmes que contribuíram incalculavelmente na busca que apenas tem sentido por ser impossível: a busca da Verdade, ou como o Documentário no Cinema consegue ser o grande motor de busca da Verdade. De resto, como fim do princípio, a frase proferida numa ocasião por Robert Kramer – «que coisa é o Cinema? O Cinema é tudo aquilo que fazemos». Reformulando-a pessoalmente, o Cinema é tudo aquilo que vivemos. Senão, descubram-se os filmes.



### The Thin Blue Line

Errol Morris é já uma personagem controversa no mundo cinematográfico. Se o seu primeiro filme era um documentário sobre os cemitérios de animais, com o luminoso título de *Gates of Heaven*, o seu último é constituído por pequenas histórias, como, por exemplo, a de um homem que acredita piamente nos benefícios da congelação dos corpos, decependo a sua mãe, depois de esta ter falecido, para congelar a sua cabeça. Mas a sua pérola cinematográfica é mesmo *The Thin Blue Line*. O filme, conta-nos Morris, começou como que um documentário sobre um psicólogo, conhecido nos Estados Unidos como o Dr. Morte, que fazia uma avaliação psicológica de todos os condenados à morte no Estado de Dallas para avaliar se estes iriam repetir alguma vez os crimes praticados ou não. O tal Dr. Morte baseava-se, principalmente, nesta tenebrosa pergunta: se o arguido tinha remorsos do crime praticado. Se dissesse que sim, confirmava inegavelmente o crime. Se dissesse que não, o Dr. Morte retratava-o como um criminoso frio e calculista, sem sequer lhe ter passado pela cabeça que o homem estivesse inocente, e daí a ausência de remorsos. A partir deste personagem, Errol Morris descobriu um indivíduo que estava na prisão encarcerado injustamente, construindo o seu filme em torno de uma inocência que no fim fica provada. O filme, caso único em toda a história do Cinema, revela a Verdade de uma maneira quase ofuscante, que, depois de a Justiça norte-americana o ter visionado, colocou em liberdade alguém que previamente tinha condenado à morte. Para este homem e para todos que viram este filme, o cinema personificado na figura cega da Justiça. E o filme fica, antes de um caso curioso da Justiça norte-americana, como já ouvi alguém intitular-lo, um retrato sociológico do verdadeiro país que são os Estados Unidos da América.

### Route One/USA

O filme de Robert Kramer desenvolve-se num outro nível. Depois de ter trabalhado na Europa, nomeadamente

em Portugal, onde esteve pessoalmente envolvido na Revolução dos Cravos, Kramer retorna ao seu país de origem com o seu amigo de longa data, Paul McIsaac. Decidem, para verificar o estado da nação, como os nossos presidentes da República gostam tanto de comentar, percorrer uma estrada norte-americana, a tal Route One, que vai desde o norte do país, perto do Canadá, até à Flórida, no sul do país. E nessa tal viagem decidem ir ao encontro de tudo o que encontram, desde a paisagem física até à humana.

O filme é imenso. Desde a sua duração (4 horas e meia) até ao seu conteúdo, este espalha-se por territórios raramente trilhados por algum autor cinematográfico. Nunca o Cinema se aproximou tanto do Homem, logo da Vida, logo da Verdade. Ou melhor, da busca da Verdade. Kramer filma o bom do Homem, o mau do Homem, mas de uma maneira tão sensível e terrena que juízos de valores são, desde o princípio, logo excluídos. Do filme ficam os sentimentos, as pessoas encontradas ao longo da viagem, os verdadeiros Estados Unidos vistos pela câmara de filmar (e, numa perspectiva de Vertov, a câmara de filmar como um verdadeiro olho humano) de um realizador, de um autor que nunca recusou a realidade tal como ela o é: complexa porque ninguém consegue perceber quão simples são as pessoas. Porque ninguém consegue perceber quão simples é esta busca impossível da Verdade. Porque ninguém consegue perceber o verdadeiro sentido do Cinema.

### O desejo de viver

Para finalizar este já extenso artigo, mais uma citação de Robert Kramer, sobre esse imenso filme que é *Route One/USA*. Sem comentários, sem análises, profundas ou superficiais, porque, como já o dizia Jorge de Sena, ou se compreende e se assimila logo, ou o que se quer compreender para sempre ficará distante: «Foi uma das tentativas mais bem sucedidas de viver um filme, todo aquele desejo de viver um filme, sentir que não é uma coisa que se faz pontualmente mas que se vive.»

# Pontos Cardeais

## Climas

Terminou em Haia mais uma Conferência do Clima reunindo a generalidade dos países do mundo para discutir a poluição que prolifera no planeta e acordar modelos de actuação concertados para fazer inverter a situação. Mais uma vez falou-se muito, verteram-se grandes lágrimas de preocupação, bateu-se imenso no peito em defesa do planeta mas, chegados ao fim, os grandes poluidores – EUA, a Europa industrializada, China e Japão – nem sequer tinham cumprido os mínimos definidos nos compromissos assumidos pelos próprios na anterior Cimeira! A única novidade veio dos EUA, que propuseram exportar a sua própria poluição para os países subdesenvolvidos a troco... de dinheiro! Tanto cinismo...

## Dois terços

Segundo um estudo saído nos jornais, dois-terços dos portugueses não concluem o 12.º ano, colocando o país na cauda da União Europeia. Por outro lado, aumenta a exploração do trabalho infantil e o desemprego entre os recém-licenciados. Além do mais, Portugal aparece largamente deficitário, segundo um estudo desenvolvido por meio milhar de especialistas que afirma, preto no branco, que tanto o Estado português como as empresas privadas investem pouco, e mal, na investigação e nas tecnologias.

Palavras para quê? São os frutos da «paixão» do Governo de Guterres pela Educação, já lá vão uns bons cinco anos...

## Mortes

Os oito mortos num só dia vitimados no IP-4

esta semana voltou a colocar em foco a questão da segurança rodoviária. Esta via – com traçado errado desde a sua construção – está sob regime de «Tolerância Zero» há mais de um ano o que não evitou mais esta tragédia, ao que consta provocada, em grande medida, pelo excesso de velocidade.

O Governo anda há anos a falar em investimentos na segurança rodoviária, que começam na legislação adequada e continuam no equipamento adequado e eficaz das forças policiais, tanto em meios técnicos e materiais como humanos. Mas esses investimentos prosseguem às pingui-nhas e o vendaval de mortes prossegue, enquanto se assiste ao desbaratamento de dezenas de milhões de contos em privatizações feitas para engordar capitalistas, igualmente beneficiados com todo o tipo de isenções fiscais.

## Ambições

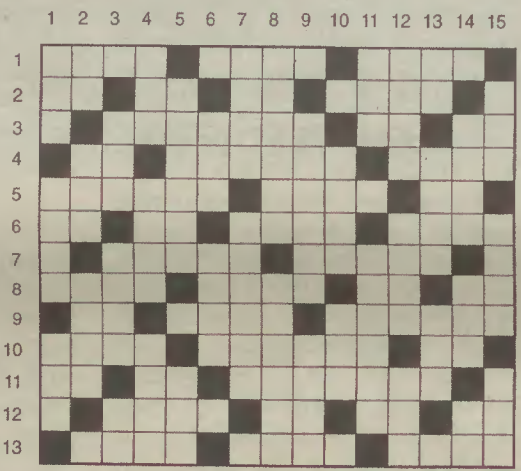
O PSD ganhou as eleições intercalares em S. Pedro do Sul, o que colocou este partido em paridade com o PS no que toca ao número de executivos municipais que lideram no país. Apesar de estarmos a pouco mais de um ano de eleições gerais autárquicas, o PSD tratou de imediato de se pôr em bicos de pés para reivindicar a presidência da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), pretensão que desencadeou pressu-rosa e aflita reacção do partido visado a argumentar que não fazia sentido tal pretensão.

Já que são tão «dominantes» no panorama autárquico, por que não se preocupam antes com os grandes problemas com que se debatem as autarquias, a começar pela falta de financiamento adequado?

# Palavras Cruzadas

**HORIZONTAIS:** 1 – Magistrado que, entre os Romanos, era inspector e conservador dos edifícios públicos; alvéolo de cera ou conjunto de alvéolos em que as abelhas depositam o mel; pequeno recipiente em forma de vaso, geralmente sem asa, por onde se bebe. 2 – Pedra de amolar; aqueles; contempelei; dei brilho. 3 – Hidrato natural de alumínio e ferro descoberto em Baux (França); interj. que exprime admiração, dor, alegria, etc.; grito afirmativo. 4 – Escândio (s.q.); inocência; sala onde se recebem lições. 5 – Insinua; versado; batráquio anfíbio aquático, anuro, da família dos ranídeos. 6 – Outra coisa; medida itinerária chinesa; filtrar; som de canhão. 7 – Utensílio de mesa de três ou quatro dentes que faz parte do talher; carapuça. 8 – Ecoar; lusitano; a consciência; nome da letra I (pl.). 9 – Sorri; que perdeu o gume; afecção da pele, caracterizada pela formação das vesículas e crostas. 10 – Balbúrdia; pilhagem; pêlo de alguns animais, em especial do carneiro. 11 – Transitar; antes do meio-dia (abrev.); armadilha. 12 – Aquele ou aquilo que é de qualidade inferior à de todos os outros; contr. da prep. a com o art. def. o; deus egípcio; a tua pessoa. 13 – Barba que se deixa crescer na parte inferior do queixo; homem peludo e feio (fig.); transponha.

**VERTICAIS:** 1 – Nome da letra M; deslocas-te para fora; pref. de origem latina, que exprime a ideia de aquém de, do lado de cá de, deste lado de. 2 – Compaixão; ponto cardeal oposto ao norte; declarar. 3 – Vacina antibuberculosa (abrev.); jovial; nome da letra P. 4 – Elogio; prender-se com elos; sobressair. 5 – Prover; reduza a p. 6 – Tipo de sapo grande; bolor do vinho. 7 – Conciliar; acotar-se. 8 – Bezzerro; calcar. 9 – Nefasto; o dia 15 de Março, Maio, Julho e Outubro, ou o dia 13 dos outros meses, no antigo calendário romano. 10 – Terreno aberto ou murado, em frente ou em volta das igrejas; nome da letra N. 11 – Filtra; reincidir. 12 – Fita os olhos em; interj. imitativa do som de queda ou explosão; chefe etíope. 13 – Nome de letra grega que corresponde ao P latino; berro (fig.); gavinha. 14 – Grande cão de fila; fman (bras.); a tua pessoa. 15 – Vende a crédito; divindade que se supunha ser inspiradora da poesia; haste terminada em bico.

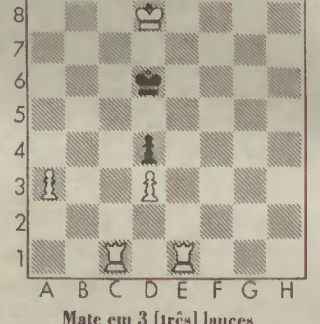


**SOLUÇÃO:**  
HORIZONTAIS: 1 – Edifício; favo; copo. 2 – Edifício; favo; copo. 3 – Edifício; favo; copo. 4 – Edifício; favo; copo. 5 – Edifício; favo; copo. 6 – Edifício; favo; copo. 7 – Edifício; favo; copo. 8 – Edifício; favo; copo. 9 – Edifício; favo; copo. 10 – Edifício; favo; copo. 11 – Edifício; favo; copo. 12 – Edifício; favo; copo. 13 – Edifício; favo; copo. 14 – Edifício; favo; copo. 15 – Edifício; favo; copo.

**SOLUÇÃO:**  
VERTICAIS: 1 – Edifício; favo; copo. 2 – Edifício; favo; copo. 3 – Edifício; favo; copo. 4 – Edifício; favo; copo. 5 – Edifício; favo; copo. 6 – Edifício; favo; copo. 7 – Edifício; favo; copo. 8 – Edifício; favo; copo. 9 – Edifício; favo; copo. 10 – Edifício; favo; copo. 11 – Edifício; favo; copo. 12 – Edifício; favo; copo. 13 – Edifício; favo; copo. 14 – Edifício; favo; copo. 15 – Edifício; favo; copo.

# Xadrez

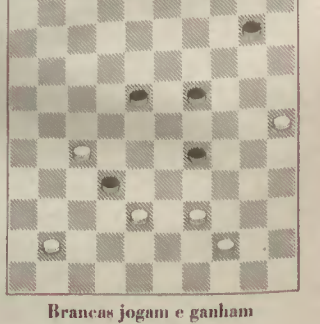
DCCLXXIX – 30 DE NOVEMBRO DE 2000  
PROPOSIÇÃO N.º 2000X45  
Por: J. W. Abbott  
«Baltimore News», 1890  
Pr.: [2]: Pd4 – Rd6  
Br.: [5]: Ps. a3, d3 – Ts. e1, e1 – Rd8



Mate em 3 [três] lances  
\*\*\*  
SOLUÇÃO DO N.º 2000X45/J. W. A.  
1. Tg7, Rf5; 2. Rg7, Rf5; 3. Tg5 # ...

# Damas

DCCLXXIX – 30 DE NOVEMBRO DE 2000  
PROPOSIÇÃO N.º 2000D45  
Por: Jan J. H. Scheijen  
NL, 1954  
Pr.: [5]: 10-18-19-29-32  
Br.: [6]: 25-27-38-39-41-44



Branco jogam e ganham  
\*\*\*  
SOLUÇÃO DO N.º 2000D45/J. J. H. Sch.  
1. 27-22, (32x34); 2. 22x33, (34-39\*);  
3. 25-20, (39x50=1); 4. 20-14, (50x46);  
5. 14x5=D +

## Religiões

• Jorge Messias

# Golpe de mão no Leste europeu (IV)

**D**e tudo isto ressaltam aspectos fáceis de entender. A queda dos modelos de organização e de poder praticados nos países do Leste europeu representou um gravíssimo desaire para o PCUS e para o socialismo em geral, mas não a sua morte ou a extinção das suas bases naturais de apoio. Estas não cessam de crescer com o avolumar dos problemas sociais.

Do mesmo modo, foram demolidoras as ondas de choque que atingiram os demais partidos e movimentos proletários europeus. Mas os sérios e inegáveis recuos verificados não representaram a sua efectiva desapareição. Por

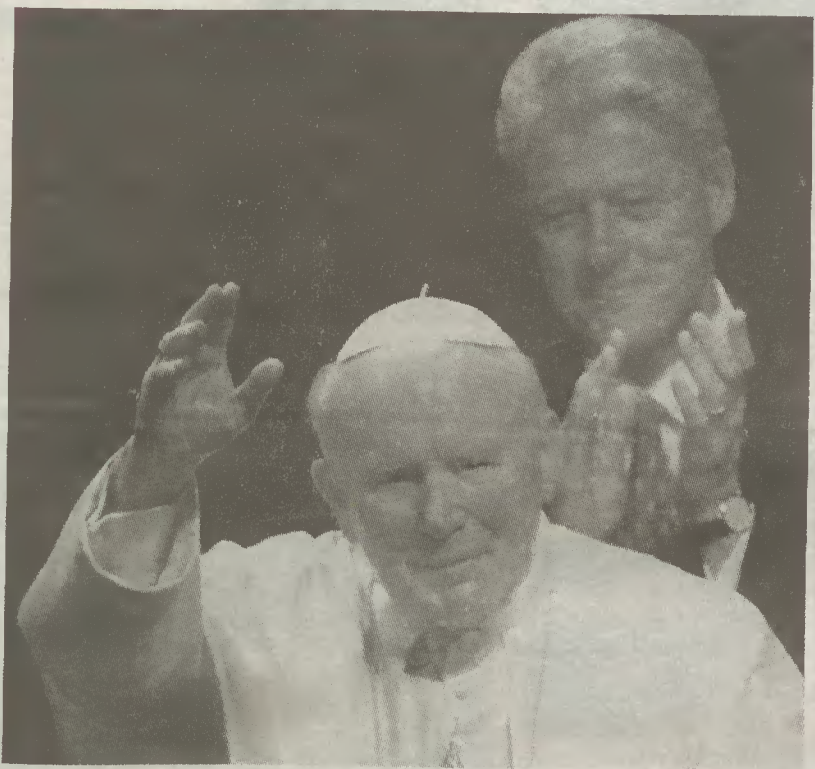
nados, o mesmo se pode afirmar em relação à esmagadora pobreza resultante do saque dos estados ex-socialistas, à miséria em que passaram a viver gigantescas parcelas dos povos africanos ou sul-americanos, ao alastramento das bolsas de pobreza no interior das sociedades mais ricas ou à incapacidade de gestão e de resolução das gravíssimas crises monetárias e financeiras resultantes do próprio sistema oligárquico. Se a ditadura do capital produziu margens de lucro cada vez maiores, é por de mais evidente para a opinião pública que tal não significa progresso. Factores como informatização, globalização ou melhor distribuição das riquezas já não iludem ninguém. Assumem-se já como grosseira manipulação. Funcionam invariavelmente no interesse dos mais ricos e dos mais poderosos.

### O exemplo do Leste

O puro capitalismo nada cria. Controla e gere os problemas sociais que surgem no seu caminho. Queima o tempo e promove o lucro. Intriga e conspira contra os trabalhadores. Apropria-se, em seu proveito, do génio criativo da humanidade. Veja-se o que aconteceu no Leste europeu: povos inteiros que recuaram dos caminhos do socialismo para a escravidão; milhões de crianças e de velhos que a fome e a doença rapidamente irão exterminar; vitórias estrondosas obtidas contra a ignorância e o analfabetismo reduzidas a nada; e uma pátria enorme, orgulhosa dos seus valores morais e matriz de uma nova humanidade, vergada ao peso das algemas.

A igreja católica orgulha-se de ter promovido na Europa a força do capital. Ajudou a criar um mercado que a curto prazo a irá excluir. Nada disto é inesperado. É bem provável que a destruição consciente do poder de Estado no Leste europeu constitua para o Vaticano das oligarquias o seu canto do cisne. Que lhe restará, quando soçobrar o falso brilho do dinheiro e do poder corrupto? Ou quando desabarem os engadores andaimes de prosperidade erguidos pelos seus aliados naturais? Ou quando os trabalhadores de todo o mundo, provisoriamente enganados pelas mentiras, pelas trapagens ou pelas traições, se erguerem como um todo contra quem os explorou?

Teólogos conscientes e banqueiros bem sabem que, quando isto se afirma, nada garante tratar-se do enunciado palavroso de uma utopia da história. Mesmo para os cépticos, trata-se de probabilidades que se desenham com crescente nitidez nos horizontes de um futuro próximo.



toda a parte onde os partidos comunistas se descaracterizaram - mudando de nome e de símbolo, abandonando os princípios centrais do marxismo-leninismo, passando abertamente para o campo social-democrata ou, como acontece por exemplo no PCF ou no PCI, fazendo escandalosas aproximações à igreja católica e ao neoliberalismo - continuam a permanecer no seu interior muitos quadros politicamente honestos e capazes, e um grande número de homens e de mulheres apenas momentaneamente atraídos pelas sereias do consumismo. Com o tempo e o agravar das contradições do sistema dominante esta realidade não deixará de se revelar.

Portanto, a questão é que, tal como a igreja de João Paulo II, o poder capitalista internacional não resolveu com o vitorioso golpe de mão no Leste europeu os seus próprios problemas. Pelo contrário, aprofundou-os. Se a concentração de capitais atingiu cúmulos nunca imagi-

## Pontos Naturais

• Mário Castrim

### Miniférias

#### Campo

Há quem vá por flores  
ou por frutos  
ou por paisagens ou  
por sombras ou luz ou cor  
por um qualquer sinal ao abandono.

Eu cá é mais folhas. Cai  
o Outono...

#### Conimbriga

Elas  
foram ver as ruínas.

Eu  
fiquei-me no jardim  
a ver-me a mim  
no alongar dos anos.

(sem piada para os romanos)

#### Adriana

Estou a escrever no caderno  
onde guardei, para a Adriana  
as folhas das árvores.  
Guardadas  
ficarão para sempre. Transparentes.  
Jamais amarelas.

Podre, o poema não aprendeu com elas.  
Cedo ou tarde  
há-de saber que não será eterno.

(A não ser que a Adriana o guarde  
no seu caderno)

#### Costa Nova

no palheiro do meio  
a minha infância está

vejo-me lá  
enquanto lasso  
arrasto o meu cansaço  
no passeio

Olha pra mim, não tenhas medo, vá,  
digo ao menino que está  
no palheiro do meio

#### Aveiro

O luar.

O jardim.

A voz do mar.

e tudo é estar em mim  
como se fosse a face  
de uma história  
como se tudo  
não passasse  
de memória

(e não é na memória  
da imaginação  
que todas as histórias  
estão?)

#### Olha, uma sátira!

Não acredites  
neste moliceiro.  
Não passa  
de um turista  
submisso  
à cata de dinheiro  
perdido já o instinto do moliço.

(Torna a ler.  
Escrevi uma sátira sem saber)

## Cartoon

• Monginho

QUE SEJA DURANTE  
MUITO TEMPO!  
O MUNDO AGRADÉCE !!!

BUSH É PRESIDENTE OFILIOSO  
AL GORE PROTESTA.  
OS ESTADOS UNIDOS CONTINUAM  
SEM PRESIDENTE ...

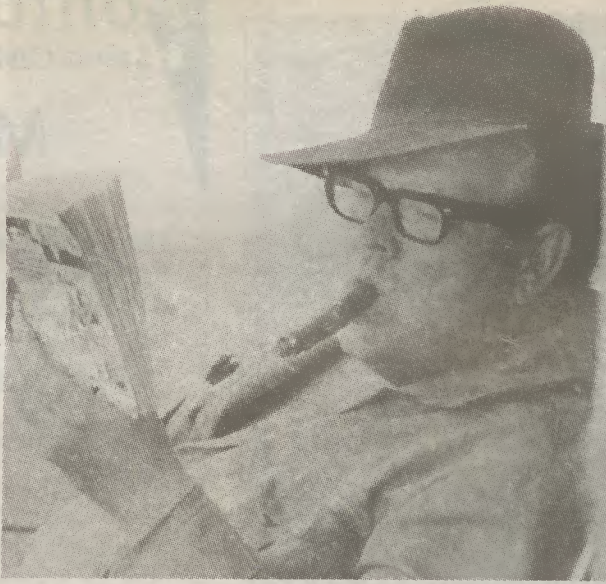


**ATVer**

Orson Welles

**Macbeth** (Sexta-feira, 1, às 0,30, na RTP2)

Eis aqui um exemplo de uma obra de arte que começa a sua «carreira» pelo insucesso e pela rejeição e acaba, afinal e poucos anos depois, a ser considerada um marco na história. Foi com este filme que **Orson Welles** iniciou a sua incursão nos textos de Shakespeare, foi também com ele que começou o seu longo exílio de Hollywood que veio a durar dez anos. Mas Welles estava talhado para se tornar maldito por ir fundo de mais na alma humana e a sua primeira obra deixava desde logo anunciar um longo rosário de malquerenças e de ódios, por denunciar, com arte e agudeza, os meandros obscuros da ambição e do poder. Foi



1937, com uma simples história escrita para fazer brilhar um par que se tornou famoso - **Fred Astaire e Ginger Rogers** - rodopiando sobre a música de **George e Ira Gershwin**. Música, interpretação, realização mostram-se de tal qualidade que passamos sobre a pobreza da história sem dar por ela. E aceitamos o preto e branco - de resto de grande qualidade - imaginando facilmente a cor.

**As Grandes Manobras** (Quarta-feira, 6, à 1,25, na RTP1)

Há quanto tempo não passava um filme francês na televisão portuguesa? E há quantos séculos não tínhamos oportunidade de rever um realizado por **René Clair**? Pois aqui está ele e, apesar da hora tardia, é de não perder. Embora, no nosso gosto, não possa dizer-se que seja das melhores obras do mestre que, quanto a nós, «escrevia» melhor a preto e branco do que «pintava» a cores. A história, melancólica como convinha a **René Clair**, emergindo de sentimentos contraditórios e de acasos, é capaz de ter «envelhecido» bastante desde 1955. Mas quem não envelheceu na película foram os protagonistas - **Michèle Morgan, Gérard Philipe** (prematuramente falecido) e **Brigitte Bardot** em início de carreira,



Um par famoso - Fred e Ginger

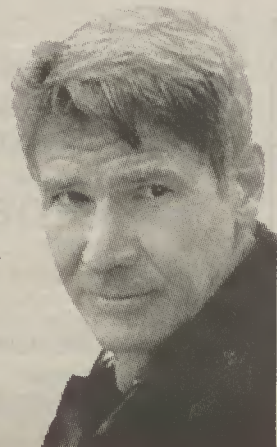
assim que o festival de Veneza recusou este filme realizado em 1948, que transporta para o cinema, com novidades narrativas e um soberbo *décor*, os sentimentos e conflitos da peça de um velho mestre que também em vida não foi muito feliz...

**A Lança Quebrada** (Sábado, 2, às 19,00, na RTP2)

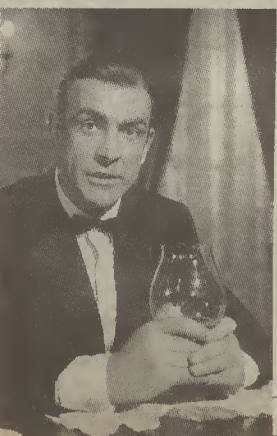
Aqui está um clássico do *western*, já várias vezes retomado na televisão, mas que vale sempre a pena visitar. É mais uma vez Shakespeare vem assombrar o ecrã, pela mão de **Edward Dmytryk**, um realizador de qualidade que o tempo parece ter afogado em esquecimento. O «Rei Lear» veste a pele de um velho rancheiro do Oeste, duro e autoritário, que governa as suas terras com a mesma mão de ferro que usa com severidade sobre os seus quatro filhos. O quarto, porém, é fruto de um casamento tardio com uma índia... Mas deixemos a quem não conhece a história o prazer de a descobrir protagonizada por actores de peso - **Spencer Tracy, Richard Widmark, Robert Wagner** e outros.

**Vamos Dançar?** (Terça-feira, 5, às 2,45, na RTP1)

Há filmes que nos habituamos a conhecer pelo nome próprio e de que esquecemos sempre a tradução. Este é um deles, chamado em inglês **Shall we dance?**, apropriadamente traduzido em português, embora o título original lhe empreste uma aura maior na memória cinéfila. Trata-se de um musical rodado em



Aventuras na SIC



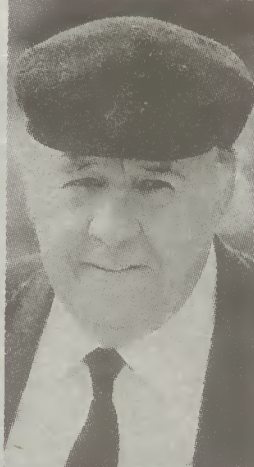
**Seis Dias, Sete Noites** (Domingo, 3, às 18,00, na SIC)

Mais um filme de aventuras, que a gente também precisa de se distrair. A SIC - e não só - exagera ao pretender que os seus filmes sejam muitas vezes apresentados como «estrela em televisão». Este «divertido e exótico filme de aventuras» já andou por aí no pequeno ecrã. Mas não é razão para quem o não viu deixe de passar um pedaço de tarde de domingo a assistir às peripécias protagonizadas por **Harrison Ford**, o eterno aventureiro das selvas, em mais uma selva «sul-americana». Ele e **Anne Heche** vão «lutar pela sobrevivência». O telespetador, se calhar, não precisará de lutar contra o sono...

Quinta, 30

**VRTP1**

- 07.00 Infantil/Juvenil
- 09.45 Praça da Alegria
- 12.30 Regiões
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 Marcas da Paixão
- 14.45 Rosalinda
- 15.50 Agora É que São Elas
- 17.25 Quebra Cabeças
- 17.55 Quem Quer Ser Milionário?
- 18.30 Ajuste de Contas
- 19.40 Regiões
- 20.00 Telejornal
- 21.10 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?
- 21.45 Cruzamentos
- 22.40 Programa não designado
- 00.10 24 Horas
- 00.40 Força de Operações Especiais
- 01.40 «Amigas e Rivais» (de Jocelyn Moorhouse, EUA/1997, com Michelle Pfeiffer, Jessica



Luís Alberto, o Avô Xavier de «Jardins Proibidos»



«Mundo Perfeito», mais uma série britânica

Lange, Jason Robards, Jennifer Jason Leigh, Keith Carradine. Drama)

**VRTP2**

- 07.00 Hora Viva
- 09.45 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)
- 13.00 Vila Faia
- 14.00 Anos 70 (Reposição - 4º Episódio)
- 15.00 Zapping
- 16.00 Euronews
- 17.30 Brigada Submarina
- 18.30 Informação Religiosa
- 19.00 Onda Curta
- 19.30 Pelo Mundo Fora
- 20.00 Cidade Louca
- 20.30 Viver no Campo
- 21.00 Projecto Gollfinho
- 22.00 Acontece
- 22.30 Jornal 2
- 23.00 Duas Vozes
- 24.00 «Trainspotting» (de Danny Boyle, R.Unido/1995, com Ewan McGregor, Ewen Bremner, Jonny Lee Miller. Comédia)
- 01.45 Gente da Cidade... Paris
- 02.20 Ballet Rose

**VSIC**

- 08.00 Buérecé
- 10.00 SIC 10 Horas
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 História de Amor
- 15.00 Aquarela do Brasil
- 16.00 Fátima Lopes
- 17.00 O Cravo e a Rosa
- 18.00 Malhação
- 19.00 Uga Uga
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Laços de Família
- 22.00 Bairro da Fonte
- 23.00 Febre do Dinheiro
- 23.30 «Fugitivo a Abater» (de Robert Anthony, EUA/1995, com Frank Zagarino, Martin Kove. Acção)
- 01.30 Sai de Baixo
- 02.45 Último Jornal
- 03.15 No Fim do Mundo

**VTVI**

- 08.30 Animação
- 11.10 «Big Brother» (TVI Jornal no intervalo, às 13.00)
- 15.35 Batatoon
- 18.00 «Combate Mortal II - A Aniquilação» (de John R. Leonetti, EUA/1997. Acção)
- 20.00 Jornal Nacional
- 21.00 «Big Brother»
- 21.35 Jardins Proibidos
- 22.30 «Desperado» (de Robert Rodriguez, EUA/1995, com António Banderas, Salma Hayek, Joaquim de Almeida. Drama)
- 00.30 A Bola é Nossa
- 02.30 Seinfeld

Sexta, 1

**VRTP1**

- 07.00 Infantil/Juvenil
- 09.45 Praça da Alegria
- 12.30 Regiões
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 Marcas da Paixão
- 14.45 Rosalinda
- 15.50 Agora É que São Elas
- 17.25 Quebra Cabeças
- 17.55 Quem Quer Ser Milionário?
- 18.30 Ajuste de Contas
- 19.40 Regiões
- 20.00 Telejornal
- 21.05 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?
- 21.35 Milionários à Força
- 22.15 Histórias da Noite
- 23.50 Longa Metragem (Filme não designado)
- 01.30 24 Horas
- 01.55 Big Bang
- 02.10 «Ases do Céu» (George Pearson, Canadá/1993. Documentário)

**VRTP2**

- 07.00 Hora Viva
- 09.45 Espaço Infantil-Juvenil
- 12.45 Horizontes da Memória
- 13.10 Vila Faia
- 14.00 Anos 70
- 15.00 Duas Vozes
- 16.00 Euronews
- 17.30 Querida, Encolhi os Miúdos
- 18.30 Informação Religiosa
- 19.00 Andamentos
- 19.30 Pelo Mundo Fora
- 20.00 Cidade Louca
- 20.30 Viver no Campo
- 21.00 Animais e Plantas da Europa
- 22.00 Acontece
- 22.30 Jornal 2
- 23.00 A Outra Face da Lua
- 00.30 «Macbeth» (de Orson Welles, EUA/1948, com Orson

Sábado, 2

**VRTP1**

- 07.00 Infantil/Juvenil
- 13.00 Jornal da Tarde
- 14.00 Top +
- 15.50 «O Príncipe Quebra-Nozes» (de Paul Schibli, Canadá/1990. Animação)
- 17.10 Felicity
- 18.00 Ajuste de Contas
- 18.50 Futebol: Braga-F.C.Porto
- 21.00 Telejornal
- 22.15 Moda 21
- 22.45 Santa Casa
- 00.25 Lei Marcial
- 01.25 Máquinas
- 02.00 24 Horas
- 02.20 «Rapto sem Perdão» (de Richard Shepard, EUA/1996, com John Rubinstein, Amber Kain. «Thriller»)
- 03.45 «Silêncio de Morte» (de Daniel Petrie Jr., EUA/1997, com James Garner, Kim Coates, Marlee Matlin. Teledrama)

**VRTP2**

- 07.00 Euronews
- 09.00 Universidade Aberta
- 12.00 Iniciativa
- 14.00 Parlamento
- 15.00 Desporto
- 19.00 «A Lança Quebrada» (de Edward Dmytryk, EUA/1954, com Spencer Tracy, Richard Widmark, Robert Wagner, Katy Jurado. Ver Destaque)
- 21.00 A História da Indústria
- 21.30 Jornal África
- 22.00 Horizontes da Memória
- 22.30 Jornal 2
- 23.00 O Lugar da História
- 24.00 Brit Com («Sim, Sr. Ministro»; «Mundo Perfeito»; «Liga de Cavalheiros»)
- 01.30 «Contos Imorais» (de Walerian Borowczyk, Fr./1974,



«Anos 70» na RTP2: ontem foi o 25 de Abril, hoje será o 1.º ano da nossa Revolução

Welles, Jeanette Nolan, Edgar Barrier, Roddy MacDowall. Ver Destaque )

**VSIC**

- 08.00 Buérecé
- 10.00 SIC 10 Horas
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 História de Amor
- 15.00 Aquarela do Brasil
- 16.00 Fátima Lopes
- 17.00 O Cravo e a Rosa
- 18.00 Malhação
- 19.00 Uga Uga
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Laços de Família
- 22.00 Residencial Tejo
- 23.00 Febre do Dinheiro
- 23.30 «Showgirls» (de Paul Verhoeven, EUA/1995, com Elizabeth Berkley, Kyle MacLachlan, Gina Gershon. Drama)
- 02.00 Jogo Limpo
- 04.00 Último Jornal

**VTVI**

- 08.30 Animação
- 12.00 «Big Brother»
- 13.00 TVI Jornal
- 14.15 «O Meu Computador Usa Ténis» (de Pp Peyton Reed, EUA/1995, com Kirk Cameron, Dean Jones. Comédia)
- 16.00 «Pióquio e Geppetto» (de Tom Moore, EUA/2000, com Drew Carey, Julia Louis-Dreyfus. Comédia)
- 18.00 «Olha Quem Fala Também» (de Amy Heckerling, EUA/1990, com John Travolta, Kirstie Alley. Comédia)
- 20.00 Jornal Nacional
- 21.00 «Big Brother»
- 21.35 Jardins Proibidos
- 22.30 «Jade» (de William Friedkin, EUA/1995, com David Caruso, Linda Fiorentino. «Thriller»)
- 00.30 «Amante de Sonho» (de Nicholas Kazan, EUA/1993, com James Spader, Machen Amick, Bess Armstrong. Drama)
- 02.30 Zona de Perigo

com Lise Danvers, Fabrice Luchini, Charlotte Alexandra, Paloma Picasso. Erótico)

**VSIC**

- 07.30 Zip Zap
- 11.15 Dá-lhe Gás
- 12.00 O Nosso Mundo
- 13.00 Primeiro Jornal
- 14.00 «007 Contra Goldfinger» (de Guy Hamilton, R.Unido/1964, com Sean Connery. Ver Destaque)
- 15.30 Master Ténis de Portugal (Semi-final)
- 18.00 Malhação
- 19.00 Uga Uga
- 20.00 Jornal da Noite
- 21.00 Querido Professor
- 22.00 Cuidado com as Aparências
- 22.40 Herman Sic
- 00.40 «Velocidade Terminal» (de Deran Sarafian, EUA/1994, com Charlie Sheen, Nastassja Kinski. Espionagem)
- 03.45 Master Ténis de Lisboa
- 04.15 Último Jornal

**VTVI**

- 08.30 Animação
- 11.40 Top Rock
- 13.00 TVI Jornal
- 13.30 Contra-Ataque
- 14.30 4.ª A Fundo
- 14.45 Caras Lindas
- 16.00 «Onde Pára a Patrulha» (de Savage Steve Holland, EUA/1998, com Leslie Nielsen. Comédia)
- 18.00 «Regresso à Lagoa Azul» (de William Graham, EUA/1991, com Mia Jovovich, Brian Krause. Aventura)
- 20.00 Jornal Nacional
- 20.50 Jardins Proibidos
- 22.10 Bora Lá Marina
- 22.50 «A Sedutora» (de Roland Joffé, EUA/1999, com Patricia Arquette, Dermot Mulrooney. «Thriller»)
- 00.50 «Amor, Ódio e Loucura» (de Dick Lowry, EUA/1992, com Meredith Baxter, Stephen Collins. Drama)

## Domingo, 3

## ▶RTP1

07.00 Infantil/Juvenil  
12.30 Jet 7  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Made in Portugal  
15.15 Providence  
16.15 «Assassino por Engano» (de David Steinberg, Canadá/1997, com David Foley, Jennifer Tilly, David Higgins. Comédia)  
18.00 Patilhas e Ventoinha  
18.45 Ajuste de Contas  
20.00 Telejornal  
21.10 Histórias da Vila Como Ela É  
22.10 Domingo Desportivo  
23.30 24 Horas  
23.50 Liga dos Campeões - Magazine  
01.40 «O Sangue dos Outros» (de Claude Cabrol, Fr.-Canadá/1983, com Jodie Foster, Michael Ontkean, Sam Neill, Stefane Audran. Drama)

## ▶RTP2

07.00 Euronews  
09.30 Programa Religioso  
10.30 Missa  
12.00 A Outra Face da Lua  
13.30 Andamentos  
14.00 Desporto  
18.30 O Genoma Humano  
19.30 Aristocratas  
20.30 Onda Curta (Curtas Metragem de Animação)  
21.00 Bombordo  
21.30 Artes e Letras - «Making of "Turandot"»  
22.30 Jornal 2  
23.00 Travessa do Cotovelo



«Vida Selvagem», a fascinante série da BBC na SIC

00.15 «The Ronnies by the Sea» (Longa Metragem. Comédia)

## ▶SIC

07.30 Zip Zap  
12.00 BBC Vida Selvagem  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Big Show  
15.30 Master Ténis de Portugal (Final)  
18.00 «Seis Dias, Sete Noites» (de Ivan Reitman, EUA/1998, com Harrison Ford, Anne Heche, David Schwimmer. Ver Destaque)  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Futebol: Benfica-Sporting  
23.00 Mundo VIP  
24.00 «Cobra - O Braço Forte da Lei» (de George Pan Cosmatos, EUA/1986, com Sylvester Stallone, Brigitte Nielsen, Reni Santoni. Acção)  
02.20 Último Jornal  
02.50 O Justiciero da Noite

## ▶TVI

08.30 Animação  
11.00 Espaço Religioso  
11.15 Missa  
13.00 TVI Jornal  
13.30 Aquanautas  
14.00 «More Than Puppy Love» (de Tom Whitus, EUA/1999, com Pamela Beach, Craig Benton. Comédia)  
16.00 «Macaw, o Aventureiro» (de Mario Andreacchio, Austrália/1999, com Jason Robards, Jamie Croft. Aventura)  
18.00 Roberto Leal  
20.00 Jornal Nacional  
20.50 «Big Brother»  
22.15 Jardins Proibidos  
23.00 112  
23.30 «Savate, o Lutador» (de Isaac Florentine, EUA/1994, com Ian Ziering, James Brolin. Acção)  
01.30 «Veterano de Guerra» (de Emilio Esteves, EUA/1996, com Martin Sheen, Emilio Estevez, Kathy Bates. Drama)  
04.00 PSI Factor III

Nota:  
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

## Segunda, 4

## ▶RTP1

07.00 Programação Infantil-Juvenil  
08.30 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Marcas da Paixão  
14.45 Rosalinda  
15.50 Emoções Fortes  
17.30 Quem Quer Ser Milionário?  
18.40 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões (Local)  
20.00 Telejornal  
21.15 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?  
21.50 Agora É que São Eles  
23.20 Jogo Falado  
01.10 24 Horas  
01.35 «Telefone Vermelho» (de Kenneth Fink, EUA/1997, com Amy Pietz, Gail O'Grady, Michael Riley. Telefilme. Drama)

## ▶RTP2

07.00 Hora Viva  
10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
12.30 Horizontes da Memória  
13.10 Vila Faia  
14.00 Anos 70  
15.35 Parlamento  
16.00 Euronews  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Rotações  
19.30 Pelo Mundo Fora  
20.00 Cidade Louca

## Terça, 5

## ▶RTP1

07.00 Programação Infantil-Juvenil  
08.30 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Marcas da Paixão  
14.45 Rosalinda  
15.50 Emoções Fortes  
17.30 Quem Quer Ser Milionário?  
18.40 Ajuste de Contas  
19.40 Regiões (Local)  
20.00 Telejornal  
21.15 Concurso: Quem Quer Ser Milionário?



«Turandot» de Puccini - a história da nova encenação feita para a Ópera de Pequim: domingo, RTP2

21.50 Conde D'Abranhos  
22.50 João Nicolau Brechner  
00.30 Dinheiro Vivo  
01.00 24 Horas  
01.30 Desconhecidos  
02.30 «Vamos Dançar?» (de Mark Sandrick, EUA/1937, com Fred Astaire, Ginger Rogers. Ver Destaque)

## ▶RTP2

07.00 Hora Viva  
10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
12.45 Horizontes da Memória  
13.10 Vila Faia  
14.00 Anos 70  
15.00 O Lugar da História  
16.00 Euronews  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Bombordo  
19.30 Pelo Mundo Fora  
20.00 Cidade Louca  
20.30 Viver no Campo  
21.00 Animais e Plantas da Europa  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 «Vale Abraão» (de Manoel de Oliveira, Port./1993, com Leonor Silveira, Luís Miguel Cintra, Rui de Carvalho. Drama)  
01.00 No Rasto do Mal  
02.00 Rotações  
02.55 Ballet Rose

## ▶SIC

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Aquarela do Brasil  
16.00 Fátima Lopes  
17.00 O Cravo e a Rosa  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Laços de Família  
23.00 Febre do Dinheiro  
23.30 «O Intruso Adorável» (de Lasse Hallstrom, EUA/1991, com Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Danny Aiello, Gena Rowlands. Comédia Dramática)  
02.30 Sai de Baixo  
03.45 Último Jornal  
04.15 Toda a Verdade

## ▶TVI

08.30 Animação  
11.10 «Big Brother» (TVI Jornal no intervalo, às 13.00)  
15.35 Batatoon  
18.00 Impacto TV  
19.00 Dinheiro à Vista  
19.30 «Big Brother»  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Big Brother  
00.35 Os Homens do Presidente  
01.35 Última Edição  
02.25 Seinfeld

## Quarta, 6

## ▶RTP1

07.00 Programação Infantil-Juvenil  
08.30 Guia Dia a Dia  
10.00 Praça da Alegria  
12.30 Regiões  
13.00 Jornal da Tarde  
13.55 Marcas da Paixão  
14.45 Rosalinda  
15.50 Emoções Fortes  
17.30 Quem Quer Ser Milionário?  
18.40 Ajuste de Contas  
19.40 Futebol (Jogo da Liga dos Campeões)  
21.30 Telejornal  
22.35 Concurso: Quem Quer

Ser Milionário?  
23.55 24 Horas  
00.25 Força de Operações Especiais  
01.40 «As Grandes Manobras» (de René Clair, It.-Fr./1955, com Gérard Philipe, Michèle Morgan, Brigitte Bardot. Ver Destaque)

## ▶RTP2

07.00 Hora Viva  
10.00 Espaço Infantil-Juvenil (às 12.00: Euronews)  
12.45 Horizontes da Memória  
13.10 Vila Faia  
14.00 Anos 70  
15.00 O Lugar da História  
16.00 Euronews  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Bombordo  
19.30 Pelo Mundo Fora  
20.00 Cidade Louca  
20.30 Viver no Campo  
21.00 Animais e Plantas da Europa  
22.00 Acontece  
22.30 Jornal 2  
23.00 Zapping  
24.00 Sinais do Tempo  
01.00 Os Segredos dos Homens  
02.00 2001  
02.35 Geração de 60

## ▶SIC

08.00 Buérré  
10.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 História de Amor  
15.00 Aquarela do Brasil  
16.00 Fátima Lopes  
17.00 O Cravo e a Rosa  
18.00 Malhação  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
22.00 Laços de Família  
23.00 Febre do Dinheiro  
23.30 «O Intruso Adorável» (de Lasse Hallstrom, EUA/1991, com Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Danny Aiello, Gena Rowlands. Comédia Dramática)  
02.30 Sai de Baixo  
03.45 Último Jornal  
04.15 Toda a Verdade

## ▶TVI

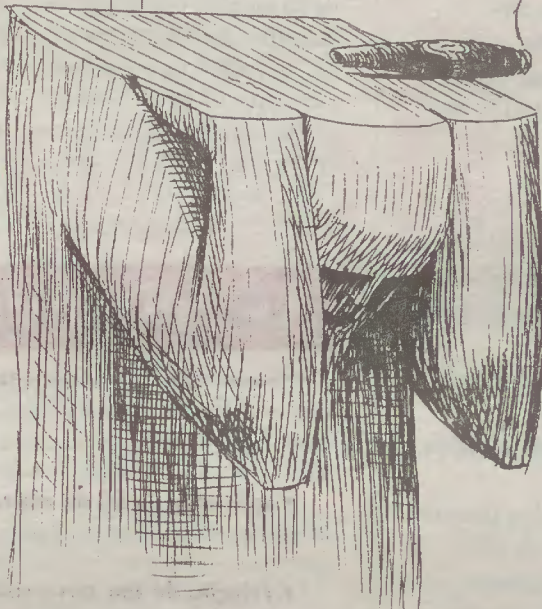
08.30 Animação  
11.10 «Big Brother» (TVI Jornal no intervalo, às 13.00)  
15.35 Batatoon  
18.00 Impacto TV  
19.00 Dinheiro à Vista  
19.30 «Big Brother»  
20.00 Jornal Nacional  
21.00 Big Brother  
21.35 Jardins Proibidos  
22.35 Tio Tac Milionário  
00.30 Última Edição  
01.20 Seinfeld  
01.45 «Heróis para a História» (de Lamont Johnson, EUA/1992, com Charles Heston, Richard Thomas. Drama)

**Twisto**

• Correia da Fonseca

# A televisão na «travessa»

Agora que parece estarem na moda as demissões, ou pelo menos o impacte mediático de algumas delas, tenho andado a pensar em demitir-me também eu, mas não de um partido político sob o fogo cruzado de diversos bombardeamentos dos media: demitir-me do informal clube de fãs de Maria João Seixas. Acho que até me assistem fundamentadas razões para isso, ao contrário do que acontece com alguns outros noutras questões, mas o caso é que não consigo fazê-lo. E esta minha incapacidade não decorre do indimentável carisma de Maria João, que é tão óbvio quanto e muito de acertado



que caracteriza o seu trabalho na TV. Fosse ela capaz de alargar a sua informação em matéria política, que me parece estreita, e estaria em vias de extinção o meu conflito interior. Como isso não acontece vou vivendo assim, até um dia. Entretanto vou vendo assiduamente a sua «Travessa do Cotovelo», quase sempre com agrado e vontade de aplaudir, embora nem sempre, como já aqui uma vez deixei escrito e explicado.

No passado domingo, o tema abordado na «Travessa» teve o título de «Ser-se telespectador» e estiveram em estúdio, além dos habituais convidados residentes, Miguel Gaspar e Eduardo Cintra Torres, ambos críticos de TV, o sociólogo João Teixeira Lopes, e Dina Margato. Gostei de ouvir Miguel Gaspar (cujas ausências das páginas do «DN» já se prolonga e, tanto quanto sei, inquieta muitos dos seus leitores habituais), e já esperava gostar. Mas, um pouco para minha surpresa, as melhores intervenções pareceram-me ser as de João Teixeira Lopes: lúcidas, acertadas, obviamente assentes numa informação cultural e sociológica que se diria faltar a outros que deviam tê-la e não a têm. Surpreendente mas em sentido inverso foi Eduardo Cintra Torres, crítico de televisão no «Público». Eu bem sei que a inclusão do seu nome no genérico de um programa em transmissão diária na SIC é de pouco o que diz e o que escreve, mas de qualquer modo não está

decerto obrigado a exagerar. Ora, a obstinada defesa da opinião de que, a despeito da manifesta falta de diversidade que caracteriza os três principais canais portugueses de TV, sobretudo em «prime time», a possibilidade de escolha dos telespectadores não está afectada, afigura-se-me um exagero inútil. Isolado perante o desacordo de todos os outros, Cintra Torres chegou a argumentar que, sendo três os concursos simultaneamente no ar, «as pessoas escolhem». Como não o disse com o ar de estar a brincar com a gente, receio que, não querendo eu duvidar da credibilidade do crítico, a sua credibilidade tenha acabado mesmo por sair dali afectada. O que é mau para ele, embora isso possa importar-lhe pouco ou nada, mas também é mau para a crítica de TV em geral, e quanto a isso já eu acho que tenho o dever de importar-me, e muito.

Quanto ao resto, sucedeu o inevitável: da conversa acerca da condição de telespectador e das condicionantes que o limitam passou-se a conversar acerca dos programas que lhes são fornecidos. Eduardo Cintra Torres lembrou um dado que muitos ignoram e muitos outros esquecem: que são já cerca de dois milhões e meio os espectadores que têm acesso à TV por cabo. Mas esqueceu-se de dizer que o facto dos canais por cabo estarem ali, ao dispor, não implica que constituam já uma alternativa muito significativa aos canais tradicionais. Falou-se também do serviço público, tema que parece ter andado a ser empurrado para a adolescência, e Maria João Seixas recordou as suas três funções fundamentais: as de entreter, educar, informar. Também aí Cintra Torres lembrou, e bem, que as estações privadas podem igualmente executar esse serviço, talvez que já o fazem em parte, mas de novo se esqueceu de qualquer coisa de importante: que não estão obrigadas a fazê-lo, que o fazem se quiserem e como quiserem, que muitas e muitas vezes preferem optar pelo «desserviço público» sem incorrerem em mais que em reprovações de natureza deontológica e/ou ética. Quanto a Miguel Gaspar, proferiu o que eu senti como a melhor frase da noite: «Os críticos é que defendem os espectadores de televisão.» Relacioná-la com o habitual desfavor da crítica de TV mesmo no meio onde trabalha e, sobretudo, com a hostilidade por vezes brutal com que, são tratados pelas estações, é aprender muito acerca da existência da televisão em Portugal. Por estes breves apontamentos se perceberá que ao escolher este tema para a sua «Travessa do Cotovelo», Maria João Seixas decidiu muito bem e com alguma coragem. Lá volta, assim, a minha velha admiração por ela. Não é grave: um dia destes a Maria João volta a mostrar-se mal informada e sectária. E eu volto à minha anterior incomodidade.

## A talhe de foice

• Henrique Custódio

### A contenda

O conflito eleitoral nos EUA só ainda não se transformou na maior anedota planetária porque, à semelhança do «conto do rei vai nu», o mundo continua na fase da história em que a multidão elogia cegamente as vestimentas inexistentes do soberano por acreditar mais no que imagina ser a opinião dominante, do que naquilo que os seus próprios olhos vêem.

E o que os olhos de todo o mundo vêem... só visto!

Em primeiro lugar, temos a perversão do próprio sistema eleitoral norte-americano para a eleição do seu presidente que, ao entregar a decisão final a um colégio de grandes eleitores, abre caminho à extraordinária possibilidade de um candidato perder as eleições apesar de ter obtido a vitória nas urnas e vice-versa, ou seja, o candidato derrotado chegar à Casa Branca mesmo obtendo menos votos que o adversário. Papagueiam os beatos, na sua genuflexão ao Grande Totem do capitalismo, que a coisa tem de ser assim para salvaguardar a independência dos estados da União. Sumido e resumido, os pais da bela democracia dos EUA teriam garantido, com o tal colégio de grandes eleitores, que os estados poderosos não engolissem os mais pequenos em matéria de escolha presidencial.

Não se vê como. Aliás, Bill Clinton (para só darmos um exemplo) é de um estado insignificante e tal não impediu nem facilitou a sua chegada à presidência.

O que não explicam às pessoas é que o sistema do «colégio dos grandes eleitores» significa, pura e simplesmente, que o candidato que obtenha em cada estado uma vantagem nas urnas, por mínima que seja, arrecada a totalidade dos «grandes eleitores» atribuídos a esses estado, deixando o adversário a zero. Entretanto, como os estados mais populosos é que, proporcionalmente, elegem maior número de «grandes eleitores» (como é o caso da Florida, com os tais 25 actualmente em disputa), basta a um candidato arrebanhar as representações de alguns desses mais poderosos para... esmagar a vontade expressa pelos mais pequenos, ainda que estejam em maioria!

Resumindo: o grande problema das eleições presidenciais norte-americanas é que o voto dos eleitores não é universal e directo, apesar de se estar a eleger o presidente de toda a República.

Cada um dos 53 estados da União elege, na prática e apenas, os seus «grandes eleitores» - os tais que representam proporcionalmente a totalidade do eleitorado em cada estado. E o presidente será o candidato que obtiver o maior número desses «grandes eleitores» conquistados, estado a estado, segundo este belo sistema que permite ao vencedor local arrecadar a totalidade dos mandatos, deixando o adversário a zero ainda que tenha obtido sensivelmente os mesmos votos, como aconteceu agora na Florida.

O mais extraordinário é que, com tantos protestos, recursos e recontagens, nenhum dos contendores se lembresse de olhar o óbvio. É que este sistema de eleição indirecta subverte, à partida, os elementares princípios da democracia representativa, onde a cada eleitor corresponde um voto e todos os votos devem contar.

Mas, nos EUA, ganhar significa o vencedor ficar com tudo e o vencido sem nada.

Por que não havia de ser assim na sua «grande democracia»?!



## PSP-Porto responde com bastões a ovos 10 mil estudantes protestam

Depois de fecharem as suas escolas, 10 mil estudantes manifestaram-se nas ruas do Porto, acabando por ser dispersados à bastonada pela PSP. Contabilizaram-se 10 feridos.

Cerca de 10 mil estudantes de 25 escolas secundárias do concelho do Porto saíram à rua na manhã de terça-feira para exigir a suspensão da revisão curricular, a criação de um novo sistema de acesso ao ensino superior, a aplicação da lei da educação

sexual e a melhoria das condições materiais e humanas nas instituições.

Concentrados na Praça Humberto Delgado, em frente à Câmara Municipal, os estudantes seguiram pela Avenida dos Aliados até à Direção Regional de Educa-

ção do Norte (DREN). Enquanto aguardavam o fim da reunião entre dirigentes da Plataforma de Associações de Estudantes do Ensino

Secundário do Porto e representantes da DREN, os alunos envolveram-se em confrontos com a PSP. Segundo testemunhas contactadas pelo *Avante!*, os alunos começa-

ram a bater nas chapas metálicas que vedam o acesso às obras do metropolitano com «o objectivo de fazer barulho», e obtiveram bastonadas como única resposta dos agentes da PSP. A reacção não se fez esperar e os estudantes começaram a atirar ovos e garrafas de plástico. O ataque policial recrudescer, conseguindo dispersar os manifestantes. Cerca de dez pessoas ficaram feridas, tendo algumas sido imediatamente hospitalizadas.

Em declarações ao *Avante!*, Belmiro Magalhães, dirigente da Plataforma de Associações de Estudantes, reconhece «a atitude imatura dos estudantes», mas diz que «seria de esperar mais bom senso por parte das autoridades». «Foi um exagero. Uma aluna chegou mesmo a desmaiar por ter sido atingida na cabeça», afirmou. Esta opinião é partilhada por um funcionário da DREN, citado pela Lusa, que assistiu à carga policial e que considera que o comportamento adoptado por alguns alunos «não era justificação para baterem com alguma violência em crianças de 12, 13 e 14 anos».

«Seria de esperar mais bom senso das autoridades», diz Belmiro Magalhães

### As reivindicações

• **suspensão da revisão curricular** - além de não terem sido consultados, os estudantes contestam a introdução de aulas de 90 minutos, do 13.º ano, da área-projecto e o elevado número de cursos por que os alunos do 9.º ano têm de optar;

• **aplicação da lei da educação sexual** - regulamentada em Agosto após as reivindicações dos alunos, aguarda-se agora a sua aplicação em todas as escolas;

• **criação de um novo sistema de acesso ao ensino superior** - eliminação progressiva dos *numerus clausus*, valorização da avaliação contínua e desaparecimento das provas de carácter eliminatório;

• **investimento material e humano nas escolas** - a maioria das escolas estão degradadas, há falta de bibliotecas, cantinas, pavilhões, laboratórios. O número de pessoal auxiliar e de professores é insuficiente.

### Continuar a luta

Belmiro Magalhães sublinhou a importância da continuação da luta contra a revisão curricular e afirmou que, se não obtiverem respostas às suas reivindicações por parte do Ministério da Educação, as manifestações e os protestos vão prosseguir.

Este dirigente estudantil refere ainda que a participação superou as expectativas, já que se apontava para o encerramento de 20 estabelecimentos e não 25, como acabou por acontecer.

Helder Morais, da JCP, considera que «o Governo continua a desresponsabilizar-se do ensino, continua a ignorar os estudantes, as suas opiniões e reivindicações. Há que continuar a lutar».

Manifestando a solidariedade da JCP aos alunos do secundário, Helder Morais afirma que «não havia necessidade de usar a força desta maneira». «A PSP usou violência bruta para responder a ovos. É intolerante», afirma.

Os estudantes do secundário marcaram já novas jornadas de luta, nomeadamente para a próxima quinta-feira, em Lisboa, e para o dia 15, no Barreiro.

Na segunda-feira

## Privatização da PT contestada

A quinta e última fase de privatização da Portugal Telecom (PT) tem lugar na segunda-feira, num ambiente de contestação por parte dos trabalhadores da empresa. Nesse dia, na mesma altura em que o Governo vende 99,9 por cento do grupo, a Bolsa de Valores de Lisboa vai ser palco de uma concentração de trabalhadores convocada por nove ORTs, que denunciaram o agravamento das condições de trabalho e do nível de vida dos funcionários.

Num comunicado à imprensa, as ORTs acusam o Governo de privatizar a PT com o objectivo de retirar direitos e regalias aos trabalhadores, reduzir brutalmente o número de efectivos e aumentar a precariedade do emprego.

«É preciso garantir um futuro sem sobressaltos aos trabalhadores no activo e aos que saem da empresa», exigem, contestando «as “reestruturações” permanentes com custos enormes, sem que

delas resultem melhorias visíveis na organização, no respeito pela competência humana ou na eliminação de cargos de chefia de topo, em muitos casos com funções puramente fictícias.»

Os trabalhadores exigem a negociação de um Acordo Colectivo de Trabalho para todas as empresas do grupo PT e uma formação profissional adequada. Entretanto já foram solicitadas reuniões com carácter de urgência ao ministro do Equipamento Social, ao presidente do grupo PT, aos grupos parlamentares, à comissão parlamentar do Equipamento Social e à comissão parlamentar do Trabalho e Segurança Social.

### Campanha do PCP

O PCP está a distribuir um panfleto contra a privatização da PT, em que divulga alguns números e situações graves que se passam na empresa,

como o facto de, em cinco anos, terem sido liquidados cerca de 8 mil postos de trabalho efectivo no grupo e muitas centenas de trabalhadores com cerca de 50 anos e larga experiência profissional terem visto os seus contratos suspensos, colocados na pré-reforma ou reforma antecipada.

Ao mesmo tempo, generalizou-se o recurso de «serviços ao exterior», com a entrega de áreas vitais a empresas onde predomina o trabalho precário e os salários baixos.

O aumento do número de administradores é chocante: enquanto em 1995 existiam sete, actualmente existem mais de 100, cujas remunerações mensais passaram dos 700 contos em 1996 para cerca de 5 mil contos hoje. A esta quantia devem ser somados «prémios» milionários e muitos milhares de contos de acções.

Com a quinta fase de privatização, o Estado português fica com apenas 500 acções da PT.

